

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL

Sonia Carvalho de Santana

**A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL ATUANDO NA PREVENÇÃO DO
HIV/AIDS – UM ESTUDO A PARTIR DA IGREJA EVANGÉLICA
ASSEMBLEIA DE DEUS**

São Leopoldo
2012

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL

Sonia Carvalho de Santana

**A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL ATUANDO NA PREVENÇÃO DO
HIV/AIDS – UM ESTUDO A PARTIR DA IGREJA EVANGÉLICA
ASSEMBLEIA DE DEUS**

Trabalho final de Mestrado
Profissional para obtenção do Grau
do Mestre em Teologia Escola
Superior de Teologia Programa de
Pós-Graduação Linha de pesquisa:
HIV AIDS.

Orientador: André S. Musskopf.

São Leopoldo
2012

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL

Sonia Carvalho de Santana

**A ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL ATUANDO NA PREVENÇÃO DO
HIV/AIDS – UM ESTUDO A PARTIR DA IGREJA EVANGÉLICA
ASSEMBLEIA DE DEUS**

Trabalho final de Mestrado
Profissional para obtenção do Grau
do Mestre em Teologia Escola
Superior de Teologia Programa de
Pós-Graduação Linha de pesquisa:
HIV AIDS.

Andre S. Musskopf – Doutor em Teologia – Escola Superior de Teologia

Laude Erandi Brandenburg – Doutora em Teologia – Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a DEUS, pela benção de viver. Obrigada por ter me dado força, sabedoria e iluminado meu caminho durante esta caminhada! A Ele toda a honra: “*O Senhor é a minha rocha e a minha fortaleza [...]*.” Salmo 18:2.

À Igreja da Suécia, que diligentemente olhou para a América do Sul, alcançando-me com a possibilidade de conquistar o sonho deste mestrado.

À Prof.^a Dr.^a. Valburga Streck, por acreditar e ser audaciosa na condução deste projeto; Ao meu orientador, Prof. Dr. André Musskopf, os meus sinceros agradecimentos. Sua confiança e orientação foram capazes de fazerem-me trilhar por um crescimento que julgava impossível.

Aos professores que, no decorrer do curso desempenharam com dedicação as aulas ministradas e sempre me incentivaram a buscar mais conhecimento.

Aos colegas de turma, vencemos grandes obstáculos juntos! Estou torcendo por vocês! Admiro e guardarei no canto direito do peito, no local reservado à emoção, meu respeito por cada um.

Ao meu esposo J. Elício, pelo companheirismo, que de forma especial e carinhosa, me deu força e coragem. Obrigada por me ajudar a ver que as oportunidades aparecem, mas temos que saber que nem sempre elas vão estar disponíveis o tempo todo. Obrigada por enxugar minhas lágrimas, quando na verdade, a emoção e saudade não cabiam no peito.

Aos meus amados filhos, Katuscia e Jonathan Elício, por mostrarem maturidade e discernimento para abrir mão de tão preciosos momentos de férias em família, em favor de sonhar o sonho deste mestrado comigo!

“Creio que podemos transformar a tragédia da AIDS, da enfermidade e da doença, num desafio, numa oportunidade, numa possibilidade de recuperar na nossa sociedade, em nós mesmos, em cada um de nós e em todos nós, o sentido da vida e da dignidade. E, com esse sentido da vida e da dignidade, seremos capazes de lutar pela construção de uma sociedade democrática; de uma sociedade justa e fraterna”.

Herbert de Souza, o Betinho.

RESUMO

O objeto desta investigação é o espaço da Escola Dominical (ED) como um local de potencialidade para abordar e desenvolver prevenção em HIV/AIDS. Os objetivos específicos foram conhecer a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD), a Escola Dominical, seu currículo e como o HIV e a AIDS são/ ou podem ser abordados em seu conteúdo curricular de maneira a refletir na vivência e no cotidiano das relações afetivas. Para tanto, foi realizada pesquisa de revisão de literatura descritiva, exploratória e quantitativa sobre a Igreja e Escola Dominical, conteúdo curricular, prevenção em HIV/AIDS. De maneira sucinta são apresentados fatos relacionados à historicidade da Assembleia de Deus no Brasil, sua origem e abordagens teológicas, bem como a ênfase dada à prevenção do HIV/AIDS. Também é discutida a origem da Escola Dominical no mundo, no Brasil, em especial na Assembleia de Deus, sua forma organizacional, burocrática e administrativa, com destaque ao modelo curricular e conteúdo abordado nas diversas faixas etárias que se apresenta. Com isso, procura-se perceber a ocorrência e enfoque dado à abordagem sobre a epidemia de HIV/AIDS. De maneira geral a abordagem relacionada à historicidade destaca a figura dos expoentes Daniel Berg e Gunnar Vingren como fundadores da AD no Brasil. Em relação à Escola Dominical observou-se que sua origem praticamente acompanha a origem da igreja no Brasil. Ela utiliza conteúdo curricular orientado pelo Setor de Educação Cristã, disponibilizado às faixas etárias do maternal ao adulto. Utiliza para isso material padronizado e impresso pela casa Publicadora da Assembleia de Deus, chamado Lições/ Revista da Escola Dominical. É incentivado o aperfeiçoamento de professores da ED através de encontros e cursos específicos e ou literatura impressa. Quanto ao enfoque dado ao vírus HIV e AIDS observou-se que no currículo apresentado não há manifestação relacionado à atuação da ED com relação à prevenção. Quando ocorre abordagem frente a doenças, o mesmo se dá de maneira implícita, num contexto geral sem especificidade direta. Dessa forma, é possível inferir sugestão de conteúdo para possíveis abordagens.

Palavras-chave: HIV/AIDS, Prevenção, Escola Dominical, Educação Cristã, Assembleia de Deus.

ABSTRACT

The objective of this investigation is the Sunday School classes (SS) as a potential place to address and develop prevention to HIV/AIDS. Specific objectives were to know the Evangelical Church Assembly of God (AG), the Sunday School, its curriculum and how HIV and AIDS are /or could be approached in its curriculum content, to reflect the experience in daily affective relations. For this, a survey was conducted of literature descriptive review, exploratory and quantitative literature review about the Church and Sunday School, curriculum content, and prevention to HIV/AIDS. Succinctly facts relating to the historicity of the Assembly of God in Brazil, its origin and theological approaches, as well, as the emphasis on prevention of HIV/AIDS are presented. It also discusses the origin of Sunday School in the world, in Brazil, especially in the Assembly of God, its organizational form, bureaucratic and administrative, with emphasis on the curriculum model and content covered in the various age groups as presented. With this, search to understand the occurrence and focus given to the approach to HIV/AIDS. In general the approach related to the historicity highlights the exponents Daniel Berg and Gunnar Vingren as founders of AG in Brazil. Regarding Sunday School it was observed that its origin came almost with the origin of the church in Brazil. It uses content-oriented curriculum of the Division of Christian Education, available to ages from kindergarten to adult. It uses for this standardized material and printed by Publishing House of Assembly of God, called Lessons / Magazine Sunday School. It encourages the development of SS teachers through meetings and specific courses and/or printed literature. As for the focus given to HIV and AIDS It was observed that the curriculum presented no manifestation related to the performance of the SS regarding prevention. When the approach about the disease occurs, it will be at implying form, in a general context without direct specificity. Thus, it is possible to infer suggestion content for possible approaches.

Keywords: HIV/AIDS Prevention, Sunday school, Christian Education, Assembly of God.

SIGLAS

AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

HIV- Vírus da Imunodeficiência Humano

DST- Doenças Sexualmente Transmissíveis

MS – Ministério da Saúde

AD – Assembleia de Deus

CPAD – Casa Publicadora da Assembleia de Deus

FLM - Fundação Luterana Mundial

LBM – Lições Bíblica de Mestre

MP – Mensageiro da Paz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS	13
1.1 Origens.....	13
1.2 Doutrinas e Práticas na AD	20
1.3 Organização Eclesiástica	23
1.4 Liturgia	24
1.5 Assembleia de Deus e AIDS	26
2 ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL.....	29
2.1 As origens da Escola Dominical	35
2.2 Origens da Escola Dominical no Brasil.....	36
2.3 Escola Dominical na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil	37
2.4 Organização geral da Escola Dominical na Assembleia de Deus.....	39
3 A EPIDEMIA DO HIV/AIDS E A ESCOLA DOMINICAL.....	46
3.1 AIDS e seu Arcabouço Histórico	48
3.2 AIDS e Igreja	51
3.3 AIDS e Família	56
3.4 AIDS e Escola	58
3.5 AIDS e Escola Dominical	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS.....	72
ANEXOS	81
APÊNDICES	96

INTRODUÇÃO

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é uma realidade no mundo desde há muito. Na década 1980 ela começou a despertar interesse e pesquisa. Muitas pessoas, organizações e setores da sociedade, desde então, empenham suas energias no controle da epidemia. Esta realidade e a necessidade de envolver um número sempre maior de forças para lutar contra a doença tornam necessário um envolvimento também por parte das religiões. Essas, por sua natureza e pelas ações educativas que desenvolvem, devem ser parceiras na luta contra a epidemia que atinge também grande número de seus membros.

Fortalecer o caminho da prevenção representa um marco na integração saúde - educação - religião e não pode privilegiar um em detrimento do outro, pois são todos espaços que articulados com as políticas públicas de saúde, atingem os diversos sujeitos desse processo: estudantes, famílias, profissionais de educação, da saúde e comunidade religiosa. Esses, em apoio mútuo, representam potencial para estabelecer programas de prevenção, contribuindo para uma aprendizagem compartilhada por voluntários de instituições públicas e de organizações da sociedade civil cujas ações repercutem na redução da vulnerabilidade às doenças sexualmente transmissíveis e à AIDS (HIV/AIDS).

Partindo dessa preocupação, surge a pergunta disparadora que envolve abordar a temática de prevenção ao HIV/AIDS nos currículos da escola bíblica dominical, como espaço que abriga diferentes faixas etárias. Despertar para a inclusão do tema nos currículos de ensino das escolas bíblicas, chamadas escolas bíblicas dominicais, destaca potencialidades a serem descortinadas com o objetivo de contribuir para a prevenção em diferentes agravos, entre eles, HIV/AIDS no âmbito do meio religioso.

A temática envolvendo HIV/AIDS desperta reflexão responsiva no contexto religioso, aponta para a necessidade de rever posturas, conceitos e entendimentos. Dessa forma, surge a preocupação para entender como ocorre à prevenção em HIV/AIDS no currículo das escolas bíblicas dominicais da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil. Estaria, conforme mostram estudos¹, havendo consistência na relação entre religiosidade e melhores indicadores de saúde?

¹ STROPPIA, André. *Religiosidade e Saúde*. Belo Horizonte: Inede, 2008. p. 427-443.

O quanto se atua em prevenção nas instituições religiosas? Quais as dificuldades para desenvolver o tema prevenção em HIV/AIDS na Igreja Assembleia de Deus? Qual o enfoque a ser dado? No currículo da escola bíblica estaria previsto o enfoque de prevenção em HIV/AIDS? E, se estiver previsto, a qual faixa etária se destina? De que forma é trabalhado?

O fortalecimento e valorização das práticas no campo da promoção da prevenção das DST/HIV/AIDS, tão focado pela iniciativa científica, embora seja um direito, não é uma verdade que orienta escolhas racionais nem é suficiente para aumentar a liberdade de decisão das pessoas.² Conceber ferramentas e meios para cumprir o caráter educação-prevenção depende de esforços conjuntos e mútuos, com vistas à superação e prover a geração de projetos alternativos, inovadores e integrados, onde a soma de conhecimento oportuniza novas dimensões aos processos já desencadeados, contribuindo à organicidade das ações.

O conceito de vulnerabilidade e a estratégia da intersectorialidade surgem como possibilidades, embasando ferramentas para abertura de promissores caminhos na prevenção do HIV/AIDS. Este entendimento é condição necessária para o ato de cuidar, sob o ponto de vista humanístico e integral³.

As estratégias definidas e adotadas pelo Ministério da Saúde, materiais produzidos pelo Departamento DST/AIDS e Hepatites Virais, aliada a possibilidade de utilização do assunto nos conteúdos curriculares de escola bíblica dominical representam respostas diante da epidemia.

Esta pesquisa está pautada em duas hipóteses. A primeira é a partir da perspectiva da escola dominical, a utilização de seu currículo e materiais didáticos enquanto disparadores para tomada de decisão frente à prevenção do HIV/AIDS. A segunda hipótese é o discurso da igreja diante do vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS). Tendo em vista que é uma doença incurável que pode levar a morte e, ainda, carregada de preconceito e a igreja que deveria ser espaço de acolhimento aos portadores do HIV/AIDS, tem sido omissa nessa função.

Para efeitos de organização da pesquisa, esta foi dividida em três capítulos. O primeiro traz apanhado histórico sobre a Igreja Assembleia de Deus, mostrando a origem desta instituição, fundamentação doutrinária, organização eclesial e

² BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e Prevenção nas Escolas: *Guia Para a Formação de Profissionais de Saúde e Educação*. Brasília, 2008.

³ FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira. *Religiosidade de Adolescentes na Prevenção das DST/HIV*. *Revenferm UFPE online*. 2010 jan./mar; 4(1), p. 440-43.

litúrgica. Apresenta, também, um breve panorama da visão da AIDS em seu discurso público.

A segunda parte da pesquisa trata da escola dominical, o contexto social que originou esta atividade. Apresenta a escola dominical no Brasil, particularmente na Igreja Assembleia de Deus, sua organização administrativa e estrutura curricular.

A terceira e última parte apresenta brevemente a epidemia do HIV/AIDS e a Escola dominical. A AIDS em seu arcabouço histórico, a AIDS e a Igreja, família e escola. Neste ponto busca conhecer mais intensamente o conteúdo curricular e o discurso relativo ao tema enfocado na pesquisa.

Segue-se sugestão de proposta de Currículo sobre HIV/AIDS para abordagem na Escola Dominical da Assembleia de Deus. Saliendo que a abordagem propõe subsidiar a Escola Dominical enquanto espaço para Aconselhamento Pastoral, Espaço de Escuta.

Esperamos que com esse estudo possamos contribuir para mudar essa realidade, para que as pessoas contaminadas percam o medo de assumir que têm o vírus ou a doença, que a igreja e os que atuam na escola dominical se tornem agentes de promoção de uma atitude mais segura na prevenção do HIV/AIDS. Ansiamos também que essa pesquisa não se perca entre os temas afins nas bibliotecas públicas, mas que funcione como uma atalaia de uma Teologia do Cuidado, do amor e acolhimento aos que vivem/convivem com o vírus.

1 A IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

“A Assembleia de Deus responde geograficamente como Igreja protestante nacional por excelência [...]” Freston⁴

1.1 Origens

O protestantismo⁵, movimento iniciado na Europa no século XVI, têm como marco simbólico as 95 teses do teólogo cristão Martinho Lutero criticando uma série de práticas e doutrinas da Igreja Católica. Com isso Lutero foi responsável por desencadear a Reforma Protestante, que culminou com o surgimento de correntes cristãs dissidentes, que resultou na fundação de Igrejas como a Metodista, Anglicana, Calvinista e a própria Luterana. No século XX nos Estados Unidos, surgiu um novo movimento no seio do Protestantismo entre os fiéis metodistas insatisfeitos com a falta de fervor em suas igrejas. Devido aos cultos vibrantes, marcados por expressões de êxtase e fortes emoções, não demorou a se difundir pelos EUA, e posteriormente por países mais pobres, especialmente na América Latina.⁶

Afirma Cunha em seu livro *A Explosão Gospel*:

Depois de difundido pela Europa a partir do século XVI, o protestantismo estabeleceu-se nos Estados Unidos por intermédio de colonos ingleses no século XVII. Estes são os dois pontos de partida das correntes protestantes que instalaram, na América do Sul e no Brasil, a nova confissão cristã. Num primeiro momento, chegaram ao Brasil, vindos do Velho Continente, anglicanos ingleses e luteranos alemães. Eles vieram, a partir dos primeiros meados do século XIX, incentivados pela “abertura dos portos às nações amigas”. Mais tarde, ainda nesse século, chegaram ao Brasil fluxos de missionários já então instalados nos Estados Unidos: congregacionais, metodistas, batistas e episcopais. Posteriormente, já no alvorecer do século XX, foi à vez dos grupos pentecostais.⁷

⁴ FRESTON, Paul. *Protestantismo e Política no Brasil: da Constituinte a Impeachment*. São Paulo: UNICAMP, 1993. p. 66.

⁵ “*Protestantismo*” se refere aos grupos dissidentes da Igreja Católica Romana, provenientes do movimento chamado Reforma Protestante, que teve a sua origem no séc. XVI. O movimento tem várias ramificações, fazendo jus à sua ênfase no livre exame. Surgiu primeiramente através de Martinho Lutero, que a partir de profunda experiência religiosa, apelou para que a nobreza alemã lutasse contra as pretensões de domínio universal de Roma, Cf. Dicionário Brasileiro de Teologia / Fernando Bortolletto Filho. 2008. p. 817.

⁶ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo. ASTE, 1995. p. 17.

⁷ CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD X: Instituto Mysterium, 2007. p. 14.

O início do século é considerado o marco do nascimento do pentecostalismo,⁸ cujo como precursor foi o “apóstolo negro”, William Joseph Seymour⁹, que estudou na Escola Bíblica Betel, onde teve como professor C. Parham, e, sob desafio deste aos alunos a estudarem o livro dos Atos, ocorreu e se espalhou a manifestação da glossolalia.¹⁰

A história da Igreja Assembleia de Deus (AD) faz parte do movimento conhecido como maior fenômeno religioso do século denominado pentecostalismo.¹¹ Os marcos históricos fundantes ocorreram em 1901 em Topeka (EUA), quando uma senhora falou línguas estranhas após ter sido batizada com o Espírito Santo, e, em 1906 no episódio conhecido com Azusa Street, em Los Angeles, Califórnia, Estados Unidos. A glossolalia passou a identificar o movimento chamado pentecostalismo de “primeira onda”¹², trazido ao Brasil por dois imigrantes suecos. Estes chegaram a Belém do Pará, região norte do país, vindos de navio dos Estados Unidos, sob forte impacto de palavra profética recebida do pastor Adolfo Uildin. Nessa palavra receberam a indicação de viajar ao lugar chamado “Pará”, onde falariam ao povo de nível social muito simples.¹³

Os suecos eram Daniel Berg e Gunnar Vingren, jovens batistas, imigrantes que haviam recebido a experiência pentecostal e foram impulsionados pela chama de obedecer ao chamado divino. Partiram ao encontro do desconhecido, encontrando no Brasil uma condição climática adversa, costumes alimentares e

⁸ “Pentecostalismo”, doutrina da contemporaneidade dos dons espirituais com ênfase na glossolalia; rígidas normas orais e éticas, em uma busca incessante de santidade; [...] Movimento religioso evangélico onde há manifestações chamadas pentecostais, expressão dos dons espirituais como profecia, cura, falar em línguas estranhas. Cf. *Dicionário Brasileiro de Teologia* / Fernando Bortolotto Filho. 2008, p. 774.

⁹ CARVALHO, Osiel Lourenço de. *Hermenêuticas contemporâneas: a interpretação bíblica a partir da academia, da igreja Católica, da Igreja Universal do Reino de Deus, da teologia da libertação e da Assembleia de Deus*. São Leopoldo: EST/PPG, 2010, p. 28-29.

¹⁰ ALENCAR, Gedeon Freire – *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus* – origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911 – 1946. São Bernardo do Campo – SP; Universidade Metodista de São Paulo, 2000, p. 29.

¹¹ ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 557.

¹² Esta classificação de Paul Freston, segundo o qual o pentecostalismo poderia ser dividido em três “ondas”: a primeira representada pela Assembleia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, que teve início na década de 1910; a segunda, nos anos 50 e 60, com o surgimento de novas denominações, como Quadrangular, Deus é Amor e O Brasil Para Cristo; e a terceira, no final dos anos 1970 e início de 1980, com a Igreja Universal e Igreja da Graça, além de várias outras neopentecostais. FRESTON, Paul. *Uma Breve História do Pentecostalismo Brasileiro: A Assembleia de Deus*. Religião e Sociedade, vol. 16.n. 3, p.104-128, 1994. p. 108.

¹³ MARASCHINI, Jaci C. *Imagens da Assembleia de Deus*. Ciências da Religião. 1 vol. (77) p. 22.

culturais completamente distintos de sua origem. Porém tinham convicção que deveriam ensinar aos moradores locais os rudimentos da doutrina pentecostal.¹⁴

Daniel Högberg (conhecido como missionário Daniel Berg), nasceu em 19 de abril de 1884, em Vargön, Suécia, filho de Gustav Verner Högberg e Fredrika Högberg (pertencia à Igreja Batista). Era descendente de família simples, sem posses financeiras, e, segundo os padrões cristãos da época, foi considerado “pagão”, pois somente aos 15 anos foi batizado. Saiu de seu país com destino aos Estados Unidos, afetado pela “febre das Américas”. Situação que levou europeus pobres à busca de riqueza na promessa de vitória e conquista americana. Tem sua vida interligada a de Vingren e, as mesmas, ao Brasil.¹⁵

Berg chegou a solo brasileiro no ano de 1910, quando estava com 26 anos. Ele viveu no Brasil por 52 anos, retornando à Suécia onde faleceu em 1963. Tinha por profissão ser operário de fundição, e no Brasil trabalhou na *Companhia Port of Pará*.

Gunnar Adolf Vingren nasceu em oito de agosto de 1879, em Ostra Husby, Osterötland, Suécia. Desde a infância recebeu instruções sobre os preceitos bíblicos através da instrução de seus pais e também frequentou a escola dominical¹⁶. Enquanto jovem buscou preparo biblioteológico na Escola Bíblica de Götabro, Närke¹⁷, que era dirigida pelos pastores Emílio Gustavsson e C. A. Kihlstedt. Ainda buscando conhecimento para o exercício eclesiástico estudou por quatro anos no Seminário Teológico Sueco de Chicago, Estados Unidos. Com aproximadamente 24 anos de idade exerceu função ministerial junto à Primeira Igreja Batista, na cidade de Chicago e Michigan. Sua vida eclesiástica ainda o levou à Blue Island, Illinois e atuou como pastor em Mountain, Michigan.¹⁸ Concluindo seu momento de estudo teológico solicitou seu envio missionário, fato que embora não tenha ocorrido conforme o seu plano individual, o levou a conhecer o batismo no Espírito Santo. Chegou ao Brasil em 1910 onde viveu até 1932. Faleceu na Suécia em 29 de junho

¹⁴ OLIVEIRA, José O. *Relatos e Fatos da História das Assembleias de Deus no Brasil*. [S.l.:], p. 05-10.

¹⁵ ALENCAR, 2000, p. 51-56.

¹⁶ VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

¹⁷ A Escola Bíblica estava localizada na cidade de Götabro, província de NÄRKE, situada na parte sudoeste da Suécia.

¹⁸ COSTA, Arlete Duarte de Almeida. *O Papel das Escolas Teológicas das Assembleias de Deus na Formação de seus Quadros de Obreiros*. Escola Superior de Teologia: EST, 2009.

de 1933. No Brasil fundou a Igreja Assembleia de Deus, onde e exerceu a função pastoral na igreja – mãe em Belém, Pará.¹⁹

Berg e Vingren chegaram ao Brasil vindo dos Estados Unidos da América. Desembarcaram no estado do Pará na cidade de Belém, em 19 de novembro de 1910²⁰. Ao ouvirem o idioma local, lembrou-se da palavra e idioma utilizado pelo pastor Adolfo Uldim, quando proferiu profecia anunciando a vinda de Berg ao Pará.²¹ Desembarcaram em solo brasileiro sem conhecer nada ou alguém para onde pudessem buscar um referencial. Enfrentaram percalço para se hospedar, alimentar e subsistir nos momentos que se seguiram e acabaram sendo conduzido ao pastor Jerônimo Teixeira de Souza, da Igreja Batista de Belém. Aí permaneceram morando e frequentando cultos. Estiveram falando em várias igrejas locais, pois a notícia de que haviam chegado missionários estrangeiros se espalhou entre os fiéis e todos acorriam a ouvi-los.²²

Como pregadores logo causaram impacto, suscitando resistências e divisões internas entre a membresia batista local. Por fim, por conta de dissidência quanto aos ensinamentos sobre o Espírito Santo e glossolalia houve um rompimento interno. Sobre isto registra Freston:

Após sete meses em Belém, congregando na Igreja Batista, ocorreu um cisma a respeito da sua mensagem pentecostal. Dezenove pessoas foram excluídas da Igreja Batista e formaram uma nova igreja, a qual adotou o nome de “Missão de Fé Apostólica”. Era um dos nomes dos primitivos grupos pentecostais nos Estados Unidos. O nome “Assembleia de Deus” já fora adotado em 1917 (Vingren, 1982:93) e possivelmente antes. Mas, nos primeiros anos, ainda não estava claro que organização resultaria da nova mensagem.²³

O Dicionário do Movimento Teológico conforme informação do diário de Gunnar Vingren, afirma que tal fato ocorreu no dia 13 de junho de 1911. Passaram a reunir-se na residência de Celina Albuquerque, primeira mulher a ser batizada no Espírito Santo. Inicialmente o nome adotado para o novo movimento denominacional

¹⁹ ALENCAR, 2000, p. 53.

²⁰ PEREIRA, Walter Nei. *Temas bíblicos da escola dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas*. São Leopoldo: EST/PPG, 2011.p. 13.

²¹ ARAUJO, 2007, p. 34.

²² ARAUJO, 2007, p. 34-39.

²³ FRESTON, Paul. *Uma breve história do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de Deus. Religião e Sociedade*, Vol./ Nº. 16/3. p.104-129,1994. p.115.

foi “Missão da Fé Apostólica”, porém não sendo aceito foi adotado o nome de Igreja Assembleia de Deus.²⁴

Em 1916, foi aprovado pelo Concílio Geral das Assembleias de Deus nos Estados Unidos a Declaração de Verdades Fundamentais, e que conta com o total apoio das Assembleias de Deus no Brasil. Nele consta, os princípios das doutrinas pentecostais, assim citadas por Andrade:

1. As Escrituras Inspiradas: A Bíblia é a inspirada Palavra de Deus. Sendo a revelação de Deus ao homem, constitui-se ela na infalível regra de fé e conduta. É superior à consciência e à razão, mas não lhes é contrária (2 Tm 3.15; 1 Pe 2.2); **2. O Deus único e Verdadeiro:** O Deus único e Verdadeiro revelou-se como o eternamente, auto-existente e auto-revelado “Eu Sou”. Revelou-se ainda como aquele que incorpora os princípios da relação e associação como Pai, Filho e Espírito Santo (Dt 6.24; Mc 12.29; Is 43.10,11; Mt 28.19); **3. O Homem, Sua Queda e Redenção:** O homem foi criado bom e reto: pois Deus mesmo disse: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança”. Mas o homem, por transgressão voluntária, caiu, e agora sua única esperança de redenção está em Jesus Cristo, o Filho de Deus (Gn 1.26-31; 3.1-7; Rm 5.12-21); **4. A Salvação do Homem:** a) Condições de Salvação: A graça de Deus, que traz salvação a todos os homens, vem através da pregação do arrependimento para com Deus e da fé para com o Senhor Jesus Cristo. O homem, pois é salvo mediante a lavagem da regeneração, e da renovação do Espírito Santo, derramado sobre ele ricamente através de Jesus Cristo, nosso Salvador. E, tendo sido justificado pela graça, através da fé, torna-se ele herdeiro de Deus de acordo com a esperança da vida eterna (Rm 10.13-15; Lc 24. 47; Tt 2.11; 3.5-7). b) Evidências da Salvação: Para o crente. A evidência interior de salvação é o testemunho direto do Espírito (Rm 8.16). A evidência exterior constitui-se numa vida de retidão e verdadeira santidade (Lc 1.73-75; Tt 2. 12-14), na presença do fruto do Espírito (Gl 5.22) e no amor fraternal (Jo 13.35; Hb 13.1; 1 Jo 3.14); **5. A Promessa do Pai:** Todos os filhos de Deus têm o direito, e deveriam ardentemente esperar e intensamente buscar, a promessa do Pai, que é o batismo no Espírito Santo e no fogo, de acordo com o mandamento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Esta experiência era comum a todos os crentes na Igreja Primitiva. Com o batismo no Espírito, vem à dotação de poder para a vida e o serviço, a distribuição dos dons espirituais e seu uso no trabalho ministerial (Lc 24.49; At 4.8; 1 Co 12.1-31). **6. A Plena Consumação do Batismo no Espírito Santo:** A evidência inicial e física do batismo no Espírito Santo e no fogo é o falar noutras línguas, conforme o Espírito de Deus conceder (At 2.4). Esta maravilhosa experiência é distinta e subsequente a do novo nascimento (At 10.44-46; 11.14-16; 15.8,9); **7. Inteira Santificação, o Alvo de Todos os Crentes:** As Escrituras exortam-nos a uma vida de santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor. Pelo poder do Espírito Santo, somos capazes de obedecer ao mandamento que diz: “Sede santos, porque eu sou santo”. A inteira santificação é a vontade de Deus para todos os crentes, e deve ser ansiosamente buscada para que andemos em obediência à Palavra de Deus (Hb 12.14; 1 Pe 1.15,16; 1 Ts 5.23,24; 1 Jo 2.6); **8. A Igreja é Um Organismo Vivo:** A Igreja é um Organismo Vivo; é um corpo vivo. El é o corpo de Cristo; a habitação de Deus por meio do Espírito. Sua tarefa primordial é cumprir a Grande Comissão. Cada assembleia local é parte integral da Assembleia Geral e da Igreja dos primogênitos inscrita nos céus

²⁴ ARAUJO, 2007, p. 40 - 41.

(Ef 1.22,23; 2.22; Hb 12.23) **9. O Ministério e o Evangelismo:** Um ministério divinamente chamado e biblicamente ordenado, tendo em vista a evangelização do mundo, é o mandamento do Senhor, bem como a principal preocupação da Igreja (Mc 16.15-20; Ef 4.11-13). **10 A Ceia do Senhor:** A Ceia do Senhor, que consiste na distribuição do pão e do vinho, significa que já compartilhamos da natureza divina de Nosso Senhor Jesus Cristo (2 Pe 1.4). É um memorial de seus sofrimentos e da sua morte (1 Co 11.26), é uma profecia de sua segunda vinda (1 Co 11.26). A Ceia do Senhor foi ordenada a todos os crentes “até que ele venha”. **11. Batismo em Água:** A ordenança do batismo, simbolizando o sepultamento de Cristo, deve ser observada, conforme recomenda as Escrituras, por todos quantos se arrependem de seus pecados e aceitam a Cristo como o seu Salvador e Senhor. No batismo, tem o novo o crente corpo lavado em água pura como símbolo da purificação efetuada em seu interior pelo sangue de Cristo. Dessa maneira, ele declara ao mundo que morreu com Cristo e também com Ele ressuscitou, para andar em novidade de vida. (Mt 28,19; At 10.47,48; Rm 6.4; At 20.21; Hb 10.22). **12. Cura Divina:** O livramento de enfermidades é provido na expiação de Cristo, e é privilégio de todos os crentes (Is 53.4,5; Mt 8. 16,17); **13. Os Pontos Essenciais da Deidade.**²⁵

No lema da AD, onde se podem encontrar as ênfases principais desta corrente teológica, fica evidente, logo de início, seu cristocentrismo: *"Jesus salva, cura, batiza com o Espírito Santo e em breve voltará!"*.²⁶ Detalhando o lema da AD, Majewski destaca:

Em **Jesus** se baseia pequena e resumida profissão de fé começa por colocar Cristo como o autor da salvação, das curas, do batismo com o Espírito Santo, e termina com a esperança de que Ele volte em breve. Assim, antes de qualquer ênfase em sinais, maravilhas, dons, etc., vêm à fé no Deus Filho. **Salva** - neste ponto, a AD mantém a teologia clássica do protestantismo, mas talvez com alguma peculiaridade na ênfase dada à transformação do indivíduo (regeneração ou “novo nascimento”) e à sua santificação (numa espécie de puritanismo com peculiaridades bem brasileiras, manifestas através dos “usos e costumes”) como consequência da salvação. **Cura** - Ênfase na atualidade dos dons do Espírito, milagres e exorcismos, como sinais do poder e da presença de Deus entre o povo. A cura envolve todas as dimensões humanas: física, espiritual, emocional. **Batiza com o Espírito Santo** - Glossolalia (falar em línguas estranhas) como sinal (a “evidência inicial”) do Batismo com o Espírito Santo, além da ênfase nos dons deste mesmo Espírito para edificação da igreja. **Breve voltará** - A expectativa da volta iminente de Cristo para o arrebatamento dos santos e o julgamento dos ímpios, a qual leva a uma forte ênfase na missão (evangelização do mundo) para salvação das almas e na santificação, como preparo individual e separação do mundo para que o crente se apresente dignamente diante de Deus, sem ser pego de surpresa.²⁷

²⁵ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Manual do Superintendente da Escola Dominical*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. p. 89-98.

²⁶ Este, inclusive, é o lema que consta na capa do órgão oficial de comunicação da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), o jornal Mensageiro da Paz.

²⁷ MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública*. O discurso pentecostal no espaço público. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Programa de Pós-Graduação em Teologia, 2010. p. 30-31.

As igrejas pentecostais são tradicionalmente identificadas por sua ênfase às manifestações do poder de Deus como ação do Espírito Santo (glossolalia, milagres). O Jornal Mensageiro da Paz, em sua capa, traz o registro da Declaração de Verdades Fundamentais das Assembleias de Deus:

1) Cremos em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29). **2) Na inspiração verbal da Bíblia Sagrada**, única regra infalível de fé normativa para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17). **3) Na concepção virginal de Jesus**, em sua **morte vicária e expiatória**, em sua **ressurreição corporal dentre os mortos e sua ascensão vitoriosa aos céus** (Is 7.14; Rm 8.34 e At 1.9). **4) Na pecaminosidade do homem** que o destituiu da glória de Deus, e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo é que pode restaurá-lo a Deus (Rm 3.23 e At 3.19). **5) Na necessidade absoluta do novo nascimento pela fé em Cristo** e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus, para tornar o homem digno do Reino dos Céus (Jo 3.3-8). **6) No perdão dos pecados, na salvação presente e perfeita e na eterna justificação da alma**, recebidos gratuitamente de Deus pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26 e Hb 7.25; 5.9). - **7) No batismo bíblico efetuado por imersão do corpo inteiro uma só vez em águas**, em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6 e Cl 2.12). **8) Na necessidade e na possibilidade que temos de viver vida santa mediante a obra expiatória e redentora de Jesus no Calvário**, através do poder regenerador, inspirador e santificador do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas do poder de Cristo (Hb 9.14 e 1Pd 1.15). **9) No batismo bíblico no Espírito Santo que nos é dado por Deus** mediante a intercessão de Cristo, com a evidência inicial de falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7). **10) Na atualidade dos dons espirituais** distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme a Sua soberana vontade (1 Co 12.1-12). **11) Na Segunda Vinda pré-milenial de Cristo**, em duas fases distintas. Primeira - invisível ao mundo, para arrebatá-la Sua Igreja fiel da terra, antes da Grande Tribulação; segunda - visível e corporal, com Sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1Ts 4.16. 17; 1Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5 e Jd 14). **12) Que todos os cristãos comparecerão ante o Tribunal de Cristo**, para receber recompensa dos seus feitos em favor da causa de Cristo na terra (2Co 5.10). **13) No juízo vindouro** que recompensará os fiéis e condenará os infiéis (Ap 20.11-15). **14) E na vida eterna** de gozo e felicidade para os fiéis, e de tristeza e tormento para os infiéis (Mt 25.46).²⁸

A AD é considerada a maior representante do pentecostalismo clássico.²⁹ Enfatiza a manifestação dos dons do Espírito, bem como a santificação e vinda de Jesus. Empenha-se em mostrar uma feição coesa e coerente com suas práticas e crenças, bem como manter firme a identificação do movimento pentecostal.³⁰

²⁸ ANDRADE, 2000, p. 87-89.

²⁹ ARAUJO, 2007, p. 557, 568.

³⁰ O Dicionário do Movimento Pentecostal apresenta dez pontos que resumiriam esta identidade: 1- ênfase na espiritualidade e poder na vida dos crentes, por meio dos dons espirituais e glossolalia; 2-

A teologia pentecostal da AD remete reflexão histórica a partir da presença decisiva dos missionários suecos, sua influência escandinava até a década de 1950, seguido da presença americana na expansão de igrejas, por meio de institutos bíblicos, impressão de literatura traduzida e publicada na CPAD.³¹

A forte influência é sentida com a tradução e publicação de livros pelos missionários norte-americanos. Muitos livros de cunho teológico pentecostal vindo da outra América tornaram-se referência teológica dos obreiros brasileiros, [...] *Conhecendo as Doutrinas da Bíblia e Através da Bíblia*, de Myer Pearlman, traduzidos por Lawrence Olson. [...] *O Plano Divino Através dos Séculos*, do mesmo autor vendeu mais de 100 mil exemplares. Uma série de estudos bíblicos de Eurico Bergstén por muito tempo serviu como livro-texto da Escola Teológica das Assembleia de Deus no Brasil (Esteadeb), posteriormente transformada em livro *Teologia Sistemática* (CPAD). Completando a tríade literária que serve hoje de referência para a Teologia da Assembleia de Deus brasileira, foi lançada, também nos anos 90, a *Bíblia de Estudo Pentecostal* (CPAD), comentada pelo pastor Donald Stamps.³²

1.2 Doutrinas e Práticas na AD

Num olhar antropológico a doutrina pentecostal apresenta o ser humano, com natureza tricotômica: três partes distintas que juntas o constituem como ser. Esta comparação está baseado em 1 Tessalonicenses 5:23: “*Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo o espírito, a alma e o corpo de vocês sejam preservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.*” Sobre corpo, alma e espírito, a Bíblia de Estudo Pentecostal apresenta a afirmação que:

resistência ao sistema mundano e afastamento das coisas do mundo, expressos em um rigorismo ético-moral; 3- mudança social de seus adeptos pela transformação decorrente do evangelho; 4- ênfase na autoridade da Bíblia e sacerdócio universal dos crentes. Os outros itens estariam abrangidos por estes, como a ênfase no derramamento do Espírito Santo, abominação a pecado, a expectativa da vinda iminente de Cristo, a separação do pecado, ênfase no sobrenatural e forte identificação com os pobres, sofredores e marginalizados. ARAÚJO, 2007, p.357.

³¹ MAKEWSKI, 2010, p.10.

³² PAIXÃO, Daniel dos Santos. *A missão Sueca na Construção da identidade Assembleiana no Brasil*. Disponível em: <http://www.ceeduc.org/volume2numero1/a_missao_sueca_na_construcao_da_identidade_assembleiana_no_brasil.pdf>. Acesso em: 30 out. 2012.

O espírito é o componente imaterial do ser humano pelo qual se tem comunhão com Deus. A alma, igualmente imaterial é a sede das emoções, da razão e da vontade. Anela pelo contato com o mundo e o faz por intermédio do corpo. O corpo é a parte do ser humano que serve de abrigo para a dimensão espiritual, isto é a alma e o espírito e que volta ao pó quando a pessoa morre.³³

Desta forma o corpo é compreendido como parte tangível, exterior e perecível do ser humano, que é animado pela alma e espírito. Através do corpo a alma se conecta com o mundo físico. O corpo é, então, o envoltório da alma. Como afirma Duffield e Cleave: “O corpo natural, físico, do homem é apenas um tabernáculo temporário”.³⁴ Baseado nesta fundamentação a antropologia pentecostal coloca o corpo a serviço da alma e, como coisa externa, é concebida distinta de identidade humana.³⁵

O pentecostalismo é um movimento que valoriza a experiência no Espírito Santo. Fundamenta-se no capítulo 2 do livro dos Atos dos apóstolos, que apresenta a experiência do “Pentecostes”, onde há o relato do batismo no Espírito Santo e confirmado pelos dons de falar novas línguas.³⁶

Sobre a doutrina da AD Maraschin, resgatando o Mensageiro da Paz (MP)³⁷ escreve:

[...] cremos que Jesus Cristo é o único e suficiente Salvador, que só há salvação pela graça e pela fé em Jesus Cristo. Cremos em todas as doutrinas ensinadas por Jesus e pelos apóstolos. Da mesma forma cremos que “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para a eternidade”.[...] O sinal do batismo do Espírito Santo é falar em línguas. Assim já foi no Pentecostes (At 2.4); na casa de Cornélio (At 10.46); em Éfeso (At 19.6). [...] O batismo do Espírito não é idêntico com a salvação: a salvação provem da fé; o batismo do Espírito, entretanto, é uma benção que vem da salvação.³⁸

³³ Bíblia de Estudo Pentecostal. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 979-980.

³⁴ DUFFIELD, Guy P.; CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos de teologia Pentecostal*. São Paulo: Publicadora Quadrangular, 1991. p. 172.

³⁵ ALBANO, Fernando. *Dualismo Corpo/Alma na Teologia Pentecostal*. São Leopoldo; EST/PPG, 2010. p. 29.

³⁶ WIKIPEDIA. O Pentecostalismo. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pentecostalismo>>. Acesso em 29 de out. 2012.

³⁷ “Mensageiro da Paz”, jornal impresso e em versão online de circulação nacional, publicado pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, com conteúdo informativo, decisões de mesa diretiva, prédicas, testemunhos entre outros.

³⁸ MARASCHIN, 1985, p. 29.

Na AD a oralidade³⁹ tem forte ação sobre a doutrinação de seus fiéis. A oralidade é um traço fundamental para a compreensão que tem acesso à expressão oral. Exemplo disso é o fato do fiel se expressar através de testemunhos, quando conta aquilo que estava acontecendo de desagradável em sua vida e como por milagre divino a adversidade sofre mudança. Desta forma, o falar em público é uma forma de oralização pública do pentecostal.⁴⁰

Os pentecostais crêem na doutrina da Parusia, que virá dos céus para estabelecer o milênio, após o que arrebatará para os céus a sua igreja, como prêmio pela fidelidade.⁴¹

Carvalho assevera:

Indubitavelmente, a volta de Jesus é a grande e vívida esperança dos salvos. Distribuídos nos quadrantes do globo terrestre, cristãos sinceros, tementes a Deus e fervorosos no espírito, anelam pela volta do amado de nossas almas. [...] ainda estamos em pé pela fé, aguardando com diligência o retorno glorioso de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. [...] Sua vinda se dará em duas fases distintas: na primeira fase Jesus virá para a igreja, I Ts 4:16,17. Será uma surpresa, pois Jesus virá secretamente, Mt 24:39; I Co 15:32. Na segunda fase Jesus virá para livrar a Israel, Rm 11:25-29. Virá publicamente, todo o olho o verá, Ap 1:7. Tomará vingança contra os rebeldes, Ap 19: 11-21. Estabelecerá o trono de Davi, Is9: 6-7. Estabelecerá um governo teocrático, Dn 2:44,45; Zc 14:9.⁴²

Outro ponto de destaque na AD é a cura, com a mesma assumindo importância fundamental no culto. A cura expressa o poder e a graça de Deus. O alcance da cura é mediante fé e oração. Baseia-se em Tiago 5.14-15.⁴³ A doença, as dificuldades familiares, as crises materiais e de emprego, são objetos de orações com um sentido de cura e redenção.⁴⁴ Refletindo sobre o contexto doutrinário clássico da AD assevera Alves:

[...] a individualização da fé, o incentivo a experiência pessoal caminha até o limite da Bíblia como Palavra de Deus. A Bíblia é vista como a base de fé, e não a experiência que precisa ser ancorada no texto sagrado, caso

³⁹ “Oralidade” é um termo empregado em relação a sociedades inteiras que se utilizam da comunicação oral como base das relações entre pessoas e/ou grupos, sem o uso da escrita ou com uso restrito dela; bem como para identificar certo tipo de consciência criada pela oralidade.

⁴⁰ POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 24, 2011, p. 117-133.

⁴¹ MARASCHIN, 1985 p. 64.

⁴² CARVALHO, Roberto de. Não Tardará. 8ª ed. Coprint: Goiânia, 2004. p. 15-16.

⁴³ MARASCHIN, 1985, p. 65.

⁴⁴ ALVES, Eduardo Leandro. *Brasil, um país de fé: por que o maior país católico do mundo, também é o maior país pentecostal do mundo?* São Leopoldo, RS, 2012. p. 57.

contrário, torna-se apenas uma experiência do indivíduo, mas não pode ser parte doutrinária da coletividade.⁴⁵

Como igreja pentecostal apregoa a execução de sua missão espiritual, comunicar as verdades espirituais e torná-las reais para a vida do povo.

1.3 Organização Eclesiástica

O tipo de governo eclesiástico na AD tem como peculiaridade o balanço entre o rígido vínculo inter-denominacional e a liberdade congregacional. Apresenta forte ênfase à autonomia local, que é articulada, porém, com forte identidade denominacional bem institucionalizada. Não é centralizadora, tampouco anárquica.⁴⁶

Em cada Estado do Brasil os pastores estão ligados a convenções regionais e a ministérios. Essas convenções, em geral, credenciam evangelistas e pastores, cuidam de assuntos da liderança e de direção das igrejas. Essas convenções operam um tipo de liderança regional entre a igreja local e a Convenção Geral. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) é dirigida por uma Mesa Diretora, eleita a cada quatro anos numa Assembleia Geral. Para várias áreas de atividades das Assembleias de Deus, a CGADB tem um conselho ou uma comissão.⁴⁷

A AD no Brasil está organizada em forma de episcopado não territorial, onde cada igreja sede tem congregações filiadas, e/ou ponto de cultos. Seu sistema organizacional administrativo se dá de forma episcopal. Os assuntos são tratados de forma ministerial em reuniões prévias, sob forte influência de liderança pastoral. Sendo posteriormente referendados em assembleias de membros. Seus pastores e corpo eclesiológico são ligados a uma convenção estadual. E estas se vinculam a uma convenção nacional. Alencar assegura:

A igreja-mãe é a iniciadora de outras igrejas e a relação de dependência inicial, prossegue mesmo quando esta nova igreja, em tese, poderia se auto-sustentar. A relação piramidal se consolida cada vez mais,

⁴⁵ ALVES, 2012, p. 66.

⁴⁶ SCHULTZ, Adilson; BOBSIN, Oneide. *Deus está presente - o diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*. Tese Doutorado. São Leopoldo: EST. 2005. p. 151.

⁴⁷ PAIXÃO, Acesso em: 24 out. 2012.

fortalecendo, evidentemente, a figura do pastor-presidente da igreja-sede, pois as igrejas locais, congregações e sub-congregações, além de trazerem para a sede toda a arrecadação financeira dependem da mesma para toda e qualquer decisão. [...] estas igrejas agregadas à Sede não têm nenhuma autonomia, mas existem em absoluta dependência – e o pastor-presidente é a palavra final e definitiva sobre tudo e todos.⁴⁸

As igrejas estão organizadas em forma de árvore. Cada Ministério (campo) é constituído pela igreja sede com suas respectivas igrejas filiadas, congregações e pontos de pregação. Cada igreja-sede tem o seu estatuto. As igrejas Assembleias de Deus atuam em cada lugar sem estarem ligadas administrativamente a uma instituição nacional. A ligação nacional entre as igrejas é feita através dos seus pastores que são filiados a Convenções Estaduais que, por sua vez, se vinculam a uma Convenção de caráter nacional.⁴⁹

1.4 Liturgia

Os cultos na AD seguem uma liturgia típica do pentecostalismo com demonstrações que apresentam espontaneidade na adoração, pregação mais subjetiva e não tão hermenêutica. Buscam fortalecer a fé individual e as reuniões internas apresenta-se como um espaço onde ocorre e é propagada.⁵⁰ Espaço para a “atuação” dos dons espirituais. A manifestação de glossolalia sempre esteve presente como marco nesta igreja. Apresenta distinção em seu estilo de adoração, demonstra como igreja que a fé cristã, quando fiel à sua natureza e origens, tem o poder de transformar a vida, dando a esta, orientação e energia.⁵¹

Com dias e horários específicos, os cultos têm duração média de duas horas, sendo divididos entre oração inicial; hinos da Harpa Cristã⁵²; leitura bíblica introdutória; oração; saudação dos visitantes; cânticos pelo coral, banda de música, ou grupo de louvor; testemunhos por membros (previamente selecionados para esse fim); leitura bíblica e ministração da Palavra, na qual o pastor, ou um obreiro fará a pregação (sermão), explicando a passagem bíblica para toda a igreja, fazendo o convite após a mensagem aos que não são evangélicos a aceitarem a Jesus como

⁴⁸ ALENCAR, 2000, p. 99-100.

⁴⁹ PAIXÃO. Acesso em: 24 out. 2012.

⁵⁰ MARASCHINI, 1985. p.67.

⁵¹ PEREIRA, 2011.p.24-27.

⁵² “Harpa Cristã” hinário oficial das Assembleias de Deus. Em 1922 foi publicada a primeira edição com 100 melodias. A edição atual possui 640, entre sacros e hinos cívicos.

seu único e suficiente Salvador; cântico de encerramento; oração e no final é dada a bênção apostólica.⁵³

Numa síntese do conteúdo abordado nas prédicas da AD escreve Alves:

1. *Só Jesus Cristo tem poder para salvar* – salvar neste contexto tem o sentido de salvação da alma da condenação eterna. O indivíduo que aceita a Cristo de todo o coração tem o direito da salvação;
2. *Cura* – Jesus tem o poder sobre qualquer enfermidade. Todo crente com fé, pode orar no nome de Jesus e a cura ser manifestada;
3. *Batiza com o Espírito Santo* – Na teologia Pentecostal o Batismo é uma segunda graça que capacita o crente a desenvolver determinadas atividades no mundo espiritual e físico, é um “revestimento de poder” para viver a vida cristã neste mundo, para que as palavras sejam acompanhadas pelo poder de Deus;
4. *Prepara o homem* – Tem o sentido de santidade na vida, que é identificada com a forma diária que o crente vive, das coisas que ele se abstém no dia a dia. Por exemplo: jogos de azar, bebidas alcoólicas, fumo, determinados tipos de roupas, palavras que se usa, pureza sexual identificada com a virgindade e monogamia no casamento;
5. *Leva para o Céu* – A *parusia* que é fundamental na pregação pentecostal. Acreditar que a qualquer momento Jesus Cristo arrebatará sua Igreja para junto de Si. A visão pré-milenista e pré-tribulacionista dos missionários gerou uma crença que mesmo sendo pobre e rejeitado neste mundo, se for fiel a Deus, Jesus levará o crente para o Céu, onde desfrutará de alegria eterna.⁵⁴

A vida prática e o conhecimento da vontade de Deus nas vidas são estimulados a partir da experiência da leitura da Bíblia. A leitura e interpretação das Escrituras na Assembleia de Deus não são monopolizadas por um grupo de especialistas em exegese bíblica. Com isso a leitura da Bíblia é democratizada entre os membros. Com efeito, a leitura da Bíblia é incentivada.⁵⁵

Social e teologicamente, o pentecostalismo brasileiro é bem ortodoxo. A AD como ramo do pentecostalismo, alcançou as classes de baixa renda e pouca escolaridade. Nos últimos anos há uma presença quantitativa em classes sociais mais altas e o surgimento de Faculdades Teológicas.⁵⁶

Em relação a questões sociais e sua interação organizacional, no Regimento Interno a CGADB aborda especificamente no Artigo 30 sobre a competência do Conselho de Ação Social:

⁵³ PAIXÃO. Acesso em 24 out. 2012.

⁵⁴ ALVES, 2012, p. 56.

⁵⁵ CARVALHO, 2010, p. 28-29.

⁵⁶ BORTOLLETO FILHO, 1996, p. 53-58.

[...] organizar, planejar e orientar as Convenções Estaduais ou Regionais e igrejas, interessadas nos programas e projetos nas áreas da ação social, saúde e previdência; supervisionar a implantação de projetos existentes ou que venham a existir de conformidade com o art. 66 do Estatuto da CGADB; prestar orientação, assessoria e assistência técnica a qualquer igreja ou outra instituição interessada, no âmbito da Assembleia de Deus no Brasil; quando for necessário, encaminhar aos órgãos ou instituições públicas, políticas e congêneres, projetos sociais de interesse das Assembleias de Deus no Brasil e promover entrosamento com os mesmos; realizar conferências, simpósios e reuniões em nível nacional e/ou regional, com vistas à discussão e orientação da ação social; estabelecer plano estrutural sólido, respeitante a atividade da assistência social, da saúde e da previdência social das Assembleias de Deus no Brasil; orientar a formação de respectivos conselhos de ação social, de caráter regional ou estadual;⁵⁷

Ainda sobre a relação entre avivamento e ética social pentecostal, Majewski ressalta o aspecto social do avivamento da seguinte forma:

[...] a ação social da igreja é, sem dúvida, uma das manifestações mais convincentes de que a vida de Deus está no meio de seu povo. Avivamento e ação social: equilíbrio [...] Não se pode falar de um avivamento que priorize apenas um aspecto da totalidade do ser humano como, por exemplo, o destino de sua alma, em detrimento de seu bem estar físico e social. Não nos interessa uma comunidade apenas voltada para o futuro, em prejuízo do hoje, pois isso implica em negligenciar as necessidades imediatas e urgentes do ser humano. O homem vive na dimensão do aqui e agora [...]⁵⁸

Quando se ligam à igreja, consciente ou inconscientemente, as pessoas vêm nessa instituição um modo de expressar suas aspirações sociais. As pessoas se ligam ou se convertem por adquirir crenças sobre o reino sobrenatural e sua relação com o mundo invisível. Não exatamente buscando ascensão social, mas algo sobrenatural.⁵⁹

1.5 Assembleia de Deus e AIDS

AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Humana) mais conhecido pela sigla HIV, desde o seu surgimento envolve questões que assustam. Não só pode destruir o corpo, mas também pode destruir uma família, amigos e até mesmo uma

⁵⁷ CGADB. Regimento Interno Disponível em: <http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com_content&view=article&id=35&Itemid=81>. Acesso em: 29 out 2012.

⁵⁸ MAJEWSKI, 2010, p. 41.

⁵⁹ ALVES, 2012, p. 63.

comunidade. Ninguém gosta de falar sobre isso, mas ignorando o problema, não fará a questão desaparecer. A única maneira de superar esta doença é através da educação, assistência e tratamento adequado, já que ninguém está imune.⁶⁰

A função eclesial desponta a excelência do espaço prelaticio ensinando os fiéis a entender este vírus. A prevenção é o melhor método, contrair o HIV não é mais uma sentença de morte. Com uma série de tratamentos disponíveis e o fato das pessoas que estão infectadas com a doença poderem viver, descortina espaço de atuação para a igreja.⁶¹

A força motriz de uma igreja, fazendo-a descobrir o seu potencial em ser ativa motivando-a a agir com convicção frente às prementes demandas sociais exige desta que o processo de construção de templos seja realçado para um processo de edificação *de pessoas*, destaca Rick Warren⁶². Enfatiza em seu livro “Uma Igreja Com Propósitos”:

[...] “O que importa é a saúde da igreja, não o seu crescimento”. Este crescimento saudável e constante é conseguido em aplicar os cinco objetivos traçados na Bíblia para a Igreja. Chamados de estratégias e aplicados ajuda a igreja a ficar: Mais calorosa, por meio da comunhão; mais profunda, por meio do discipulado; mais forte, por meio da adoração; mais abrangente, por meio do ministério e mais crescente, por meio da evangelização.⁶³

A AD desenvolveu-se com um alto índice de participação dos seus adeptos⁶⁴, onde a mensagem de salvação é dirigida, sobretudo aos indivíduos e às relações interpessoais.⁶⁵ A doença, as dificuldades familiares, as crises materiais e de emprego são objeto de orações com um sentido de cura e redenção.⁶⁶

Sendo a AIDS, uma realidade irreversível, a teologia se apresenta como uma atividade constitutivamente social,⁶⁷ com incomensurável possibilidade de atuar conjuntamente com/ou através dos espaços disponibilizados na vivência da

⁶⁰ HITZHUSEN. Dan. DHIV/AIDS: Na Open Door to the Gospel. Disponível em: <<http://www.e3resources.org/downloads>>. Acesso em: 29 out. 2012.

⁶¹ HITZHUSEN. Dan. DHIV/AIDS: Na Open Door to the Gospel. Disponível em: <<http://www.e3resources.org/downloads>>. Acesso em: 29 out. 2012.

⁶² Rick Warren é pastor e fundador da *Saddleback Valley Church*, Califórnia. Chamado de “arquiteto da igreja do século XXI.

⁶³ WARREN, Rick. *Uma Igreja com Propósitos*. São Paulo: Ed. Vida. 1997. p. 62.

⁶⁴ FRESTON, 1998, p. 337.

⁶⁵ CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

⁶⁶ ALVES, 2012. p. 57.

⁶⁷ JUNIOR, Francisco de Aquino. *O Caráter Social da Teologia*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte. Ano 43, Número 121, Set/Dez. 2011.p.333.

comunidade evangélica, visto por esta autora como oportuna a partir da Escola Dominical. O que será analisado na continuidade.

Essa potencialidade é apresentada por pastores, como Pastor Silas Malafaia ao dizer: “O Evangelho não é algo litúrgico, para ser dissecado em um culto de duas horas. A grandeza do Evangelho está no fato de ser algo que pode ser praticado. A Bíblia é o melhor manual de comportamento humano do mundo. As igrejas evangélicas têm pregado uma mensagem de grande utilidade para a vida das pessoas também depois do culto.”⁶⁸

Em entrevista ao Mensageiro da Paz, expõe o Pastor Elienai Cabral:

“Algumas questões éticas desafiam a igreja evangélica de hoje, tais como: aborto, homossexualismo, divórcio, uniões conjugais entre homossexuais, política, suicídio, pena de morte, eutanásia e outras (...). Não podemos fechar os olhos para esses assuntos, porque eles fazem parte do contexto da nossa sociedade atual.”⁶⁹

Ao analisar junto à mídia pentecostal com o objetivo de identificar a posição da igreja Assembleia de Deus em relação a assuntos ditos modernos, destaca Matos: Questões como aborto, planejamento familiar, saúde feminina, gestação e AIDS não aparecem na pauta da programação televisiva dessa denominação. A investigação da agenda das mídias impressa e eletrônica evidencia a associação da utilização dos meios de comunicação por parte dos pentecostais com a crescente pluralização e competição do campo religioso brasileiro.⁷⁰

⁶⁸ *Entrevista a Pedro Dias Leite publicada na edição impressa de VEJA.* Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/pastor-silas-malafaia-a-distancia-que-me-separa-de-um-edir-macedo-vai-do-brasil-a-china/>>. Acesso em: 26 nov. 2012.

⁶⁹ Pastor Elienai Cabral, *Jornal Mensageiro da Paz*, p. 24- n^o. 1321-Abril/97.

⁷⁰ MACHADO, M. D. C. *Competição Religiosa e seus efeitos no pentecostalismo.* XXII Reunião Anual da ANPOCS. Apresentação do Trabalho Competição Religiosa e seus efeitos no pentecostalismo. 1998. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5163&Itemid=359>. Acesso em: 30 nov 2012. p .8, 27.

2 ESCOLA BÍBLICA DOMINICAL

Eu tenho a certeza que as escolas dominicais são, atualmente, a melhor instituição prática para controlar esses elementos indisciplinados e violentos da sociedade e providenciar-lhes uma educação básica.

(Robert Raikes em audiência com a Rainha Carlota da Inglaterra)

A Escola Bíblica Dominical (ED), destinada inicialmente ao ensino secular, transformou-se ao longo dos anos em uma importante ferramenta de ensino bíblico/religioso. Muito embora por tempos estivesse relegada a um plano inferior no contexto das igrejas, hoje é vista de maneira altruísta, arrolada como “espaço de educação”.⁷¹

A educação é um fenômeno profundamente humano. Desde os primórdios a humanidade perpetua à próxima geração, suas experiências, histórias e tradições, no sentido de preservação de identidade do grupo e o conhecimento acumulado. O esforço para eternizar o conhecimento tornou o caráter educacional uma das características mais proeminentes do Cristianismo.⁷²

Frente ao desafio dos cristãos em pertencendo a dois reinos – o reino de Deus e o reino deste mundo, a igreja e a sociedade, estes seguidores, mesmo servindo-se dos recursos e oportunidades oferecidos pelo mundo não cristão, surgem perspectivas de educação cristã, que necessitam ser distinguidas, conforme Matos:

[...] a educação cristã diz respeito à formação espiritual, à transmissão da fé cristã propriamente dita, nos aspectos bíblico, doutrinário e ético. Em outro sentido, ela se refere à educação geral, que aborda temas não necessariamente religioso (como língua, literatura, história, ciência e arte), porém informados por pressupostos e valores cristãos. [...] presentes na história da educação cristã desde o seu nascedouro, quando os primeiros discípulos procuraram viver a fé num mundo marcado por duas grandes tradições: judaico e Greco-romana.⁷³

A educação cristã é também percebida como “ajuda no processo de crescimento gradual do crente em direção a Cristo e uma exteriorização cada vez mais adequada do Seu caráter.”⁷⁴ Oportunamente a educação cristã se relaciona

⁷¹ SILVA, Antônio Gilberto da. *Manual da Escola Dominical*. Rio de Janeiro: CPAD, 2012. p.11.

⁷² MATOS, Alderi Souza de. *Breve História da Educação Cristã: dos primórdios ao século 20*. Fides Reformata XIII, N°2(2008): 9-24. 2008. p. 9.

⁷³ MATOS, 2008, p.10.

⁷⁴ RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1980. p. 25.

com evangelização, e, sob o ponto de vista teológico, reafirma a missão evangelizadora do povo de Deus.

Desta forma a ED busca obter seus objetivos que são *alcançar os alunos, ensinar-lhes a Palavra de Deus, ganhá-los para Jesus Cristo e cuidar deles espiritualmente*.⁷⁵

A ED é o local onde se aprende os rudimentos da fé, ensinando a prática cristã, os valores que norteiam a vida inteira. Destaque faz o autor ao afirmar:

A ED, devidamente aparelhada, é de fato a agência de formação religiosa popular das igrejas evangélicas. É aí que as crianças desde a mais tenra idade, os adolescentes, e os adultos, ao receberem o ensino sadio e inspirador das Escrituras, são todos beneficiados: as crianças recebem formação moral e espiritual, os adolescentes formam sua personalidade cristã e os adultos renovam suas forças morais e espirituais para uma vida cristã sempre frutífera e abundante.⁷⁶

O ensino desta forma figura entre as melhores atitudes para alcançar a proposta.⁷⁷ Assim:

A escola dominical é a escola de ensino bíblico da igreja, que evangeliza enquanto ensina, conjugando assim os dois lados da comissão de Jesus à igreja, conforme Mateus 28.20 e Marcos 16.15. Não é parte da igreja, é a própria igreja ministrando ensino bíblico metódico. [...] é um ministério pessoal para alcançar crianças, jovens, adultos, a família, a comunidade inteira.⁷⁸

A relevância da ED está em ela não se configurar apenas como um apêndice da estrutura geral da igreja ou um simples departamento secundário. Muito mais que isso, é a agência educativa que a igreja tem a seu dispor, fundamentado nos pilares da crença religiosa, criando oportunidade de desenvolver ações educativas de aparelhamento para a vida diária.⁷⁹

Sobre a importância da ED na estrutura geral da igreja assevera Tuler:

[...] ela se confunde com a própria essência da igreja. Pelo fato de a igreja estar intrinsecamente associada à educação cristã, a atividade da Escola Dominical como departamento principal de ensino não é

⁷⁵ TOWNS, Emer L. *O Que Todo Professor de Escola Dominical deve saber – 24 segredos que podem ajudá-lo a mudar vidas*, 1ªed. . Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 134.

⁷⁶ SILVA, Antônio Gilberto, *Manual da Escola Dominical*. Rio de Janeiro, RJ, CPAD, 1996.p.109.

⁷⁷ DOBBINS, Gaines S. *Melhor Ensino na Escola Dominical*. Rio de Janeiro, RJ, CPB. 1960

⁷⁸ SILVA, 1996, p. 108.

⁷⁹ TULER, Marcos. *Manual do Professor de Escola Dominical*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD.2007. p. 19-33.

opcional, é vital, à medida que incrementa e dinamiza todas as atividades e iniciativas educacionais e evangelísticas dos demais setores.⁸⁰

Desta forma a ED proporciona o ensino religioso a pessoas de qualquer idade. Para Andrade:

A Escola Dominical é também um ministério interpessoal, cujo objetivo básico é alcançar, através da Palavra de Deus, as crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos, a família, a igreja e toda a comunidade. [...] é a única agência de educação popular de que dispõe a igreja, a fim de divulgar, de maneira devocional, sistemática e pedagógica a Palavra de Deus.⁸¹

O conteúdo e o desenvolvimento harmônico enfocado envolvem as áreas cognitiva, afetiva e psicomotora, facultando ao aluno não só a aprendizagem, mas também instrumentalizando-o através das informações recebidas, empoderando-o para as ações.⁸²

Aplicando princípios pedagógicos e metodológicos, como esperado no ambiente que leva o nome de escola, potencializa junto com o ambiente familiar, embasados em práticas sociais e bíblicas a reflexão do viver diário, sobre os quais se apoia o Cristianismo. Como oportuniza desenvolver educação religiosa no sentido cristão, Anders, salienta:

A educação religiosa, no sentido cristão, compreende todos os esforços e processo que concorrem para levar crianças, adolescentes e adultos a uma experiência vital e salvadora de Deus, revelado em Jesus Cristo; que despertem o sentimento da presença do Senhor como uma realidade viva, de tal maneira que a comunhão com ele, na oração e no culto, se torne um hábito natural, e um princípio de vida; que capacitem os alunos a interpretar as suas experiências crescentes da vida à luz dos valores supremos; que estabeleçam atitudes e hábitos de viver que se assemelhem ao método de vida de Cristo, no procedimento diário e em todas as relações humanas; que alarguem e aprofundem a compreensão dos fatos históricos, *sobre os quais apoia* o Cristianismo, e que revelem quão excelente é a experiência, a fé e a doutrina cristã.⁸³

⁸⁰ TULER, 2007, p.19.

⁸¹ ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Manual do Superintendente da Escola Dominical*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006. p.16.

⁸² TULER, Marcos. *Ensino Participativo na Escola Dominical – Uma Nova Perspectiva para a Docência Cristã*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005, p 51.

⁸³ ANDERS, Rodolfo. *A Escola Dominical: organização e administração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil, 1949, p.13.

Quanto à compreensão de sua atuação como principal agência educacional, é destacado o fato de manter a melhor frequência de pessoas do que qualquer outro programa da Igreja.

Pelo fato de ter a principal agência educacional da Igreja a palavra “escola” em seu nome, as pessoas presumem que ela funcione como as demais entidades de ensino. Mas as escolas dominicais diferem das públicas de vários modos significativos. Por exemplo, quantas classes de Escola Dominical exigem que os alunos façam o dever de casa? Ou, quantas escolas dominicais podem obrigar o aluno a ter frequência e envolvimento? Muitas implicações surgem da natureza voluntária da frequência à Escola Dominical.⁸⁴

Considerando que a ED apresenta oportunidade a uma variedade de pessoas que se encontram para refletir à luz da Palavra de Deus, favorece o *espaço* onde a Educação Cristã acontece em forma de *reflexão para a vida*. Richards destaca:

[...] a educação cristã recebe um enfoque novo quando vemos na vida a marca da fé cristã. *Valorizando todos os seres humanos como pessoas, respeitando-os como tendo valor e dignidade*, a educação cristã tenta comunicar e fazer crescer a fé = vida. [...] a educação Cristã nunca pode tratar somente da vida individual. Ela tem de se preocupar com os processos dentro do Corpo que fomentam o crescimento individual e corpóreo de Cristo. *Qualquer educação cristã que se concentre somente no indivíduo ou no grupo, excluindo o outro, está destinado ao fracasso.*⁸⁵

A dinâmica proposta entre educação cristã e espaço educacional, potencializa a ED como agência fomentadora, envolve o relacionamento familiar da igreja. Com o amor permeando as relações neste espaço escolar, onde se transmite fé, para haver crescimento em Cristo.⁸⁶

A ED consiste no espaço central dos ministérios educacionais. Mesmo não sendo uma agência separada da igreja, deve ser bem estruturada para levar adiante de forma eficaz o ministério de ensino de Cristo proporcionando alcançar, ensinar, ganhar e cuidar.⁸⁷

É considerada uma das instituições mais úteis, benéficas e duradouras da história do protestantismo. Insere-se no contexto mais amplo da educação religiosa ou educação cristã desde os tempos apostólicos, vê-se presente no Antigo Testamento, no contexto da família e da vida religiosa de Israel quando o Senhor

⁸⁴ GANGEL, O Kenneth; HENDRICKS, G Howard. *Manual de Ensino para o Educador Cristão*. CPAD, 2005. p .13.

⁸⁵ RICHARDS, 1980.p.14.

⁸⁶ RICHARDS, 1980.p.33.

⁸⁷ TOWNS, 2010. p. 34.

ordenou ao povo de Israel que ensinasse a Lei de geração em geração.⁸⁸ Descortina-se desde os dias de Moisés, avança pelos tempos dos reis, sacerdotes, profetas. Manteve-se no período Inter bíblico com a sinagoga considerada importante agencia educativa no contexto judaico. Em seu ministério Jesus reuniu em torno de si os seus discípulos. Na igreja primitiva as atividades didáticas prosseguem fundamentais para propagar e consolidar o movimento religioso.⁸⁹

Excelente espaço para desenvolver educação religiosa, a ED deve manter relações com as organizações de dentro e de fora da Igreja, além de educar os alunos em um espírito de fraternidade e cooperação.⁹⁰

Nos pressupostos do *Plano Diretor de Educação Religiosa Batista no Brasil*, a ED conserva a tradição de ser um evento especial de reunião em grupo. Possibilita a diversas faixas etárias estudar assuntos de interesse, e o conteúdo curricular privilegia, de forma transversal, os verbos indicativos da educação integral – ser, sentir, conviver, saber/refletir e fazer procurando aplicar:

[...] o estudo da Bíblia na busca do preenchimento dos objetivos educacionais [...], uma vez que ela é o nosso livro texto. Um acurado estudo das virtudes cristãs como, por exemplo: as bem-aventuranças (Mt 5.1-12); fruto do espírito (Gl 5.22,23); matéria-prima do pensamento (Fp 4.8) indicará o perfil que aspiramos formar em nossos alunos: humildes de espírito, sensíveis (os que choram), mansos, têm fome e sede de justiça (retidão), misericordiosos, limpos de coração, pacificadores, corajosos a ponto de serem perseguidos por causa da justiça, amorosos, alegres, benignos, bondosos, fiéis, autocontrolados, amantes da verdade, respeitáveis, justos, possuidores de boa fama, virtuosos, louvadores, etc. enfim, a educação deverá, não apenas dar informação ao aluno sobre a Bíblia, mas oferecer formação de seu caráter e de sua vida na igreja e no mundo, bem como promover uma transformação do que precisa ser redimido pelo evangelho em sua vida total.⁹¹

Como agência de espaço educacional, onde acontece exposição de assuntos bíblicos e também correlatos com a vida cotidiana, é enfatizado de maneira privilegiada conforme pressuposto nos *Cânones da Igreja Metodista*:

A Educação Cristã é um processo dinâmico para a transformação, libertação e capacitação da pessoa e da comunidade. Ela se dá na caminhada da fé e se desenvolve no confronto da realidade histórica com o Reino de Deus, num comprometimento com a missão de Deus no mundo,

⁸⁸ ANDERS, 1949.p .15.

⁸⁹ ANDRADE, 2000, p. 20-26.

⁹⁰ ANDERS, 1949, p. 1237.

⁹¹ BOECHAT, Ivone (org.) *Plano Diretor de Educação Religiosa Batista no Brasil*. 2010 p. 7- 21. Disponível em: <http://batistas.com/images/dercbb/livro_PDER.pdf>. Acesso em: 25 jun 2012.

sob a ação do Espírito Santo, que revela Jesus Cristo segundo as Escrituras.⁹²

O *Conselho de Educação e Cultura da Convenção da Igreja Evangélica Assembleia de Deus* (CGADB), assim define Escola Dominical:

[...] é uma agência da igreja local para desenvolvimento da educação básica do ensino bíblico e cristão para crianças, jovens e adultos, de acordo com as suas faixas etárias, através de métodos pedagógicos e educacionais e a contextualização do convívio secular e cristão.⁹³

De igual modo a *Igreja Presbiteriana do Brasil* (IPB) se esmera em oferecer aos seus membros e frequentadores uma sólida instrução bíblica. Essa capacitação é fornecida, principalmente, na escola dominical que desenvolve suas atividades norteadas por suas próprias declarações de missão e visão, listadas a seguir conforme definida pelo *Supremo Concílio*:

Oferecer ensino bíblico, teologicamente exato, espiritualmente poderoso e existencialmente relevante; Capacitar os discípulos para o enfrentamento de todos os obstáculos à vida cristã amadurecida e frutífera seja conceitual ou metodológico (relacionados à prática espiritual); Fornecer suporte integral aos seus alunos e professores; Promover o desenvolvimento contínuo de cada aluno, através de um sistema de graduação e registrar, a cada semestre, o resultado de seu desempenho; Contribuir com a formação integral dos discípulos, com base na verdade bíblica reformada, especificamente, na teologia do pacto; Contribuir para a multiplicação de professores e outras lideranças; Estimular a integração dos alunos à vida da IPB.⁹⁴

Assim é confiado à Escola Dominical o papel de prover, nas igrejas, o espaço para as vidas em formação encontrarem cooperação eficiente aos lares em edificação moral e espiritual, desde a infância até a vida adulta.⁹⁵

A ED é constituída de departamentos e de classes, que devem viver em espírito de fraternidade e apoio cristão. Onde os planos de trabalho podem e devem ser permutado uns com os outros. *A Escola Dominical é a igreja em ação.*⁹⁶

Mendonça com notoriedade reverbera:

⁹² LIMA, Ronaldo Silva. *Educação Cristã*. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=4497>>. Acesso em: 24 jun 2012.

⁹³ CGADB. Regimento Interno. Disponível em: <http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com_content&view=article&id=35&Itemid=81>. Acesso em: 29 Out. 2012.

⁹⁴ IPC. *Escola Dominical. Atribuições da Escola Dominical*.

Disponível em: <<http://www.ipcg.org.br/ipcg/?p=27>> Acesso em 24 de jun de 2012.

⁹⁵ ANDERS, 1994, p.14.

⁹⁶ ANDERS, 1994, p. 239.

A ED, como instituição paralela à Igreja, passou a desempenhar função importante no desenvolvimento e consolidação das igrejas. A sede de aprender construiu, pouco a pouco, uma epistemologia cristã protestante, desenvolveu métodos próprios e, nas áreas missionárias, foi servindo de atração para futuros convertidos, principalmente por intermédio das crianças que aderiram às reuniões conduzidas por habilidosas missionárias-professoras. Por outro lado, exerceu também o papel de fixar as doutrinas e a ética nos recém-convertidos.⁹⁷

2.1 As origens da Escola Dominical

A ED do nosso tempo nasceu da visão de um homem que, compadecido com as crianças de sua cidade, ardeu em seu interior à vontade no sentido de dar-lhes um novo e esperançoso horizonte. Sensibilizado em consequência da situação de delinquência infantil daqueles meninos e meninas que, sem rumo, perambulavam pelas ruas num problema que parecia insolúvel (aqueles menores roubavam, viciavam-se e eram viciados; além de que se achavam sempre envolvidos nos piores delitos), Robert Raikes, foi inspirado a fundar em 1780, o que depois chamou de Escola Dominical. Esta se tornou, no decorrer dos anos, uma das principais marcas da igreja evangélica em todo o mundo.⁹⁸

Robert Raikes (1736-1811) tinha 44 anos quando saiu pelas ruas a convidar os meninos e meninas a que se reunissem todos os domingos para aprender a Palavra de Deus. Juntamente com o ensino religioso, ministrava-lhes várias matérias seculares, entre elas matemática, história e a língua materna.⁹⁹

Não demorou muito e a escola de Raikes, já bem popular, necessitava de espaços maiores, desta forma utilizando os espaços no interior dos templos, denominado as reuniões de *Sunday School*. Entretanto, a oposição não tardou a chegar. Muitos eram os que o acusavam de estar quebrantando o domingo. “Onde já se viu comprometer o dia do Senhor com esses moleques? Será que o Sr. Raikes não sabe que o domingo existe para ser consagrado a Deus?”.¹⁰⁰

O crescimento mostrava a necessidade de auxiliares. Raikes contou com William Fox, e, em 1785 ocorreu à primeira União de Escolas Dominicais de Gloucester. Se era escola e o ensino religioso, logo foram doadas Bíblias, Novos

⁹⁷ MENDONÇA, 1995, p. 66.

⁹⁸ SILVA, 2012, p. 134-138.

⁹⁹ ANDERS, 1994, p. 14.

¹⁰⁰ ANDERS, 1994, p. 17.

Testamentos e livros dominicais.¹⁰¹ Embora tenha começado a trabalhar em 1780, foi somente em 1783, após três anos de observações e experimentos, que Robert Raikes divulgou os resultados de sua iniciativa pioneira. No dia três de novembro de 1783, publica no "*Gloucester Journal*" o resultado de sua iniciativa junto aos meninos de Gloucester. Esta data posteriormente foi escolhida como o dia da fundação da Escola Dominical.¹⁰²

De acordo com as diretrizes de Raikes:

Nas reuniões dominicais, além do ensino das Escrituras, era também ministrado às crianças rudimentos de linguagem, aritmética e instrução moral e cívica. O ensino das Escrituras consistia quase sempre de leitura e recitação. Em seguida teve início a prática de comentar os versículos lidos. Muito depois é que surgiu a revista da Escola Dominical, com lições seguidas e apropriadas.¹⁰³

2.2 Origens da Escola Dominical no Brasil

Escola Bíblica Dominical chegou ao Brasil a partir de 1850, ao mesmo tempo em que o país começou a receber missionários americanos e europeus.¹⁰⁴ Matos assim relata:

Desde o início do seu trabalho no Brasil, o protestantismo missionário deu enorme destaque à educação cristã. Em todos os lugares em que se estabeleciam, as igrejas evangélicas criavam suas escolas dominicais e paroquiais. A primeira escola dominical do Brasil foi fundada pelo casal Robert e Sarah Kalley em Petrópolis no dia 19 de agosto de 1855. Os presbiterianos criaram a primeira escola paroquial no Rio de Janeiro em 1868. A educação em bases cristãs também era oferecida nos grandes colégios que começaram a surgir em vários pontos do território brasileiro [...]¹⁰⁵

Como já mencionado, no ano de 1855, o casal escocês Robert Reid Kalley (1809 -1888), e Sara Poulton Kalley (1825 – 1907), iniciaram a Escola Dominical no Brasil. Sara, já havia tido antes experiência bem sucedida na cidade de Torquay, Inglaterra, de realizar estudos bíblicos para crianças. Esses missionários escoceses realizaram a primeira aula de Escola Dominical para cinco crianças, em sua

¹⁰¹ JUNGE, Leticia Bencke; WACHHOLZ, Wilhelm. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. *Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas Comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville* (1968-1991). São Leopoldo, 2004.p.18.

¹⁰² ANDERS, 1994, p.17.

¹⁰³ SILVA, 2012, p.133.

¹⁰⁴ MENDONÇA, 1995, p. 66.

¹⁰⁵ MATOS, 2008, p. 22.

residência na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro. Dessa forma no dia 19 de agosto de 1855, na sala da residência dos Kalley, na ocasião foi lida a história de Jonas, utilizado o Cântico de louvores e feito oração com uma assistência de cinco crianças.¹⁰⁶

Seguindo o crescimento do Brasil, na região nordeste, agora com domínio holandês, missionários estabeleceram-se na região, e vários núcleos evangélicos foram estabelecidos, e com isso a organização de classes dominicais.

2.3 Escola Dominical na Igreja Evangélica Assembleia de Deus no Brasil

Como denominação a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (AD) surgiu no Brasil em junho de 1911, na cidade de Belém, estado do Pará, região ao norte do Brasil. Daniel Berg e Gunnar Vingren, aportando em terras brasileiras vindo da Suécia, iniciaram atividade missionária e de ensino bíblico.

Araújo descreve assim o início da Escola Bíblica Dominical no Brasil:

Em agosto de 1911, são realizadas as primeiras aulas da Escola Dominical da Assembleia de Deus, na casa de João Batista Carvalho, em Belém. Em 1919, começa a ser publicado o suplemento Estatutos Dominicais, no Jornal Boa Semente, são as primeiras lições impressas para serem utilizadas pelos alunos da Escola Dominical nas Assembleias de Deus.¹⁰⁷

A escola dominical desde seu início sempre esteve vinculada à função de ensino a todos os participantes, alcançando as mais diferentes faixas etárias, em classes conforme idade, contribuindo para muitas pessoas adquirirem aprendizado.¹⁰⁸

Ressalta Pereira-Walter sobre a trajetória da ED na AD:

No que se refere à Escola Dominical, é importante ressaltar sua centralidade quanto à trajetória da *Igreja Assembleia de Deus* e de seus fundadores. Na verdade, todas as denominações protestantes, que chegaram ao Brasil, organizaram uma Escola Dominical em sua prática de evangelismo e ensino. Assim, já em agosto de 1911, Daniel Berg e Gunnar Vingren ministram as primeiras aulas da Escola Dominical, na casa de José Batista de Carvalho, em Belém. Em 1919, é publicado, como material de apoio para as aulas, o suplemento *Estudos Dominicais* precursor da revista *Lições Bíblicas*.¹⁰⁹

¹⁰⁶ JUNGE, WACHHOLZ, 2004, p.29.

¹⁰⁷ ARAUJO, 2007, p. 43.

¹⁰⁸ SILVA, 2012, p.129.

¹⁰⁹ PEREIRA, 2011, p. 19.

Enquanto reunião regular a ED ocorre geralmente aos domingos pela manhã, seguido ou não de reunião coletiva, (culto público). Nos encontros normalmente a reunião utiliza-se de cânticos e o aprendizado a partir de pequenos grupos, chamados classes, organizadas por idades, permitindo conhecerem-se uns aos outros e os fundamentos teológicos da igreja.¹¹⁰

Os ensinamentos ministrados são organizados de forma pedagógica e metódica, enfocando a formação de hábitos legítimos e cristãos, práticas e deveres sociais e bíblicos, buscando resultar na formação do caráter ideal, segundo os princípios genuinamente cristãos.¹¹¹

Para a AD a ED hodierna tem suas raízes aprofundadas na antiguidade do Antigo Testamento, precisamente ao atender as prescrições divinas aos patriarcas e ao povo de Israel.¹¹²

Destacando a relevância da ED assevera Tuler:

[...] não é apenas um apêndice da estrutura geral da igreja ou um simples departamento secundário. Ela se confunde com a própria essência da igreja. Pelo fato de a igreja estar intrinsecamente associada à educação cristã, a atividade da Escola Dominical como departamento principal de ensino não é opcional, é vital, à medida que incrementa e dinamiza todas as atividades e iniciativas educacionais e evangelísticas dos demais setores.¹¹³

Chamada para o ensino, desafiada pela globalização, a escola dominical é instigada a perseverar no compromisso de ensino e na necessidade de preservar a

¹¹⁰ ANDERS, 1949, p. 237-244.

¹¹¹ SILVA, 2012, p.126.

¹¹² A ED é a fase presente da instrução bíblica milenar que sempre caracterizou o povo de Deus. É apresentada de forma sucinta pelo autor desde os Dias de **Moisés**, apresentando a partir de exame feito no Pentateuco, quando os pais eram responsáveis pelo ensino da revelação divina no lar, sendo o lar uma escola onde os filhos aprendiam a temer e a amar a Deus (Dt 6.7;11.18,19), e ou em reuniões públicas, onde homens, mulheres e crianças aprendiam a lei divina.(Dt. 31.12,13). Continua o autor enfatizando a **época dos sacerdotes, reis e profetas de Israel**, destacando o encargo destes ao ensino da Lei (Dt. 24. 8;1 Sm 12.23; 2 Cr 15.3;Jr 18.18). Prossegue apresentando que mesmo o período do **Cativeiro babilônico**, quando os judeus estavam no exílio, privados de estar no templo em Jerusalém, instituíram as Sinagogas, que entre outros fins era casa de cultos e escola pública, onde a criança recebia instrução religiosa dos cinco aos dez anos de idade; dos dez aos 15 anos, continuava a instrução religiosa, agora com o auxílio dos comentários e tradições dos rabinos. Aos sábados, a principal reunião era a matutina, incluindo jovens e adultos. Destaca o autor que no período de Pós-Cativeiro, conforme registra Neemias com ensino metódico (Ne 8.2). Continua expondo a ED nos dias de Jesus apresentando o próprio Jesus como Mestre (Mt 4.23;9.35;Mc 16.15,18). Prossegue apresentando a ED. Nos dias da Igreja com os apóstolos (At. 5.41,42), desta etapa em diante o autor tece pequenos comentários da importância do ensino chegando ao período da reforma religiosa e culmina a síntese chegando aos fatos de Raikes em Gloucester, Inglaterra. SILVA, 2012, p.129 - 135.

¹¹³ TULER, 2007, p.20.

característica da ED, sem perder o foco em ser agência de resposta, ou espaço de reflexão frente aos fatos que estabelecidos suscitam crises e instabilidade na família, nas comunidades e até nas igrejas.¹¹⁴

2.4 Organização geral da Escola Dominical na Assembleia de Deus

Em sua organização e administração a ED procura ser de forma tríplice, alcançado a dimensão pessoal, material e funcional. Quanto à organização pessoal possui dirigentes que compõe a diretoria da escola. Os professores são chamados de corpo docente e os alunos discentes. A diretoria é constituída pelo Superintendente ou Dirigente local (responsável pela organização e condução geral da escola), Vice-Superintendente (também chamado de vice-dirigente nas escolas filiais), Secretários (funções gerais de secretariar e também substituir o Superintendente/Vice-Superintendente caso necessário), Tesoureiro (administra a parte financeira, porém dos recursos oriundos de ofertas voluntárias), Bibliotecário (sem exigência de qualificação específica), Dirigente Musical (além da regência congregacional, estimula os departamentos a desenvolver programas musicais variados), Porteiros e Introdutores (atuam como recepcionistas e orientação aos alunos e visitantes). Objetivando fortalecer a organização é sugestiva a reunião periódica para tratar de assuntos gerais e avaliar o estado geral da escola.¹¹⁵

O corpo discente da ED é organizado em classes e departamentos, a depender da idade, possibilidades e situações. O agrupamento de aluno por idade é disponibilizado em oito divisões, cujos títulos são:

Até três anos de idade	Berçário
Quatro a cinco anos de idade.....	Jardim de Infância
Seis a oito anos de idade.....	Primários
Nove a 11 anos de idade.....	Juniores
12-14 anos de idade.....	Intermediários
15-17 anos de idade.....	Secundários
18-24 anos de idade.....	Jovens
25 anos de idade.....	Adultos ¹¹⁶

¹¹⁴ TULER, Marcos. *Chamado para o ensino e o desafio da globalização*. Disponível em <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/posts.php?s=51&i=723>>. Acesso em: 24 out 2012.

¹¹⁵ SILVA, 2012, p. 148-151.

¹¹⁶ SILVA, 2012.p.153.

Para a organização de cada classe é previsto a presença de professor, suplente e secretário. Nas classes até 12 anos os professores são geralmente moças e senhoras. Nas classes de 12 anos para cima, o ideal é que o professor seja do mesmo sexo que os alunos, por entender que nos assuntos específicos sejam assim melhor tratados. É estimulado a organização de classes para novos convertidos, recém-casados, e ainda para obreiros¹¹⁷.

Ainda em relação à parte administrativa é sugerida a organização de departamentos, segundo os critérios:

Departamento do Berço do nascer até três anos de idade; Departamento do Jardim da Infância dos quatro aos cinco anos de idade; Departamento Primário dos seis aos oito anos de idade; Departamento de Juniores dos nove aos 11 anos de idade; Departamento Intermediário dos 12 aos 14 anos de idade; Departamento Secundário dos 15 aos 17 anos de idade; Departamento de Jovens dos 18 aos 24 anos de idade; Departamento de Adultos dos 25 anos em diante; Departamento do Lar e Extensão possível a qualquer idade por permitir ações em espaços como hospitais, prisões, reformatórios, internatos, orfanatos, grupos de estrangeiros, militares, ainda com a possibilidade de ocorrer através do alcance de correio ou telefone.¹¹⁸

Em sua dimensão material a ED deve funcionar em instalações apropriadas à escola, tendo salas de aula independente. O mobiliário deve ser apropriado aos afins, e, de conformidade com a idade dos alunos. Todo o material didático (chamado de literatura) abrange as diferentes revistas de aluno e professor, bem como o respectivo material de apoio, obedecendo a um currículo bíblico, de acordo com o agrupamento de idade escolar dos alunos.¹¹⁹

Quanto à sua dimensão funcional prevê o funcionamento propriamente dito da ED, visando à consecução dos objetivos da ED (ganhar almas para Jesus; desenvolver a espiritualidade e o caráter cristão dos alunos e treinar o cristão para servir ao mestre Jesus). Em especial, a dimensão funcional cuida da: Espiritualidade, do ensino da Palavra, Eficiência e Planejamento. No quesito espiritualidade compreende o exercício da oração, da conduta cristã, santificação bíblica, consagração a Deus e predomínio do Espírito Santo. Por ensino da palavra abrange o estudo e ensino da Palavra (conteúdo bíblico), livre de extremismo, modernismo, fanatismo, doutrinas falsas.¹²⁰

¹¹⁷ SILVA, 2012, p.154.

¹¹⁸ SILVA, 2012, p.154.

¹¹⁹ ANDERS, 1949, p. 45.

¹²⁰ TOWNS, 2010, p. 37.

Buscando continuamente experiências de aprendizagem eficazes para os alunos, é relevante abordar sobre currículo e a contribuição deste no enredo abordado na ED. *Currículo* em latim significa entre outras coisas, uma pista de corridas ou caminho prescrito. No processo educacional, as suas principais questões e como as mesmas interferem em nossa prática mostram a educação sob uma nova perspectiva. Com uma visão mais ampla para além dos objetivos apenas de transmissão de conteúdos, além de compreender o currículo cheio de intenções e significados, compreende relações de poder e de espaço e envolve aquilo que somos e em que nos tornamos.¹²¹

A Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) possui um Departamento/Setor de Educação Cristã, com a proposta de desenvolver processos de ensino e aprendizado de valores, crenças e práticas que estejam de acordo com os ensinamentos bíblicos. Valorizar a Educação Cristã é estimular o crescimento espiritual da família de Deus e incentivar uma busca cada vez maior das Escrituras como fonte de conhecimento e adoração.¹²²

Sobre Educação Religiosa enfatiza Lima:

É o processo de ensino-aprendizagem proporcionado por Deus, através de sua Palavra, pelo Poder do Espírito Santo, transmitindo valores e princípios divinos. É diferente da educação secular, que só transmite instruções e conhecimentos, deixando de lado os valores éticos, morais e espirituais. Por isso, a base da Educação Cristã é a Bíblia Sagrada.¹²³

Em 1930, a CPAD lançou as primeiras revistas para as escolas dominicais, que foram desde o início chamado Lições Bíblicas, sendo comentadas e publicadas primeiramente para o público alvo jovens e adultos. O público infantil recebeu suas primeiras revistas a partir de 1943.¹²⁴

Os temas de estudos, subordinados ao currículo, são estabelecidos de forma cadenciada e dosada de acordo a etapa de desenvolvimento, (desde os primeiros meses de vida, Berçário) a criança passa por todas as fases do programa, sem

¹²¹ HENDRICKS, 2005, p. 55.

¹²² CPAD. *Currículo*

Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/view.php?s=46&i=238>>. Acesso em: 26 out 2012.

¹²³ LIMA, Renovato Elinaldo. *A Didática e a Bíblia*. Disponível em: <<http://www.escoladominical.org.br/secoes/espacopedagogico/001.htm>>. Acesso em: 18 ago 2012.

¹²⁴ ARAUJO, 2007, p. 49.

repetir nenhuma lição, até chegar à idade adulta. Assim, o currículo CPAD propicia aos alunos uma visão panorâmica da Bíblia Sagrada ajustada a cada faixa etária.¹²⁵

O material ora disponível é fruto de um trabalho de constante aperfeiçoamento no currículo e revistas da edição iniciada em 1994. Acrescentando-se, também, recursos e materiais da modernidade pedagógica e tecnológica no ensino, prima pela excelência e ortodoxia doutrinária de seus conteúdos.

Especificamente o currículo da ED da AD compreende unidades de ensino que envolve os temas graduados voltados atender as características próprias de cada grupo de idade, quais sejam: físicas, mentais, sociais e espirituais.

Estes temas também chamados Unidades de Ensino apresentam reflexão nos seguintes tópicos:

1. Doutrinas Básicas da Fé Cristã;
2. A Vida Cristã;
3. Verdades Pentecostais,
4. A Bíblia;
5. A Igreja;
6. O Povo de Israel;
7. A Família/O Lar;
8. O Tabernáculo e suas instituições;
9. Doutrinas Falsas/ Falsos Profetas;
10. Eventos Futuros (O Futuro do Mundo, de Israel e da Igreja);
11. O Ministério Local e Geral;
12. O Crente e o Estado/ a Nação;
13. A Criação de Todas as Coisas;
14. Deus e o Homem;
15. Missões e Obras Sociais;
16. O Crente e o Mundo;
17. Biografias Bíblicas;
18. A Vida de Cristo;
19. O Espírito Santo;
20. A Mocidade Cristã;
21. Reis e Profetas de Israel;

¹²⁵ CPAD. Acesso em: 26 out 2012.

22. A Bíblia e a Ciência;
23. Ética Cristã;
24. As Parábolas dos Evangelhos;
25. Os Milagres de Jesus;
26. A Igreja Local;
27. A Mordomia Cristã
28. Os Apóstolos e suas epístolas¹²⁶

A fim de subsidiar o magistério cristão, o currículo CPAD em várias partes de seus conteúdos (revistas de cada faixa etária), sugere, indica e ensina a confecção de vários recursos didáticos, tais como: gráficos, esquemas, figuras, moldes, modelos, cartazes, fantoches, bonecos, partituras de corinhos, etc. Orienta a formulação de exercícios e diversas atividades de grupo.¹²⁷

Todos os conteúdos apresentados são distribuídos em cursos com duração variada, os textos, exercícios e ilustrações produzidos de acordo com a capacidade de compreensão e assimilação de cada grupo etário. As revistas aos professores são chamadas Revista do Mestre, e disponíveis para as faixas etárias: Maternal, Jardim de Infância, Primários e Juniores são acompanhados de uma bolsa de visuais contendo 48 visuais para serem usados durante dois trimestres. Há um estilo específico de desenho para cada faixa etária.¹²⁸

Quanto aos Recursos Técnicos, às revistas de aluno para as faixas infantis e juvenis são impressas em policromia. O currículo de pré-adolescentes, adolescentes e juvenis, obedece a uma sequência alternada entre temas voltados para assuntos da adolescência e estudos dos livros da Bíblia.¹²⁹

As Lições Bíblicas do Mestre (LBM), além de conter na íntegra o texto da revista do aluno, traz onze seções complementares, que são: Interação, Orientação Pedagógica, Objetivos, Sinopse do Tópico, Responda, Devocional, Palavra-chave, Reflexão, Memorize, Auxílios Bibliográficos.¹³⁰

Para cada fase de estudos há uma quantidade de informação (conteúdo didático) adequada à capacidade de assimilação e aproveitamento por parte do

¹²⁶ SILVA, 2012, p. 209-210.

¹²⁷ CPAD. Acesso em: 26 out 2012.

¹²⁸ CPAD. Acesso em: 26 out 2012.

¹²⁹ SILVA, 2012, p. 203-206.

¹³⁰ SILVA, 2012, p.203.

aluno. O conteúdo é dosado criteriosamente, de modo que ao atingir a idade adulta, o aluno conclua o curso bíblico elementar. O sistema funciona como em uma escola secular. A partir dos primeiros meses de vida (Berçário), a criança dá início às fases do programa. Ela não repetirá nenhuma lição, desde que sua transferência para a classe da faixa etária seguinte seja feita corretamente, até chegar à faixa etária de jovens e adultos. Por exemplo: após passar pela classe do Berçário, e concluir o currículo de Maternal (3 e 4 anos), com oito revistas cada, o aluno recebe um certificado de conclusão, sendo transferido para a faixa etária seguinte, Jardim de Infância (4 e 5 anos), com 8 revistas. Daí em diante repete-se o processo, passando de uma faixa para a outra, até chegar à classe de adultos.¹³¹

O conteúdo abordado obedece a *Matriz Curricular* disponibilizada em revistas preparadas para faixas etárias desde o *Berçário* (0 a 2 anos), *Maternal* (3 a 4 anos), *Jardim de Infância* (5 a 6 anos), *Primários* (7 a 8 anos), *Juniores* (9 a 10 anos), *Pré-adolescentes* (11 a 12 anos), *Adolescentes* (13 a 14 anos), *Juvenis* (15 a 17 anos), *Jovens e Adultos* (18 anos e mais).¹³²

Destinado ao público adolescente, crente ou não há um estudo intitulado “O Caminho para o Céu”, cujo conteúdo tem como objetivo levar o aluno a: aceitar a Jesus como salvador (aos não que ainda não tenham professado), a firmar-se na Igreja, a batizarem-se nas águas, além de levá-lo a conhecer as doutrinas bíblicas da Igreja. Os assuntos são apresentados em 13 lições envolvendo os temas:

01 - Deus se importa comigo? 02 - Qual a origem do homem? 03 - A Bíblia é a Palavra de Deus? 04 - Quem é Jesus? 05 - O Céu existe? 06 - O Inferno existe? 07 - Como posso vencer os meus pecados? 08 - Por que é errado adorar ídolos? 09 - É possível tornar-me filho de Deus? 10 - O que significa aceitar a Jesus? 11 - Qual o real significado do batismo? 12 - O que é a Santa Ceia? 13 - Existe uma maneira correta de se viver?¹³³

Voltado ao público dos Novos Convertidos, há um conjunto de 26 tópicos, organizado em duas revistas:

Na primeira revista o aluno estuda Conhecendo a Bíblia; Conhecendo a Deus; Conhecendo a Salvação; Conhecendo a Igreja; Conhecendo o valor da oração; O Discípulo e a Fé; O Discípulo e a Obediência; O Discípulo e o Dízimo; O Discípulo e o Espírito Santo; O Discípulo vivendo cheio do Espírito; O Discípulo e os dons do Espírito Santo; O Discípulo e fruto do Espírito Santo; O Discípulo e o Evangelismo. Na segunda Revista é

¹³¹ SILVA, 2012. p.209.

¹³² CPAD. Acesso em: 26 Out. 2012.

¹³³ CPAD. Acesso em: 26 Out. 2012.

estudado: O Discípulo e a Comunidade; O Discípulo e o Lar Cristão; O Discípulo e a Tentação; O Discípulo e Impureza; O Discípulo e a Idolatria; O Discípulo e Temperança; O Discípulo e o Perdão; O Discípulo e Mordomia; O Discípulo e o Louvor; O Discípulo e Batismo nas Águas; O Discípulo e a Santa Ceia; O Discípulo e a Volta de Jesus; O Discípulo e a Missão de Discipular.¹³⁴

Sentindo-se chamada ao ensino frente à demanda desafiadora da globalização, sem olhar ao passado com perplexidade, ou ao futuro com desconfiança, porém com ousadia procurando responder a urgente necessidade de a escola dominical ser um espaço de reconstrução de alicerces, com estudo de princípios e objetivos para a família e a sociedade, sempre fundamentados nos princípios estabelecidos na palavra de Deus.¹³⁵

Procurando a abordagem frente aos temas atuais, entre eles a questão do HIV/AIDS, fruto de raciocínio deste trabalho, encontramos ênfase refletindo às questões sociais, relatado por Majewski:

[...] temos a manifestação mais forte da AD, nas suas revistas de escola dominical, a respeito das questões sociais. Nenhuma outra revista, até então, abriu tanto espaço (quatro lições, de treze) para trabalhar esses assuntos. A forma como eles foram apresentados também demonstra maior tomada de consciência dessa igreja frente aos problemas sociais, inclusive mencionando a teologia da libertação (ainda que para rejeitá-la) e não apenas admitindo, mas estimulando a participação do cristão em obras assistenciais e até seculares. Emblemática também é a utilização da expressão “evangelho pleno” para designar uma evangelização que não desconsidera as necessidades materiais dos evangelizados, o que parece aproximar a denominação da ideia de “evangelho integral”.¹³⁶

Relacionado ao conteúdo teológico prático, “não estamos falando de um evangelho meramente social, mas do evangelho que transforma e reabilita o ser humano por completo. Este é um dos maiores desafios do amor”.¹³⁷

Enfatizando a vida prática como igreja, salienta Majewski: “A atividade da Igreja se direciona em dois sentidos: vertical – adoração, atividades espirituais; horizontal – servir ao próximo, atividades filantrópicas e sociais”.¹³⁸

¹³⁴ CPAD, Acesso em: 26 Out. 2012.

¹³⁵ TULER, Acesso em: 24 out. 2012.

¹³⁶ MAJEWSKI, 2010.p.22.

¹³⁷ LIMA, Renovato, Elinaldo. *Lições Bíblicas. Tempos trabalhosos: Como enfrentar os desafios desse século*, Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 88.

¹³⁸ MAJEWSKI, 2010, p. 85.

3 A EPIDEMIA DO HIV/AIDS E A ESCOLA DOMINICAL

“A pandemia do HIV e AIDS nos chama para romper silêncios, despojarmos temores, abandonar cumplicidades e preconceitos que produz estigma e discriminação para avançar por caminhos de solidariedade e de justiça.”

Orlov

A Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) é considerada um dos graves problemas de saúde coletiva na atualidade. Desde o surgimento dos primeiros casos, nos fins dos anos 70, ela vem se apresentando como uma doença dinâmica, possuindo características que se diversificam ao longo da história, nos remetendo a busca por sua compreensão. Inicialmente ficou conhecida como a doença associada à morte, e sua transmissão relacionada à prática sexual, devido à massificação veiculada pela mídia.¹³⁹

A disseminação da epidemia configura-se hoje de forma diferenciada da inicial, e grupos antes não considerados como passíveis de contaminação pelo vírus da imunodeficiência humana, passam a fazer parte do cenário epidemiológico, atendendo a dinâmica da doença em seus diversos modos de transmissão.¹⁴⁰ No contexto médico, esta realidade requer uma atenção redobrada da equipe multiprofissional para a prevenção envolvendo os diferentes segmentos populacionais, conforme a configuração atual.¹⁴¹

Cabe enfatizar neste contexto que a igreja de Cristo é fundamental para compreender a pandemia de HIV/AIDS a partir da perspectiva da fé cristã.¹⁴² É imperioso que a igreja creia que, no corpo, “cada um” recebe um ou mais dons que devem ser usados em ministérios específicos, visando ao bem do Corpo de Cristo como um todo. O curso superior serve para direcionar e habilitar o estudante na área profissional; no contexto cristão; o discipulado dos ministérios o habilitará para o trabalho na casa de Deus.¹⁴³

¹³⁹ SALDANHA, Ana Alayde de Werba; FIGUEIREDO, M. A. C; COUTINHO, M.P. L. *Aids: trajetória e tendência da epidemia – a legitimação de um universo simbólico*. 2005.

¹⁴⁰ SALDANHA, Ana Alayde de Werba; FELIX, Shenja Maria Felício; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. *Representações sobre a Aids na velhice por coordenadoras de grupos da terceira idade*. Psico-USF, v. 13, n. 1, p. 95-103, jan./jun. 2008.

¹⁴¹ BRASIL. Ministério da Saúde. *Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais*. Boletim Epidemiológico AIDS/DST (versão preliminar). Brasília, 2011.

¹⁴² BRODD, Sven-Erik. *Elementos Eclesiológicos pra entender "Igreja" na Pandemia de HIV/AIDS*. São Leopoldo, v.50, n.1, p.82-101 jan-jun. 2010.

¹⁴³ MONTANHA, Ednalda Maria. *Diaconia: Manual do Discipulador*. Aleluia, Arapongas, 2010, p. 9-11.

Contextualizando a própria evolução da pandemia, incumbe refletir sobre a natureza e a missão da igreja. Cabe dar à luz a uma abordagem alternativa que possa dar esperança às pessoas, envolvendo as igrejas e instituições teológicas em uma releitura da Bíblia, a fim de remodelar-se para que os seus discursos estejam enraizados nas preocupações diárias das pessoas, ressaltando também o papel social destas.¹⁴⁴

O viver ou conviver com o vírus da imunodeficiência adquirida é marcado pela subestimação de risco, em virtude de crenças e mitos sobre a sexualidade. Esta situação não pode ser comprometida pela falta de informação e/ou inércia de atitude para com o fato.¹⁴⁵

O espaço da educação cristã deve ser valorizado e entendido como possibilidade para o crescimento em favor dos outros. Independente da confessionalidade é importante vinculá-lo ao conceito de cidadania. Meneghetti assevera:

Confessionalidade e cidadania são dois conceitos-chave para a temática da educação cristã. Precisam ser enfrentados. Ou seja: olhados de frente. Ser cristão é um desdobramento do ser confessional, que é um espaço mais ampliado, um conceito mais abrangente. As denominações religiosas, quando entendidas como sinônimo de confessionalidade, em razão de suas particularidades, não têm condições de permanência num mundo secular, cuja ampliação dos sistemas em rede é cada vez maior. A única forma de conviver com o conceito de confessionalidade é vinculá-lo ao conceito de cidadania.¹⁴⁶

Pode-se dizer que HIV/AIDS é hoje um dos principais desafios que a humanidade enfrenta. Por se tratar de um fenômeno relativamente novo, as tentativas para lidar, controlar e explicar Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) evoluíram a cada passo. Na tentativa de enfrentamento desenvolvem-se

¹⁴⁴ ORLOV, Lisandro. Acesso universal y derechos humanos: mensaje de La Pastoral Ecuemênica VIH y sida para el día mundial de sida 2009. 1ª ed. – Buenos Aires: Epifanía, 2010, p. 2-7.

¹⁴⁵ FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro; PROVINCIALI, Renata Maria. Ciência Social e Comportamental. VII Congresso Virtual HIV/AIDS: *HIV/AIDS em pessoas idosas. Vulnerabilidade, convívio e enfrentamento*. Disponível em: <www.aidscongress.net/Modules/WebC_AidsCongress/CommunicationHTML.aspx?Mid=36&CommID=322>. Acesso em: 28 set 2011.

¹⁴⁶ MENEGUETTI, Rosa G.K. *Projeto pedagógico e educação cristã*. Revista Educação do Cogeime. ANO II. Nº20, junho/2002, p. 23-30.

estratégias favoráveis, como também algumas que demonstram o quanto é necessário ampliar o olhar aos portadores de HIV/AIDS.¹⁴⁷

3.1 AIDS e seu Arcabouço Histórico

Doença associada ao vírus da imunodeficiência adquirida (HIV) passou a ser designada Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS). Seu nome fala por si só. É uma *síndrome*, do grego *syndromé*, expressa o significado de concurso, ou seja, a circunstância de se encontrarem juntas duas ou mais coisas.¹⁴⁸

A AIDS representa um dos maiores problemas de saúde da atualidade, em função de seu caráter pandêmico e de sua gravidade. A imunodeficiência refere-se à incapacidade do sistema imunológico cumprir suas funções¹⁴⁹.

O agente causador da AIDS é o vírus da imunodeficiência humana (HIV), que destrói lentamente um tipo de célula de defesa denominada linfócito CD4, principal responsável pela resposta imunológica. Os mecanismos de transmissão do HIV são a relação sexual (homo ou heterossexual), a transfusão de sangue, o uso compartilhado de agulhas não esterilizadas entre usuários de drogas injetáveis e a transmissão da mãe para o filho durante a gestação parto ou amamentação (transmissão vertical).¹⁵⁰

Em seu princípio histórico, trouxe à luz um repertório de preconceitos e estigmatizações que estavam ou adormecidas na consciência de muitas pessoas ou silenciadas propositalmente por outras. O imaginário social da doença na cosmovisão religiosa remeteu a questões moralistas, com discurso culpabilizador envolvendo o corpo e suas relações.¹⁵¹ Soares ressalta:

¹⁴⁷ SPEICHER, Sara. WILSON, Janice. *Explorando Soluções: Como Falar Sobre Prevenção de AIDS na igreja*. Aliança Ecumênica de Ação Mundial. 2007. [s.d.]

¹⁴⁸ SOARES, R.L. *Imagens Veladas: AIDS, imprensa e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2001, p.80.

¹⁴⁹ Os infectados pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) evoluem para uma grave disfunção do sistema imunológico, à medida que vão sendo destruídos os linfócitos T CD 4+, uma das principais células-alvo do vírus. A contagem de linfócitos T CD4+. A contagem de linfócitos T CD4+ é um importante marcador dessa imunodeficiência, sendo utilizada tanto para estimar o prognóstico e avaliar a indicação de início de terapia antirretroviral, quanto para definição de casos de AIDS,[...]. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso*. 8 ed.rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2010, p.75.

¹⁵⁰ ANDRADE, Maria de Fátima de Oliveira; MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira; BÓGUS, Cláudia Maria. *Casa Siloé: a história de uma ONG para crianças portadoras de HIV/AIDS*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.4, out-dez. 2007, p.1292.

¹⁵¹ SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *AIDS e Religião: aproximações ao tema*. Impulso N. 32, vol. 13, p. 21-39, Piracicaba, 2002, set. dez. p.23.

A AIDS foi marcada como uma doença moral, adjetivando a morte do portador do HIV por meio de códigos socialmente constituídos. Em consonância com as próprias expectativas da *sociedade ciência* identificava anticorpos do vírus HIV no organismo de pessoas que podiam facilmente ser delimitadas dentro de um “grupo” com determinados códigos de comportamento. Estavam firmados o preconceito, o terror e o isolamento, esquecendo-se que, no entanto, grupos humanos não vivem isolados, nem são imóveis. Dava-se muito mais importância, por exemplo, ao contágio pelo HIV via drogas intravenosas ou relações homossexuais. Esqueceu-se que um modo também comum de transmissão, a transfusão de sangue contaminado, poderia afetar qualquer pessoa, muitas vezes sem que esta nem ao menos soubesse (já que o vírus pode ficar latente vários anos).¹⁵²

Em decorrência do arcabouço histórico evocado pela epidemia de HIV/AIDS, vieram à tona fissuras entre ciências e ideologia, entre questões éticas, morais e de intervenções técnicas, entre solidariedade e exclusão:

A epidemia de AIDS tem gerado questionamentos éticos de diferentes ordens em todas as sociedades e culturas. Essa doença, causada por um vírus cuja infecção ocorre primordialmente pela via sexual e sangüínea, colocou em questão valores e costumes diretamente relacionados às práticas sexuais, modos de vida e mitos relacionados ao sangue. Foram necessárias duas décadas de respostas à epidemia para que se generalizasse a idéia de que um ambiente social discriminatório e preconceituoso, assim como modelos de intervenção que invadem a privacidade e os direitos das pessoas vivendo com HIV/AIDS, é contra produtores para os programas de prevenção e assistência.¹⁵³

Para ampliar o enfileiramento para com a temática, destaca Trasferetti, sob o papel acolhedor e atuante da igreja:

A partir da ótica eclesial a AIDS suscita várias questões. Como se trata de um vírus que ainda mata, e que é transmitido por via comportamental, é preciso discutir e aprofundar os comportamentos em sociedade. Sobretudo a questão do uso de drogas intravenosas e o exercício da sexualidade. Para os pais e filhos, é necessário construir uma moralidade do diálogo franco e honesto. Não podemos mais educar nossos filhos inspirados numa moral casuística do tipo pode ou não pode. A moral casuística não responde mais às necessidades dos nossos tempos. A nossa juventude possui muita informação, mas ela precisa ser incorporada aos seus hábitos pessoais cotidianos. Nada melhor do que o diálogo que coloca as pessoas frente a frente, face a face. O olho no olho é o melhor caminho.¹⁵⁴

¹⁵² SOARES, 2001, p.84.

¹⁵³ BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. *Implicações Éticas do Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV / Secretaria Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004, p.5.*

¹⁵⁴ TRASFERETTI, J. BRASIL, N. *Igreja e Aids. Jornal Santuário*. Disponível em: <<http://jornalsantuário.wordpress.com/tag/saude/>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

A palavra de Deus, coração de toda atividade eclesial enseja excelente oportunidade ao mostrar às pessoas ocasião de refletir e agir frente à vulnerabilidade.¹⁵⁵ Desta forma é imprescindível comprometer-se em um trabalho sério e responsável, que visa abordar este tabu de forma esclarecedora e libertadora, sobre o qual se fala (geralmente de forma distorcida) de muitas formas.¹⁵⁶

No plano social Castro¹⁵⁷ enfoca que a vulnerabilidade vem sendo avaliada, dentre outros, por aspectos relacionados às iniquidades de determinados grupos populacionais no acesso à informação e à escolarização, ao trabalho e à geração de renda, no acesso aos serviços de saúde e às intervenções de prevenção e cuidado ali propostas. Esse tipo de vulnerabilidade pode ser visto na forma como se concebe o exercício da sexualidade na terceira idade.

O plano programático abrange desde o compromisso em formular políticas amplas e específicas dos governos, da sustentabilidade e multisetorialidade das ações, à qualificação dos recursos humanos em saúde, entre outros aspectos conforme Silva.¹⁵⁸

O quadro 1 exemplifica os três planos citados nos parágrafos anteriores.

Individual	Social	Programática (ênfase no setor saúde)
Valores	Normas sociais	Compromisso político dos governos
Interesses	Referências culturais	Definição de políticas específicas
Crenças	Relações de gênero	Planejamento e avaliação das políticas
Credos	Relações de raça/etnia	Participação social no planejamento e avaliação
Desejos	Relações entre gerações	Recursos humanos e materiais para as
Conhecimento		

¹⁵⁵ Vulnerabilidade, traduzido como conjunto de fatores de natureza biológica, epidemiológica, social e cultural, cuja interação amplia ou reduz o risco ou a proteção de um grupo populacional, frente a uma determinada doença, condição ou dano. **Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Oficina de Aconselhamento em DST/HIV/AIDS para Atenção Básica. / Brasília: Ministério da Saúde. 2005, p. 47.**

¹⁵⁶ KOINONIA. Presença Ecumênica e Serviço. *AIDS e Igrejas: Um convite à Ação*. Rio de Janeiro 1998, p. 9.

¹⁵⁷ CASTRO, Mildred Pitman de. *O viver com HIV/AIDS na perspectiva de pessoas idosas atendidas em ambulatório especializado da cidade de São Paulo*. 2007. 119p. Dissertação. (Doenças Infecciosas e Parasitárias). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5134/tde-11092007-140650/pt-br.php>> Acesso em: 20 set 2011.

¹⁵⁸ SILVA, Ádrea Alvarenga da et al. *AIDS na terceira idade: uma revisão bibliográfica. Monografia. (Bacharel em Enfermagem). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2009. Disponível em: <<http://srvwebbib.univale.br/pergamum/tcc/Aidsnaterceiraidadeumarevisaodaliteratura.pdf>> Acesso em: 20 ago 2011.*

Atitudes Comportamentos Relações familiares Relações de amizade Relações afetivo-sexuais Relações profissionais Situação material Situação psicoemocional Situação física Redes e suportes sociais	Normas e crenças religiosas Estigma e discriminação Emprego Salários Suporte social Acesso à saúde Acesso à educação Acesso à justiça Acesso à cultura, lazer e esporte Acesso à mídia Liberdade de pensamento e expressão Participação política Cidadania	políticas Governabilidade Controle social Sustentabilidade política, institucional e material da política Articulação multisetorial das ações Atividades intersetoriais Organização do setor saúde Acesso aos serviços Qualidade dos serviços Integralidade da atenção Equidade das ações Equipes multidisciplinares Enfoques interdisciplinares Integração entre prevenção, promoção e assistência Preparo técnico-científico dos profissionais e equipes Compromisso e responsabilidade dos profissionais Respeito, proteção e promoção dos direitos humanos Participação comunitária na gestão dos serviços Planejamento, supervisão e avaliação dos serviços Responsabilidade social e jurídica dos serviços.
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: SILVA (2009) Adaptado de Ayres et al. (2006)

Quadro 1 – Aspectos a serem considerados nas três dimensões das análises de vulnerabilidade

3.2 AIDS e Igreja

O HIV/AIDS continua a ter impacto devastador sobre a humanidade. A igreja muitas vezes reluta em responder à epidemia de forma compatível com a dimensão do problema. As barreiras que suscitam esta resposta precisam ser enfrentadas.

Conhecer o contexto teológico das abordagens feitas ao tema, à natureza do recurso relacionado das barreiras, e a vontade dos ministros em se envolver mais, sugerem que a promoção de parcerias criativas entre as organizações de serviços de AIDS e igrejas podem encorajar mais igrejas para oferecer HIV / AIDS programas de prevenção de uma maneira culturalmente aceitável.¹⁵⁹

Brodd destaca o chamamento às igrejas:

Deste modo as igrejas são chamadas “a ajudar e fazer diferença na vida dos que vivem com HIV, temos que ser sensíveis quanto ao estigma e discriminação que cada um sente e sofre. O nosso respeito é vital, embora não é fácil. Às vezes seremos convidados a ouvir alguém cuja história nós não gostamos ou que julgamos imediatamente”.¹⁶⁰

O senso de comunidade e a ruptura de barreiras culturais, estas últimas enormes num país como o Brasil, podem auxiliar no desenvolvimento de uma consciência cidadã que vá além do mero individualismo, aproximando pessoas que de outra forma jamais se comunicariam. Ricos e pobres, negros e brancos, universitários e analfabetos em geral vivenciam sua fé no mesmo espaço (igreja), e assim podem conhecer com maior nitidez e menos distorções os problemas reais que cada grupo enfrenta no seu dia-a-dia.¹⁶¹

Nos dias atuais, apesar de todas as informações inerentes aos mais diversos tipos de doenças, algumas delas ainda são motivos de angústia, receios e preconceito. Na antiguidade, a lepra e a peste, e a partir do século XIX, o câncer, a sífilis e a tuberculose permeavam as mentalidades e marcavam seus portadores, uma vez que os significados das doenças iam além de seus sintomas: “a doença é o réu, mas ao doente cabe a culpa.”¹⁶²

Algo semelhante acontece hoje com a AIDS, gerando opressão, iniquidade. Portanto a prática de boas obras, não é meramente passiva, mas também ativa. Suprir estas necessidades propõe à igreja ser um centro de influência, atingindo a comunidade. Sobre isso Majewski reverbera:

¹⁵⁹ JUSTIN Smith, BA; Emma Simmons, MD, MPH; e Kenneth H. Mayer, MD Providence and Pawtucket, Rhode Island. *HIV/AIDS and the Black Church: What Are the Barriers to Prevention Services?* Journal of The National Medical Association. Vol. 97, No. 12, December 2005. Disponível em:< <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2640746/pdf/jnma00868-0084.pdf>.> Acesso em: 30 out 2012.

¹⁶⁰ BRODD,2010, p. 82-101.

¹⁶¹ MAJEWSKI,2010, p.67.

¹⁶² SONTAG, Susan. *A Doença como Metáfora*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal. 2002, p.75.

A missão da igreja envolve o anúncio do Reino de Deus, o qual possui implicações sociais e materiais, pois é o anúncio da justiça e da paz de Deus. Dessa forma, o "poder" para evangelizar, oriundo do batismo com o Espírito Santo para fazer missões, também pode ser entendido como poder de Deus para atuação profética da igreja, denunciando os males e iniquidades de governos, nações, sistemas, etc., que geram opressão, além de contribuir para a construção de um mundo melhor de se viver.¹⁶³

Por outro lado, ao longo da história da epidemia de HIV/AIDS houve atitudes como: ceticismo inicial e demorada reação aos sinais de alarme; atitude de auto-justificação pela qual se atribuía o HIV/AIDS à imoralidade de certos grupos; campanhas que geram temor e desespero por associar o HIV/AIDS com morte certa; falta de suficiente informação que levou a restringir o HIV/AIDS à esfera exclusivamente médica; demasiada identificação da prevenção com informação individual ou com escolha individual, ao invés de ver essa prevenção no contexto de relações e estruturas sociais; e a longa relutância das empresas farmacêuticas ocidentais em tornar os remédios acessíveis e economicamente adquiríveis. O fortalecimento e valorização das práticas no campo da promoção da prevenção do HIV/AIDS, tão focado pela iniciativa científica, embora seja um direito, não é uma verdade que orienta escolhas racionais nem é suficiente para aumentar a liberdade de decisão das pessoas.¹⁶⁴

Olhando para a dignidade ferida do ser humano tocada pela epidemia, os cristãos e a igreja local unidos em fidelidade e amor surgem como espaço de cura, onde gestos expressados em palavras se transformam em consolo e esperança, como local de inclusão social, familiar.¹⁶⁵

Muitas vezes a própria igreja encontra-se necessitada da cura. Uma vez curada age em favor de quem necessita ser cuidado, (o que vive e ou convive com o vírus HIV), Orlov salienta a necessidade de mudar o discurso estritamente médico para um discurso focando o ser humano considerando as implicações epidemiológicas que afetam a dignidade individual, social, cultural.¹⁶⁶

A abrangência teológica oportuna entender a dinamicidade que o fato traz a partir de interpretações equivocadas sobre três enfoques. Primeiro: *O VÍRUS* (característica, sinais e sintomas físicos da doença), independente de questões de

¹⁶³ MAJEWSKI, 2010, p.67.

¹⁶⁴ OIKOUMENEN. *Currículo sobre HIV e SIDA para instituições teológicas na África*. [s.d.], p. 1-7.

¹⁶⁵ ORLOV. L. *Hablamos de SIDA Porque amamos La vida. Ejes Interpretativos y objetivos de La información*. [S.D.] 2004, p.1.

¹⁶⁶ ORLOV.2004, p.1.

gênero, trabalhador sexual, etc. Segundo: *O SOFRIMENTO* (medo da morte, sensação de dignidade ferida, sofrimento físico propriamente dito, desrespeito aos direitos humanos, discriminação) e terceiro: *O SER HUMANO QUE VIVE E CONVIVE COM O VÍRUS* (a elaboração de políticas e ações ganha outro potencial, se elaborado a partir de quem vive a realidade).¹⁶⁷

Mediante esta abrangência não há fundamento científico para discriminar ou excluir uma pessoa pelo fato dela estar vivendo ou portando o vírus HIV. Em atitudes de exclusão há a necessidade de enfrentar os próprios medos e julgamentos pré-estabelecidos, evitando incorrer em atitudes de falta de solidariedade. A igreja deve manifestar como resposta, fazendo missão, tornando visível o amor incondicional de Deus.¹⁶⁸

Sendo assim AIDS e a condição de ser HIV positivo são incorporados na vida de pessoas de maneiras polarizadas: para alguns é visto como mais um aspecto da vida para ser vivida, que não interfere no seu modo de vida anterior ao diagnóstico, porém para outros, o resultado positivo se torna um incômodo constante e conviver com ela exige uma grande dose de esforço.¹⁶⁹

Apesar dos mitos e crenças sobre a sexualidade tanto o adolescente, jovem, o que se encontra na idade adulta ou para os idosos, os resultados encontrados nos coloca face a face com uma realidade que não pode ser ignorada. Exige um novo dimensionamento para o planejamento dos futuros programas destinado a dar orientação e apoio às pessoas, tendo ou não professado uma religião, é papel fraterno e cristão, ético e solidário.¹⁷⁰

Não se trata hoje com o avanço da ciência de uma condição de “AIDS – morte”, senão de uma condição de “AIDS- vida”, trocando o sentimento de paralisia que congela de terror do medo da morte e tolhe as atitudes, por esperança que não é ilusão, e sim a mola mestra que impulsiona a seguir em frente buscando o segredo da felicidade de viver. É uma estrada de um caminho promissor, embora seja certo

¹⁶⁷ ORLOV, 2004, p.2-7.

¹⁶⁸ ORLOV, Lisandro. *Asumamos el liderazgo. Detengamos el SIDA: mensaje de Iglesias, Redes y Organizaciones para el Día mundial del SIDA*. 1 Ed. Buenos Aires: Epifania. p. 3-9.

¹⁶⁹ PROVINCIALI, Renata Maria. *O convívio com HIV/aids em pessoas da terceira idade e suas representações: vulnerabilidade e convívio*. 2005. Dissertação. (Ciências, área Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09022007-155352/pt-br.php>> Acesso em: 20 set 2011.

¹⁷⁰ PROVINCIALI, 2005, p.11.

que os “intelectuais antirreligiosos” consideram a religiosidade um estado social e intelectual primitivo.¹⁷¹

Toda e qualquer situação de exposição ao vírus, desde contaminação por exposição sexual inadvertida, questões de gênero, de poder entre homens e mulheres e a vulnerabilidade feminina para contrair AIDS, reforça essa premente necessidade eclesiológica, ainda pouco descortinada.¹⁷²

Grandes são as potencialidades que se descortinam frente às possibilidades de serviço, mediante as múltiplas capacidades individuais destacadas sob a ação de um mesmo Deus registrada na Bíblia Sagrada nas cartas paulinas, conforme destacada em: I Coríntios 12.4 - 7:

Ora, Deus nos dá muitos tipos de capacidades especiais, porém é o mesmo Espírito Santo que é a fonte de todas elas. Há diferentes espécies de serviço a Deus, porém é ao mesmo Senhor que estamos servindo. Há muitos modos pelos quais Deus opera em nossas vidas, porém é o mesmo Deus quem faz a obra em nós e através de todos nós, os que lhe pertencemos. O Espírito Santo manifesta o poder de Deus através de cada um de nós como um meio de ajudar a toda a igreja.¹⁷³

Nunca as transformações ocorridas no mundo exigiram tantos esforços, envolvendo várias pessoas fazendo-as manterem-se atualizadas em sua metodologia. Exercendo a comparação com um momento no jogo de futebol, Montanha relata:

Em um jogo de futebol, haveria um único jogador que fizesse tudo? Cobrasse pênalti, atacasse, fosse goleiro, bandeirinha, juiz... Tudo ao mesmo tempo? Em um jogo, para que haja sucesso, tem que haver trabalho em equipe e cumplicidade entre os participantes. Existe um fenômeno chamado *sinergia*, que significa que a soma do todo é maior que a soma das partes isoladas. Isso significa que o trabalho em equipe reúne mais força do que cada pessoa que trabalha isoladamente.¹⁷⁴

Essa reflexão denota quão imperiosa é estar disposta a atuação, não exatamente em quantidade, mas em qualidade, na medida em que informação capacita e estabelece um dispositivo de armazenamento e comunicação, servindo

¹⁷¹ SEFFNER, Fernando. *O jeito de levar a vida: Trajetória de soropositivos enfrentando a morte anunciada*. Dissertação de mestrado UFRGS. Rio Grande do Sul. 1995. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13878/000261721.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 out. 2012.

¹⁷² BRODD, 2010, p.92.

¹⁷³ A BIBLIA VIVA. Editora Mundo Cristão. São Paulo. 6ª ed.1992.

¹⁷⁴ MONTANHA, 2010, p.15.

de gatilho para a ação. Partindo de um desenvolvimento hegemônico, incorporando o conhecimento que gera atitude, perpassando a área cognitiva, afetiva e psicomotora.¹⁷⁵

3.3 AIDS e Família

A família é o primeiro espaço social onde se constrói os referenciais e valores essenciais para um desenvolvimento saudável. A família participa desde o princípio no processo educacional, promovendo a formação e solidificando espaços seguros íntegros e saudáveis, produzindo adultos que também fortalecerão a condição de relacionamentos amadurecidos, mesmo frente a situações de impacto e conflito nos reveses da vida.

Descortinando o terceiro milênio, as pessoas ao redor do mundo mostram sinais de estarem conhecendo novas composições familiares. A composição de família contribui na identidade das pessoas. A idéia da família em si mesma passa por composição de grupos cujos relacionamentos são baseados em confiança, apoio mútuo e sentimento comum de destino. Baseados em valores ditados por economia e políticas governamentais exercem mudanças fazendo com que a infidelidade e o divórcio se tornem mais aceitáveis, a composição familiar homo afetiva mais natural, casamentos mais temporários, a criação de filhos mais confusa e relacionamentos estáveis mais difíceis.¹⁷⁶

No processo de crescimento e desenvolvimento, o ser humano criança, adolescente, jovem, adulto e idoso, precisa da influência positiva de uma família fortalecida e robusta, que mesmo no despontar do crepúsculo da vida, independente de situações e fatos, quer estar no recôndito espaço familiar.¹⁷⁷

No âmbito familiar, local onde é para ser dedicado amor e carinho aos integrantes, crianças, adolescente, jovens e aos adultos, questões sobre a AIDS ainda encontram-se sem respostas, o assunto em torno da doença, formas de exposição ao vírus, preconceito, questões referente à vulnerabilidade, entre outros

¹⁷⁵ TULER, 2005, p. 51.

¹⁷⁶ LOUZADA, Ana Maria Gonçalves. *Evolução do conceito de família*. Disponível em: <http://www.amagis.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=191%3Aevolucao-do-conceito-de-familia-juiza-ana-maria-goncalves-louzada&catid=11&Itemid=30>. Acesso em: 30 out 2012.

¹⁷⁷ IRWIN, Elvin D. *O Plano de Deus Para a Família*. Ed. Vida, 1986, p. 5-7.

deve estar presente nos diálogos, construindo atitudes responsivas, e permeadas de confiabilidade, favorecendo construção de caráter baseado em amor e respeito.

Ao se confrontar com diagnósticos que cientificamente contém prognósticos desfavoráveis, os integrantes da família se deparam com situações de estresse e conflito, com sentimentos de frustração e revolta, expressadas de variadas formas.¹⁷⁸

Pensar em família no contexto HIV/AIDS, nos reporta ao ditado africano “é preciso uma aldeia para educar uma criança”. A abordagem feita de maneira alguma precisa sustentar estigmas, contexto econômico e político em que estas representações são construídas. O objetivo da igreja é apoiar a família e ajudá-los, desta forma, para que cumpram a lei de Cristo. “Partilhem as dificuldades e problemas uns dos outros [...]” Gálatas 6:2.¹⁷⁹

Entender, a partir da perspectiva da família, suas reações diante do conhecimento de ter um dos seus integrantes acometido pelo vírus da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (HIV/AIDS), tendo em vista que é uma doença incurável que pode levar a morte e, ainda, carregada de preconceito. Sousa aborda:

A AIDS guarda no interior da família diferentes percepções, silêncio e segredos enquanto convivência social [...] também é uma fonte de ajuda, contribuindo para o equilíbrio físico e mental do mesmo. Entretanto, os significados que a cultura atribui à doença podem afetar os comportamentos da família, com relação ao indivíduo com AIDS passando a discriminá-lo e a excluí-lo do grupo familiar. Além disso, entendemos que, neste contexto de doença, cada família movimenta-se de forma singular, interpretando a situação a partir de uma percepção em que sua cultura, seus códigos e suas regras influenciam seu comportamento e o processo de comunicação entre seus membros.¹⁸⁰

As reações da família e do portador do HIV/AIDS decorrem da percepção sobre a doença e assim comportam-se influenciados por uma gama de significados estigmatizantes que envolvem a doença e que foram construídos socialmente, podendo interferir nas relações dentro e fora do grupo familiar. Participar da convivência com o portador do vírus da imunodeficiência humana coloca as famílias

¹⁷⁸ KUSHNER, Harold. *Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas*. Ed. Nobel, 2010.

¹⁷⁹ Christian AIDS Bureau for Southern Africa Resources and news. *A Igreja apóia a família*. 27 de novembro, 2005. Disponível em:

< http://www.aids-is-real.com/index.php?option=com_content&task=view&id=34>. Acesso em: 30 out 2012.

¹⁸⁰ SOUSA, Suelene A.; KANTORSKI, Prado L.; BIELEMANN, Valquíria Machado L. *A AIDS no interior da família - percepção, silêncio e segredo na convivência social*. Revista Acta Scientiarum. Health Sciences. v. 26, no. 1, 2004, p. 1-9.

frente a repercussões da epidemia em suas vidas, forçando-as a realidade inesperada. Assevera Sousa:

Temos a concepção de que cuidar do portador do HIV/AIDS, tendo a família como referencial, revela-se como fonte para qualificar a profissão, e assim, mapear seu comportamento, suas vivências. Ao deparar-nos com essa enfermidade no seu interior, também podemos entender os limites e as possibilidades de viver em família com o ser humano acometido pelo HIV/AIDS, ao mesmo tempo, uma forma de contribuir na reestruturação, no fortalecimento, na colaboração, na aproximação e na integração dos seus membros.¹⁸¹

Receber na ED em salas com agrupamento por idade e assuntos pertinentes, possibilita que pessoas devidamente preparadas possam atuar sobre o tema, em ambiente de escuta e cura.¹⁸²

3.4 AIDS e Escola

O *ambiente escolar*, entendido aqui como espaço social integra ações além da superficialidade. Oportunizar amadurecimento das relações interpessoais em transformação pessoal e coletiva produz respostas sociais alcançadas na comunicação entre diferentes. Além da homogeneização de formas de pensar e levar a vida, contribui construindo e fortalecendo de laços de proteção.¹⁸³

A escola atua na construção do caráter pessoal ao lado família e sociedade. Descortina o escopo em arguir quais as melhores articulações dessa com a educação, pensando na promoção à saúde. Escola é também o caminho onde ocorre um processo dialético. Atendendo ao propósito de propiciar a aquisição de instrumentos que possibilitam o acesso ao saber elaborado (ciência), bem como aos rudimentos desse saber. E ainda, a compreensão da natureza da educação enquanto um trabalho não material, cujo produto não se separa do ato de produção nos permite situar a especificidade da educação como referida aos conhecimentos, atitudes, hábitos, símbolos sob aspecto de elementos necessários à formação da humanidade em cada indivíduo singular, na forma de uma segunda natureza que se

¹⁸¹ SOUSA, 2004, p. 1-9.

¹⁸² ORLOV, Lisandro. *El Amor Incondicional*. 2009. El Salvador: Editorial Epifania. p. 19.

¹⁸³ BRASIL, 2008, p.23.

produz, deliberada e intencionalmente, através de relações pedagógicas historicamente determinadas.¹⁸⁴

3.5 AIDS e Escola Dominical

A ED tem potencial a ser descortinado na educação cristã. Não pode ficar restrita ao tempo. As famílias precisam encontrar espaços ampliados de inserção e participação, enfatizando nesta contemporaneidade um respeito mútuo, necessário para que se veja onde há alguém que ensina, há alguém que aprende, constrói o conhecimento.¹⁸⁵

A *escola dominical* apresenta-se em potencialidade, por ser espaço de ensino, reflexão e ambiência cristã. A exemplo da reflexão apontada pela política da Pastoral da Saúde, quando certifica Trasferetti:

(...) procura, com o mesmo espírito de Jesus, conscientizar e apoiar as pessoas portadoras de HIV. A Igreja tem a consciência de que o preventivo mais eficaz é a educação. Não só uma educação que ajude a identificar as formas de transmissão, porém um comportamento mais consciente de uma sexualidade. Com isso busca-se uma educação que ultrapasse o nível meramente informativo e contemple uma visão integral da pessoa humana, para além de uma perspectiva meramente biológica. Uma educação sexual que resgate a visão sadia da sexualidade humana, afetiva e psíquica. Que incentive a viver a fidelidade na união do homem com a mulher no matrimônio, superando formas de promiscuidade e libertinagem. A Igreja convida a todos para o sério trabalho de prevenção da AIDS, de forma especial junto às famílias carentes e a juventude.¹⁸⁶

Na distinção de seu papel a base primordial de sua função é o amor. A expressão desse amor a Deus deve ser de maneira tal que transborde, alcançando muitas vidas perdidas e solitárias, como descrita em I Coríntios 13.1-3.¹⁸⁷ Segundo Brodd:

A igreja é uma organização, mas não uma organização qualquer, deve ser suficientemente distinta no mundo para poder cumprir sua missão como

¹⁸⁴ FONSECA, Angélica. *Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar*. Interface – Comunic. Saúde, Educ. v.6, n11, p.71-88, ago 2002.

¹⁸⁵ TULER, 2005. p.51-62.

¹⁸⁶ TRASFERETTI, Antonio J. *Pastoral da Família e AIDS: Comunicação, saúde e conscientização*. Disponível

em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/ce/25__Pastoral_da_Familia_e_AIDS.pdf>.

Acesso em: 25 out.2012.

¹⁸⁷ AITKEN, Eleny Vassão de Paula. *O Desafio Continua: A Missão da Igreja Frente à AIDS*. Prol, São Paulo - SP [s.d.].

testemunha e instrumento efetivo de Cristo, e assim, do reino de Deus. Ela não pode ser assimilada pelo mundo, nem separada por ele.¹⁸⁸

A igreja deve ser uma família que oferece um ambiente acolhedor, vivenciado em demonstração de ação, acolhendo e respaldando os que estão vivendo ou convivendo com o vírus da imunodeficiência humana, interessando-se pelo seu irmão, sem restrições e preconceitos.¹⁸⁹

Sendo chamada a socorrer os que sofrem, ajudando as pessoas a enfrentar a possibilidade e a realidade da infecção, apoiando-as e aos que lhe são próximo, integrando-os na comunidade, não se calando contra critérios e práticas discriminatórias, tratando questões morais e éticas, demonstrando apoio espiritual e consolo às famílias.¹⁹⁰

A igreja deve atuar como comunidade de cura despojando-se de si mesma, deixando-se primeiramente ser curada do medo e do estigma, avançando no entendimento teológico, antropológico e eclesiológico da AIDS. Apropriando-se da compreensão científica da doença, porém exercendo o seu papel de cura e sustento solidário como uma comunidade aberta a todo ser humano, independente daquilo que faz ou é.¹⁹¹

O contexto epidemiológico atual suscita reflexão sobre a atuação e papel da igreja. É tempo de clarear a visão, refletir e expandir o olhar sobre a tarefa eclesiológica.¹⁹² Destaca AITKEN:

É missão da igreja, *escola dominical (grifo meu)*, frente a um inimigo tão poderoso, sair de suas quatro paredes e caminhar em meio à multidão carente, caminhando para a morte, e interferir nessa trajetória. Quando o mundo científico tem poucas esperanças, cabe à igreja levantar sua voz, viver o amor de Deus e oferecer a salvação física e espiritual.¹⁹³

A ciência espera da igreja atuação para a transformação de hábitos da sociedade, como meio para deter o avanço da AIDS. O espaço da igreja seria uma acolhedora casa de portas abertas.¹⁹⁴

¹⁸⁸ BRODD, 2010, p. 99.

¹⁸⁹ BRODD, 2010, p. 83.

¹⁹⁰ KOINONIA, [s.d.], p. 20.

¹⁹¹ ORLOV, et.al. *Para que Puedan Vivir*. Argentina: ISEDET, 2006. p:11.

¹⁹² BRODD, 2010, p. 84.

¹⁹³ AITKEN, [s.d.], p. 17.

¹⁹⁴ BRODD, 2010, p. 90-91.

Refletindo sobre essa urgente atuação, e desafiando as igrejas que entenderem que são participantes do corpo de Cristo vivo e em processo de mudança, tem na sua manifestação corpórea o povo reunido, guarda em sua alma o sentimento, e, em seu espírito manifesta a comunhão. Comunhão requer entendimento de que este corpo tem AIDS, e desta forma o documento final da consulta Global da FLM sobre Diaconia, em 2002 afirma, conforme destaca Brodd:

A igreja vive com HIV/AIDS em nosso meio. Precisamos romper a cultura do silêncio que ignora essa realidade dolorosa no corpo de Cristo. O corpo de Cristo tem sido usado, eclesiologicamente, como um fundamento para compreender a existência da pandemia de HIV/AIDS.¹⁹⁵

Exemplo de como agir, experiências tem surgido e mostram caminhos para uma igreja que queira atuar com propósito. Relata Kay Warren a maneira como viu possibilidade para atuar.¹⁹⁶ Estimulando a ação da membresia da Igreja de Saddleback frente ao tema:

Dr. Rick Warren é apaixonado por atacar o que ele chama de os cinco "Goliath Global" - vazio espiritual, liderança egocêntrica, pobreza extrema, doenças pandêmicas, e o analfabetismo. Como pastor, que fundou Igreja Saddleback, em Lake Forest, Califórnia, em 1980, com uma família. Hoje, é uma congregação evangélica em média 22.000 pessoas. Como filantropia, Rick e Kay Warren doam 90% dos seus rendimentos através de três pilares: Atos de Misericórdia, que atende os infectados e afetados pela AIDS; Equipando a Igreja, que treina os líderes da igreja nos países em desenvolvimento, e a Paz Global Fund, que luta contra a pobreza, doença e analfabetismo.¹⁹⁷

A despeito das experiências desenvolvidas na África, modelos de atuação podem ser adaptados e utilizados nos currículos e ou projetos sociais da igreja. A estratégia de usar o lúdico enquanto recurso pedagógico, seguindo o exemplo de "O *EvangeCube* e o *Cubo Esperança HIV*", no ensino de:

AIDS e HIV são questões que assustam. Não só pode destruir o corpo, mas uma família, amigos e até mesmo uma comunidade. [...] Ninguém gosta de falar sobre isso. Mas ignorando o fato, não fará ele ir embora. A única maneira de acabar com essa doença, é através da educação, assistência e tratamento adequado, já que ninguém está imune. [...] A prevenção é o melhor de evitar a doença, mas lembre-se contrair o vírus não é mais uma

¹⁹⁵ BRODD, 2010, p. 90-91.

¹⁹⁶ Today's Christian Woman. Disponível em: <<http://www.revistaimpacto.com.br/entrevista-de-impacto-esposa-com-proposito>>. Acesso em: 29 out 2012.

¹⁹⁷ HITZHUSEN. Acesso em 29 de out. 2012.

sentença de morte. Agora há uma série de tratamentos disponíveis e as pessoas que estão infectadas com o vírus podem viver.¹⁹⁸

O autor Majewski sinaliza “a eclesiologia pentecostal, não deve estimular o surgimento de uma subcultura que vive em torno de si mesma, para onde o crente se volta quando quer fugir dos problemas seculares, ao invés de encará-los de frente pelo poder do Espírito”. E reverbera ainda mais ao enfatizar:

Neste ponto, parece que temos um chamado à igreja nos moldes da teologia pública: uma igreja que se manifesta, mas não se compromete com as diversas ideologias existentes. Por fim, quando o assunto é missão, a Teologia Sistemática brasileira não trabalha o conceito de missão integral, mas este fica subentendido pelo que foi exposto acima. Igualmente, defende uma presença efetiva da igreja entre os marginalizados, assim como em todos os segmentos sociais.¹⁹⁹

Sendo assim, o cristianismo não somente é visto como um código moral, uma filiação à igreja ou um modo de viver de se comportar em público, mas antes de tudo um estilo de vida, com a prática do amor, de mangas arregaçadas.²⁰⁰

Conforme Majewski:

Talvez seja essa a grande diferença da AD em relação às denominações do protestantismo histórico: a ênfase maior no sacerdócio universal de todos os santos, Ainda que as igrejas sejam pouco democráticas na sua forma de governo, todos participam e são estimulados a participar, na teoria e na prática, dos ministérios exercidos pela igreja, principalmente da evangelização, ou seja, do anúncio da reconciliação do ser humano com Deus e com o próximo [...].²⁰¹

Primordialmente o aspecto relevante das publicações da CPAD em comentar e abordar alguns aspectos da responsabilidade social dos cristãos enquanto igreja, quando analisados em seu contexto teológico, e neste particular o enfoque apresentado nas *revistas de escola dominical*, refletem ou refletiam na época em que foram escritos e publicados, os pensamentos dos teólogos vinculados à AD.²⁰²

E desta forma não há explicitação direta a formas de prevenção quanto ao tema HIV. Em análise quanto ao discurso teológico da AD feita por Majewski:

¹⁹⁸ Providing Evangelism e Missions News.

Disponível

em:

<<http://www.lausanneworldpulse.com/perspectives.php/1091?pg=all>>. Acesso em: 29 out.2012.

¹⁹⁹ MAJEWSKI, 2010. p. 61.

²⁰⁰ EXLEY, Richard. *Cristianismo em Ação*. Ed. Vida. 1995. p.37-37.

²⁰¹ MAJEWSKI, 2010, p.28.

²⁰² MAJEWSKI, 2010, p.11.

O discurso teológico popular da AD está expresso nas revistas de Escola Bíblica Dominical, também chamada de “Lições Bíblicas”. [...] nessas publicações nos últimos 23 anos, a qual, de uma pequena ênfase aos assuntos relacionados com questões de interesse público, passou a manifestar uma crescente, ainda que não predominante, preocupação com tais matérias. [...] os temas relacionados com a igreja/cristão e sociedade estão presentes, ainda que de forma esparsa e ocasional, no final da década de 1980 e primeira metade da década de 1990, e de forma mais constante, frequente e desenvolvida, nos últimos cinco anos. Por outro lado, comparadas com o número de lições anuais (52, uma para cada domingo), são poucas as que de algum modo fazem menção ao aspecto social ou ecológico e não se limitam à abordagem mais focada no transcendente ou na comunhão individual com Deus e com o próximo. [...] Os temas mais comuns, trabalhados de diversas formas, são os seguintes: a busca do “batismo com o Espírito Santo”, sendo a glossolalia sua evidência inicial; a busca e uso dos “dons do Espírito” para a edificação da comunidade; santificação (muitas vezes com ênfase na separação ou diferenciação moral e ética radical em relação ao mundo); escatologia milenarista (o Reino de Deus será estabelecido em breve, exclusivamente pelo poder de Jesus Cristo, e o cristão deve “estar preparado”, com uma vida santificada, para este acontecimento); a evangelização dos perdidos; doutrinas bíblicas fundamentais.²⁰³

Ao enfatizar o tema: “As obras sociais na igreja”, há um incentivo à ajuda aos irmãos necessitados bem como aos pobres e necessitados em geral, sendo que a omissão acerca desse assunto é pecado e “pode resultar em graves consequências”. Na análise o tema abordado nas *“Lições Bíblicas: Romanos: o evangelho da justiça de Deus”*. Majewski *apud* Soares destaca: O trecho em questão é representativo. A atividade da Igreja se direciona em dois sentidos: vertical – adoração, atividades espirituais; horizontal – servir ao próximo, atividades filantrópicas e sociais.²⁰⁴

Buscando por uma aproximação ao enfoque deste trabalho apresento destaque contextualizando a estrutura comumente apresentada nos temas estudados nos encontros dominicais, (tendo por base a Lição Bíblica Mestre – LBM). O estudo toma por base leitura bíblica, destaca um *Texto áureo*, (versículo bíblico justificando o tema), *Verdade Prática* (pensamento do autor), como eixo de ligação pedagógica. Auxiliando o professor há evidência para *Ponto de Contato* (preâmbulo científico teológico simplificado), prossegue a estrutura apresentando três *objetivos pedagógico-prático* frente ao estudo e breve *síntese textual* (subsídios ao professor). (*grifo meu*).

Observando em particular a Lição Bíblica do 3º trimestre de 2003, comentada por Elinaldo Renovato Lima, tendo como consultor doutrinário e teológico o expoente

²⁰³ MAJEWSKI, 2010, p. 11-17.

²⁰⁴ MAJEWSKI, 2010, p. 21.

teólogo Antonio Gilberto, na lição de número oito com o título “*Cuidando do corpo e da mente*”, baseia o estudo bíblico em Êx 15.26; I Ts 5.23; Gl 6.7. Enfatiza em particular o *Texto Áureo*: “Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas e que tenhas saúde, assim como vai bem a tua alma” (3 Jo 2). Na *Verdade Prática* salienta “O cristão deve cuidar bem do corpo e da alma vivendo e agindo de modo equilibrado”.²⁰⁵

Ressaltando o estudo apresentado pelo autor:

Após o estudo o aluno deve estar apto a: *Explicar* a razão da existência das doenças; *Identificar* as formas para manter corpo e mente saudável e *descrever* os distúrbios causados pela tensão emocional. [...] Comenta o autor “quando o cristão descuida-se ou esquiva-se quanto aos cuidados básicos de conservação da saúde, surgem doenças no corpo e na alma”. Apresenta o plano de saúde divino baseado nas atitudes relativas à relação pessoal com Deus, baseado em *Obediência, Retidão e Observação dos Mandamentos*. Quanto ao cuidado com o corpo apresenta a importância da *alimentação saudável, repouso adequado e exercícios físicos*. Conclui dizendo que *a doença é resultante do pecado, do descuido com o corpo e com a mente*. Recomenda o cuidado da saúde baseado em oração, meditação da palavra de Deus, louvor, adoração e jejum.²⁰⁶

Conviver com um dos integrantes da família acometido pela AIDS é conviver movimentando-se para além das fronteiras físicas que a doença apresenta. É ir em direção a um mundo invisível, carregado de representações criadas a partir de interpretações da situação vivenciada. É suscitar impressões positivas ou negativas sobre o doente e/ou sua família, fazendo tanto a sociedade quanto o indivíduo se movimentarem em direção à aproximação ou ao afastamento, dele para com a sociedade, e desta para com o ser doente e o seu grupo familiar.²⁰⁷

Um membro de família com AIDS aumenta as pressões sobre a família. Poderá esta família responder adequadamente aos problemas? Há danos físicos e emocionais. Mulheres solteiras e membros idosos das famílias são sobrecarregados com a árdua tarefa de cuidar dos órfãos da AIDS. Até mesmo a família e familiares mais distantes desaparecem quando a compaixão chega ao fim. As mulheres primeiro e depois as crianças se tornam chefes de família. A AIDS está destruindo aqueles que produzem e se reproduzem. Com tal preocupação sobre o futuro, muitas pessoas colocam a sua esperança em anjos, novas religiões ou religiões

²⁰⁵ LIMA, Renovato. Elinaldo. *Lições Bíblicas. Aprendendo diariamente com Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 56-61.

²⁰⁶ LIMA, 2003, p. 56-63.

²⁰⁷ SOUSA, 2009, p. 1-9.

super-emocionais – mas um vazio interno contínuo. Há uma necessidade urgente de compreender o que está acontecendo e de dedicar tempo para formularmos nossas respostas – em educação, em nossos valores e crenças, em nossa vida familiar. Devemos enfrentar as mudanças e pressões sobre a família na América Latina e em outras partes do mundo nos dias de hoje. O profeta Jeremias escreveu uma vez (Jeremias 6:16) ‘Ponde-vos nos caminhos, e vede e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele, e achareis descanso para as vossas almas’ e eu acrescentaria, ‘...e para as vossas famílias.’

Mediante situações onde no conteúdo de Lições de Escola Dominical nenhum enfoque é dado às doenças e síndromes relacionadas ao HIV/AIDS, desta forma reverbera esta autora a justificativa deste estudo. A ED é um local privilegiado para inserir no processo educacional o caráter preventivo.

A proposta de Currículo Sobre HIV/AIDS para abordagem na Escola Dominical da Assembleia de Deus se propõe a subsidiar Aconselhamento Pastoral, Espaço de Escuta e atuar contribuindo para mudar essa realidade. Para que as pessoas contaminadas percam o medo de assumir que têm o vírus ou a doença, que a igreja e os que atuam na escola dominical se tornem agentes de promoção de uma atitude mais segura na prevenção do HIV/AIDS.

A igreja, corpo de Cristo, é uma comunidade de cura e de compaixão (CMI 1997, 77-92). Ao pregar a boa nova de Jesus Cristo, a igreja faz sua a mensagem de plenitude social, individual, nacional e internacional. Para a igreja, todas as pessoas, sem distinção de gênero, classe, etnia, raça, idade, religião, são criadas à imagem de Deus; Deus deseja a vida para toda a humanidade e para a criação inteira (Gn 1-2). Isso foi enfatizado por Jesus, o qual veio para que todas as pessoas tenham vida e a tenham plenamente (Jo 10.10).²⁰⁸

O impacto maciço do HIV/AIDS requer um método plurissetorial para sua prevenção, seu tratamento e redução de seus efeitos. Esse método pressupõe que se dê destaque ao HIV/AIDS em todas as esferas e instituições de nossa vida. No entanto, um mundo em que a AIDS esteja eliminada só pode ser alcançado através de renovado e sustentado compromisso e solidariedade, e somente se as evidências disponíveis e recursos limitados forem de forma eficiente e eficaz. A igreja de Cristo

²⁰⁸ UNAIDS report on the global AIDS epidemic 2012. WHO Library Cataloguing-in-Publication.

Disponível em:<

http://www.unaids.org/en/media/unaids/contentassets/documents/epidemiology/2012/gr2012/20121120_UNAIDS_Global_Report_2012_en.pdf>. Acesso em: 15 nov 2012.

é fundamental para compreender a pandemia de HIV/AIDS a partir da perspectiva da fé cristã. A fé deve vir acompanhada de ação.²⁰⁹

Desta maneira, *despertar e capacitar pessoas da igreja enquanto “grupo de ação” atuando a partir do enfoque de Teologia da AIDS, mostrando que Deus não enviou a AIDS como castigo, mas sim, uma Teologia reveladora da dimensão de compaixão do cristianismo com a proposta de esperança e de vida.* A exemplo do texto “AIDS e Igrejas” o autor Sven-Erik Brodd, mostra que todos somos o corpo de Cristo, e que se alguém tem AIDS, a Igreja toda tem AIDS. Para isso, a AIDS surge como um desafio para a compaixão entre as pessoas na sociedade.

Essas pessoas sensibilizadas teriam oportunidade de *receber capacitação a partir de encontros para este fim, entendendo que a epidemia de HIV/AIDS demonstrou que nós os cristãos vemos somente em parte (1 Co 13.9-10), e que a igreja, corpo de Cristo, é também infectada e afetada pela epidemia, visto que seus próprios membros também sofrem e morrem dela.* A igreja também precisa de Currículo sobre HIV e SIDA para instituições teológicas, tal qual foi realizada na África. A aplicação deste plano curricular refletirá as atitudes tomadas pela igreja que indicam que ela mesma necessita arrepender-se e reconsagrar-se ao evangelho de Cristo. O conteúdo proposto enfocará em **primeiro**, a igreja interpretou o HIV/AIDS como um castigo do pecado e, com isso, contribuiu para reforçar o estigma e a alienação dos enfermos e dificultou o seu acesso a um atendimento apropriado. **Segundo**, por ter tradicionalmente uma visão negativa da sexualidade humana e por não ter o hábito de falar abertamente sobre ela, a igreja transmitiu mensagens contraditórias e refletiu indecisão em matéria de sexo seguro e de prevenção do HIV/AIDS; sua insistência na pureza sexual como único meio de prevenção fez com que a visão bíblica da sacralidade da vida humana não fosse suficientemente respeitada. **Terceiro**, tendo em vista que HIV/AIDS, além de ser um problema individual, tem uma dimensão social e estrutural, a excessiva concentração da mensagem da igreja na abstinência e na fidelidade era uma forma de evasão de sua responsabilidade profética; a igreja não levou suficientemente, ou profeticamente, em conta àquelas outras epidemias sociais que constituem terreno fértil de HIV/AIDS como pobreza, guerra, desigualdade de gêneros, discriminação com base em etnia ou orientação sexual, injustiça internacional e violação dos

²⁰⁹ BRODD, 2010, p.82-101.

direitos das crianças. **Quarto**, a igreja teve sua ação prejudicada também por insuficiência de informação, de competência em aconselhamento, de habilidade administrativa, de recursos financeiros e de conexões que lhe permitissem superar suas divisões denominacionais e cooperar com outras ONGs e com órgãos governamentais.²¹⁰

Todas essas deficiências indicavam, acima de tudo, uma carência teológica e uma necessidade urgente de melhor educação da igreja e de seus líderes. Daí que HIV/AIDS constitui uma oportunidade para educação renovada, intensa reflexão, reavaliação da vida, novo planejamento e nova implementação de serviços em todos os setores. A igreja não pode omitir-se dessa tarefa. Urge instrumentalizar pessoas para serem arautos. Ser uma contribuição na prevenção do HIV/AIDS a partir da Escola Dominical, de modo que funcione como um atalaia de uma Teologia do Cuidado, do amor e acolhimento aos que vivem /convivem com o vírus.

Em anexo possibilidade de enfoque ao tema em epígrafe.

²¹⁰ SPEICHER, Disponível em:< <http://www.viewpointlearning.com/about/rules.shtml>>. Acesso em 16 jun 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da AIDS vem acompanhada de forte impacto nos seres humanos, tanto individual quanto coletivamente. Não faz parte para maioria das pessoas se prepararem para enfrentar emocionalmente os momentos de crise. Como também não é comum no contexto da teologia da Assembleia de Deus a abordagem corriqueira do tema prevenção de doenças e ou forma de transmissão do vírus HIV. Não é comum disseminar o conhecimento sobre a doença, enfatizando a informação de que o controle da epidemia está relacionado à atitude consciente das pessoas, em prevenção, envolvendo desde o ambiente familiar, social e igreja. Se isso não acontece de forma corriqueira, corrobora para a não desestigmatização do tema e tampouco estimula resposta religiosa e teológica.

O impacto a diferentes situações adversas que acontecem às pessoas, entre elas o silêncio em relação à condição sorológica (viver ou conviver com o vírus), além de sentimentos destrutivos, torna o cotidiano destas comprometido pela instabilidade emocional, e sensibilidade às vicissitudes deste convívio. Neste sentido, o envolvimento das igrejas em seus múltiplos espaços, desenvolvendo ações de prevenção, ou realização de programas voltados para o acolhimento de pessoas, pode diminuir a vulnerabilidade, propor formas saudáveis de convívio e enfrentamento.

Estar diariamente com os que vivem e convivem com HIV/AIDS, é uma tarefa difícil, porém edificante e compensadora. Mostra a oportunidade de crescer a cada novo enfrentamento. Desnuda a pequenez de cada um, a falta de sabedoria e total dependência de Jesus, mestre por excelência em situações de dificuldade.

O relacionamento dos que vivem ou convivem com o vírus, seja a partir da família, espaço social e ou igreja, demonstra que é necessário o envolvimento integral de cada um dos participantes. No relacionamento familiar, afetivo ou religioso, a informação de prevenção à exposição ao vírus HIV, é resultado do esforço de atitudes e conhecimento, aliados a amor incondicional.

O enfrentamento envolve aspectos relacionados ao avanço da epidemia da AIDS nas diferentes faixas etárias, extrapolando o modelo de trabalho educativo oficial do ministério da saúde em oferecer preservativos ou prescrição de retrovirais. A prevenção vai além do ato professo de entrega pública à fé, religião ou modus

vivendi. Prevenção é maior que a dinâmica do enfrentamento de preparação para o aprendizado desafiador de (con)viver com AIDS.

Por se tratar de uma questão polêmica, esse assunto torna-se investigativo e desafiador. Dessa forma buscou-se propor um novo olhar para a dinâmica da ED, em sua abordagem curricular, quanto em possibilidades de programas extra ou inter espaços no convívio da AD. Com a questão do HIV ainda envolta em tabus, estigmas, discriminação e injustiça social, urge atenção à saúde dos participantes ou dos que se achegam à igreja. Deve acontecer através de programas intensivos de formação, evidenciando que o problema é mais do que mera questão médica.

É necessário mudança na abordagem dada à doença dos que desempenham papel de liderança, bem como nos que fazem parte da comunidade eclesial, de tal forma que os mesmos disseminem o conceito de prevenção entre a comunidade.

Em relação ao HIV/AIDS observou-se que a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida é uma doença emergente, de caráter pandêmico, configurando-se como um dos grandes problemas de saúde da atualidade em virtude de sua gravidade. A AIDS não tem cura até o presente momento, sendo necessário que as ações para combater o crescimento da epidemia estejam voltadas à prevenção.

Ainda é notório em nossos dias o mito e estigma que a sociedade, inclusive, pertencentes ao convívio religioso, tem a respeito da transmissão e o fato de ser portador ou conviver com o vírus. É preciso lembrar com o advento de novas tecnologias, da medicina e da indústria farmacêutica como a descoberta de novas vacinas, antibióticos e melhora nas condições sanitárias além de outros benefícios, possibilitou-se uma forma de viver mais ativo e saudável com melhora considerável na qualidade de vida do ser humano. Isso quer dizer que falar de prevenção nos dias atuais é sinônimo de possibilidade de condições de sobrevivência. Deve-se lembrar de que não falar de prevenção em HIV/AIDS descortina diante de nós nossa pequenez frente ao vírus, ou a capacidade de lidar com ele. Eminentemente relacionado à sexualidade dos seres humanos, e, mesmo quando não abordada de forma corriqueira no contexto de igrejas, e, ou outras medidas de prevenção frente ao vírus não acabam com o potencial risco de exposição, pois a dinâmica do HIV/AIDS perpassa todas as etapas da vida do ser humano.

Como postura pública mais adequada, o conteúdo aplicado no currículo da ED não deve procurar transmitir os valores do Reino de Deus apenas pela demonstração de poder sobrenatural, através de sinais e prodígios, mas lhe

compete contribuir através de uma reflexão teológica equilibrada. Deve levar em conta sua herança espiritual, sem negligenciar os demais saberes teológico onde fica aberta a possibilidade de desenvolvimento posterior mais aprofundado sobre a dimensão pública da teologia pentecostal.

Enfrentando o desafio de ser uma igreja relevante e atuante perante a sociedade que colabora para o bem comum, conclui-se que o aspecto público com ênfase no social, político e ecológico, nunca esteve de todo ausente do discurso oficial da AD. Fica evidente, no entanto, que estas questões sociais começaram a ser abordadas a partir de uma atualização sensível do discurso a partir de 2005, seguidas do surgimento do novo currículo.

O que se pôde constatar é que o discurso teológico do pentecostalismo, se bem interpretado, possui aspectos suficiente para fundamentar a participação responsável e consciente dos cristãos vinculados a este movimento no espaço público. As convicções teológicas pentecostais não são por si só perigosas para um Estado Democrático de Direito, mas podem tornar-se, dependendo dos desenvolvimentos posteriores e interesses envolvidos quando no espaço público. Isso, porém, vale para toda e qualquer ideologia e religião. Por outro lado, parecem perfeitamente possível a participação engajada na vida social, as concepções teológicas clássicas do pentecostalismo, utilizando-as para fundamentar este engajamento. De qualquer forma, fica aberta a possibilidade de desenvolvimentos posteriores mais aprofundados sobre a dimensão pública da teologia pentecostal, enfrentando-se o desafio de ser uma igreja relevante e atuante perante a sociedade, e que colabora para o bem comum.²¹¹

Pregando a boa nova de Jesus Cristo, a igreja traz em evidência a mensagem de plenitude social e individual. Deus deseja vida para toda a humanidade. Isto foi enfatizado por Jesus, o qual veio para que todas as pessoas tenham vida e a tenham plenamente (Jo 10.10). Seguindo o exemplo terrenal de Jesus de curar incondicionalmente (Mc 1.29-34), perdoar os pecados (Jo 8.1-12; Lc 7.36-49), quebrar estigmas ao chegar-se aos leprosos, restaurando-lhe saúde física e social (Mc 1.40-45), pela condenação da auto-justificação de pessoas religiosas (Lc 18.9-14), pela tomada de posição em favor dos pobres e marginalizados (Mt 9.10-13), pela denúncia profética das estruturas sociais opressoras (Lc 4.16-22) e pela vitória

²¹¹ MAJEWSKI, 2010, p.86.

sobre o poder da morte através de sua própria ressurreição, a igreja, corpo de Cristo, é uma comunidade de cura e de compaixão.

Em outras palavras, o ensinamento bíblico, o evangelho de Cristo e a tradição da igreja oportunizam diretrizes à igreja servir o povo de Deus nestes tempos de HIV/AIDS. A igreja por estar em contato direto com o indivíduo, família e comunidade, também por sua presença em área remota, encontra-se numa posição estratégica para atender ao problema HIV/AIDS.

Ao fazer-se disponível ao enfermo/a, enlutado/a, moribundo/a, viúvo/a e órfãos/as, dá-lhe amor e esperança em Cristo. Ao potencializar-se como comunidade de compaixão e cura, a igreja é um verdadeiro celeiro de recursos humanos aptos a acercar-se da necessidade do povo de Deus.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA VIVA. 6ª ed. São Paulo: Editora Mundo Cristão.1992

AITKEN, Eleny Vassão de Paula. *O Desafio Continua: A Missão da Igreja Frente à AIDS*. Prol, São Paulo - SP [s.d.].

ALBANO, Fernando. *Dualismo Corpo/Alma na Teologia Pentecostal*. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

ALENCAR, Gedeon Freire – *Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, e todo louvor a Deus* – origem, implantação e militância nas quatro primeiras décadas - 1911 – 1946, São Bernardo do Campo – SP: Universidade Metodista de São Paulo, 2000.

ALVES, Eduardo Leandro. *Brasil, um país de fé: por que o maior país católico do mundo, também é o maior país pentecostal do mundo?*. São Leopoldo, RS, 2012. Dissertação (Mestrado Profissional) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2012.

ANDERS, Rodolfo. *A Escola Dominical: organização e administração*. 2. ed. Rio de Janeiro: Confederação Evangélica do Brasil,1949.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Manual do Superintendente da Escola Dominical*. 1 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

_____. *Manual do Superintendente da Escola Dominical*. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2006.

ANDRADE, Maria de Fátima de Oliveira; MARTINS, Maria Cezira Fantini Nogueira; BÓGUS, Cláudia Maria. *Casa Silóé: a história de uma ONG para crianças portadoras de HIV/AIDS*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n. 4, out-dez, 2007.

ARAÚJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BIBLIA. Português. *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BOECHAT, Ivone (org.) Plano Diretor de Educação Religiosa Batista no Brasil. 2010. Disponível em: <http://batistas.com/images/dercbb/livro_PDER.pdf>. Acesso em: 25 jun. 2012.

BORTOLLETO FILHO, Fernando. *Abordagem bíblica do pentecostalismo*. Revista de Cultura Teológica, Vol./No. 4/16, 1996.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Implicações Éticas do Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV / Secretaria Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Departamento de DST, AIDS e Hepatites Virais. *Boletim Epidemiológico AIDS/DST* (versão preliminar). Brasília, 2011.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Saúde e Prevenção nas Escolas: *Guia Para a Formação de Profissionais de Saúde e Educação*. Brasília, 2008.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Implicações Éticas do Diagnóstico e da Triagem Sorológica do HIV / Secretaria Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

_____. Secretaria de Vigilância em Saúde. Programa Nacional de DST e AIDS. Oficina de Aconselhamento em DST/HIV/AIDS para Atenção Básica. / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Programa Nacional de DST e AIDS. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. *Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso*. 8 ed.rev. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRODD, Sven-Erik. *Elementos Eclesiológicos pra entender "Igreja" na Pandemia de HIV/AIDS*. São Leopoldo, v. 50, n.1, p. 82-101, jan-jun. 2010.

CARVALHO, Osiel Lourenço *contemporâneas: a interpretação bíblica a partir da academia, da igreja Católica, da Igreja Universal do Reino de Deus, da teologia da libertação e da Assembleia de Deus*. São Leopoldo: EST/PPG, 2010.

CARVALHO, Roberto de. Não Tardará. 8ª ed. Coprint: Goiânia, 2004.

CASTRO, Mildred Pitman de. *O viver com HIV/AIDS na perspectiva de pessoas idosas atendidas em ambulatório especializado da cidade de São Paulo*. 2007. 119p. Dissertação. (Doenças Infecciosas e Parasitárias). Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/5/5134/tde-11092007-140650/>>. Acesso em: 20 set. 2011.

CGADB. Regimento Interno. Disponível em: <http://cgadb.org.br/home5a/index.php?option=com_content&view=article&id=35&Itemid=81>. Acesso em: 29 Out 2012.

CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

COSTA, Arlete Duarte de Almeida. *O Papel das Escolas Teológicas das Assembleias de Deus na Formação de seus Quadros de Obreiros*. Escola Superior de Teologia: EST, 2009.

CPAD. Currículo. Escola Dominical. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/view.php?s=46&i=238>>. Acesso em: 26 out. 2012.

CUNHA, Magali do Nascimento. *A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD X: Instituto Mysterium, 2007.

Christian AIDS Bureau for Southern Africa Resources and news. *A Igreja apóia a família*. 27 de novembro, 2005. Disponível em: <http://www.aids-is-real.com/index.php?option=com_content&task=view&id=34>. Acesso em: 30 out 2012.

DOBBINS, Gaines S. *Melhor Ensino na Escola Dominical*. Rio de Janeiro, RJ: CPB. 1960.

DUFFIELD, Guy P.: CLEAVE, Nathaniel M. *Fundamentos de teologia Pentecostal*. São Paulo: Publicadora Quadrangular, 1991.

EXLEY, Richard. *Cristianismo em Ação*. São Paulo: Ed. Vida. 1995.

FERREIRA, Adriana Gomes Nogueira. *Religiosidade de Adolescentes na Prevenção das DST/HIV*. Revenferm UFPE online, 2010, jan./mar.

FIGUEIREDO, Marco Antonio de Castro; PROVINCIALI, Renata Maria. Ciência Social e Comportamental. In VII Congresso Virtual HIV/AIDS: *HIV/AIDS em pessoas idosas. Vulnerabilidade, convívio e enfrentamento*. Disponível em: <www.aidscongress.net/Modules/WebC_AidsCongress/CommunicationHTML.aspx?Mid=36&CommID=322>. Acesso em: 28 set 2011.

FONSECA, Angélica. *Prevenção às DST/AIDS no ambiente escolar*. Interface – Comunic. Saúde, Educ. v.6, n11. 2002.

FRESTON, Paul. *Protestantismo e Política no Brasil: da Constituinte a Impeachment*, São Paulo: UNICAMP, 1993.

_____. *Uma Breve História do Pentecostalismo Brasileiro: A Assembleia de Deus*. Religião e Sociedade, vol.16.n. 3, p.104-128, 1994.

GANGEL, O Kenneth; HENDRICKS, G Howard. *Manual de Ensino para o Educador Cristão*. RJ: CPAD, 2005.

HITZHUSEN. Dan. DHIV/AIDS: An Open Door to the Gospel. Disponível em:<<http://www.e3resources.org/downloads>>. Acesso em: 29 out 2012.

IRWIN, Elvin D. *O Plano de Deus Para a Família*. Ed. Vida, 1986.

IPC. Escola Dominical. Atribuições da Escola Dominical. Disponível em:<<http://www.ipcg.org.br/ipcg/?p=27>>. Acesso em: 24 jun. 2012.

JUNGE, Leticia Bencke; WACHHOLZ, Wilhelm. ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. *Cânticos no Culto Infantil e na Escola Dominical: experiências nas Comunidades da IECLB de Cianorte e Joinville (1968-1991)*. São Leopoldo, 2004.

JUNIOR, Francisco de Aquino. *O Caráter Social da Teologia*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, Ano 43, Número 121, Set/Dez. 2011.

JUSTIN Smith, BA; Emma Simmons, MD, MPH; e Kenneth H. Mayer, MD Providence and Pawtucket, Rhode Island. *HIV/AIDS and the Black Church: What Are the Barriers to Prevention Services?* Journal of The National Medical Association. Vol. 97, No. 12, December 2005. Disponível em: <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2640746/pdf/jnma00868-0084.pdf>> Acesso em: 30 out 2012.

KOINONIA. *Presença Ecumênica e Serviço. AIDS e Igrejas: Um convite à Ação*. Rio de Janeiro 1998.

KUSHNER, Harold. *Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas*. São Paulo: Ed. Nobel. 2010.

LIMA, Renovato Elinaldo. *A Didática e a Bíblia*. Disponível em: <<http://www.escoladominical.org.br/secoes/espacopedagogico/001.htm>>. Acesso em: 18 ago 2012.

_____. *Lições Bíblicas. Tempos trabalhosos: Como enfrentar os desafios desse século*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007

_____. *Lições Bíblicas. Aprendendo diariamente com Cristo*. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

LIMA, Ronald Silva. *Educação Cristã*. Disponível em: <<http://www.metodista.org.br/conteudo.xhtml?c=4497>>. Acesso em: 24 jun 2012.

LOUZADA, Ana Maria Gonçalves. *Evolução do conceito de família*. Disponível em: <http://www.amagis.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=191%3A%20evolucao-do-conceito-de-familia-juiza-ana-maria-goncalves%20louzada&catid=11&Itemid=30>. Acesso em: 30 out 2012.

MACHADO, M. D. C. *Competição Religiosa e seus efeitos no pentecostalismo*. XXII Reunião Anual da ANPOCS. Apresentação do Trabalho Competição Religiosa e seus efeitos no pentecostalismo. 1998. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=5163&Itemid=359>. Acesso em: 30 nov 2012.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. *Assembleia de Deus e Teologia Pública*. O discurso pentecostal no espaço público. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia/Programa de Pós-Graduação em Teologia, 2010.

MARASCHINI, Jaci C. *Imagens da Assembleia de Deus*: Instituto Metodista de Ensino Superior, 1985. Cadernos de Pós-Graduação, Ciências da Religião. N° 4.

MATOS, Alderi Souza de. *Breve História da Educação Cristã*: dos primórdios ao século 20. Fides Reformata XIII, N°2(2008).

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O Celeste Porvir*. A Inserção do Protestantismo no Brasil. São Paulo: ASTE. 1995.

MENEGUETTI, Rosa G.K. *Projeto pedagógico e educação cristã*: Revista Educação do Cogeime. ANO II. N° 20, junho/2002.

MONTANHA, Ednalda Maria. *Diaconia: Manual do Discipulador*. Arapongas: Editor Aleluia, 2010.

OIKOUMENEN. Currículo sobre HIV e SIDA para instituições teológicas na África. [s.d.].

OLIVEIRA, José O. *Relatos e Fatos da História das Assembleias de Deus no Brasil*. [S.l.].

ORLOV, Lisandro. *Acesso universal y derechos humanos: mensaje de La Pastoral Ecuemênica VIH y sida para El día mundial de sida 2009*. 1ª ed. Buenos Aires: Epifanía, 2010.

_____. *El Amor Incondicional*. El Salvador: Editorial Epifania. 2009.

_____. et.al. *Para que Puedan vivir*. Argentina: ISEDET, 2006.

_____. *Hablamos de SIDA Porque amamos La vida. Ejes Interpretativos y objetivos de La información*. 2004.

_____. *Asumamos el liderazgo. Detengamos el SIDA: mensaje de Iglesias, Redes y Organizaciones para El Día mundial del SIDA*. 1 Ed. Buenos Aires: Epifania. [s.d.].

PAIXÃO, Daniel dos Santos. *A missão Sueca na Construção da identidade Assembleiana no Brasil*. Disponível em: <http://www.ceeduc.org/volume2numero1/a_missao_sueca_na_construcao_da_identidade_assembleiana_no_brasil.pdf>. Acesso em: 30 out. 2012.

PEREIRA, Walter Nei. *Temas bíblicos da escola dominical da Igreja Assembleia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas*. São Leopoldo: EST/PPG, 2011.

POMMERENING, Claiton Ivan. *Oralidade e escrita na teologia pentecostal: acertos, riscos e possibilidades*. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 24, 2011,

Providing Evangelism e Missions News. Disponível em: <<http://www.lausanneworldpulse.com/perspectives.php/1091?pg=all>>. Acesso em: 29 out 2012.

PROVINCIALI, Renata Maria. *O convívio com HIV/AIDS em pessoas da terceira idade e suas representações: vulnerabilidade e convívio*. 2005. Dissertação. (Ciências, área Psicologia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP. Ribeirão Preto, 2005. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09022007-15535.php>. Acesso em: 20 set 2011.

REVISTA IMPACTO. *Today's Christian Woman*. Disponível em: <<http://www.revistaimpacto.com.br/entrevista-de-impacto-esposa-com-proposito>>. Acesso em: 29 out 2012.

RICHARDS, Lawrence O. *Teologia da educação cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

SALDANHA, Ana Alayde de Werba; FELIX, Shenia Maria Felício; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. *Representações sobre a AIDS na velhice por coordenadoras de grupos da terceira idade*. Psico-USF, v. 13, n. 1, p. 95-103, jan./jun. 2008.

_____. *AIDS: trajetória e tendência da epidemia – a legitimação de um universo simbólico*. Disponível em: <http://www.aidscongress.net/Modules/WebC_AidsCongress/CommunicationHTML.aspx?Mid=38&CommID=368>. 2005. Acesso em: 29 out 2012.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira. *AIDS e Religião: aproximações ao tema*. Impulso N. 32, vol. 13, p. 21-39, Piracicaba, 2002. Set.-dez.

SCHULTZ, Adilson; BOBSIN, Oneide. *Deus está presente - o diabo está no meio: o protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*. Tese Doutorado. São Leopoldo: EST. 2005.

SEFFNER, Fernando. *O jeito de levar a vida: Trajetória de soropositivos enfrentando a morte anunciada*. Dissertação de mestrado UFRGS. Rio Grande do Sul. 1995. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/13878/000261721.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 out 2012.

SILVA, Ádrea Alvarenga da et al. *AIDS na terceira idade: uma revisão bibliográfica. Monografia. (Bacharel em Enfermagem). Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, 2009. Disponível em: <<http://srvwebbib.univale.br/pergamum/tcc/Aidsnaterceiraidadeumarevisaodaliteratura.pdf>>. Acesso em: 20 ago 2011.*

SILVA, Antônio Gilberto da. *Manual da Escola Dominical*. RJ: CPAD, 1996.

_____. *Manual da Escola Dominical*. RJ: CPAD, 2012.

SOARES, R.L. *Imagens Veladas: AIDS, imprensa e linguagem*. São Paulo: Annablume, 2001.

SONTAG, Susan. *A Doença como Metáfora*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal. 2002.

SOUSA, Suelene A.; KANTORSKI, Prado L.; BIELEMANN, Valquíria Machado L. *A Aids no interior da família - percepção, silêncio e segredo na convivência social*. Revista Acta Scientiarum. Health Sciences. v. 26, no. 1.

SPEICHER, Sara; WILSON, Janice. *Explorando Soluções: Como Falar Sobre Prevenção de AIDS na igreja*. Aliança Ecumênica de Ação Mundial. 2007. [s.d.].

STROPPIA, André. *Religiosidade e Saúde*. Belo Horizonte: Inede, 2008.

TOWNS, Emer L. O Que Todo Professor de Escola Dominical deve saber – 24 segredos que podem ajudá-lo a mudar vidas, 1ªed. . Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

TRASFERETTI, J. BRASIL, N.Igreja e Aids. *Jornal Santuário*. Disponível em:<<http://journalsantuاريو.wordpress.com/tag/saude/>>. Acesso em: 15 fev. 2012.

_____. *Pastoral da Família e AIDS: Comunicação, saúde e conscientização*. Disponível em:<[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/ce/25 Pastoral da Família e AIDS.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/c/ce/25_Pastoral_da_Família_e_AIDS.pdf)>. Acesso em: 25 out. 2012.

TULER, Marcos. *Ensino Participativo na Escola Dominical – Uma Nova Perspectiva para a Docência Cristã*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

_____. *Chamado para o ensino e o desafio da globalização*. Disponível em <<http://www.cpad.com.br/escoladominical/posts.php?s=51&i=723>>. Acesso em: 24 out 2012.

_____. *Manual do Professor de Escola Dominical*. 9ª Ed. Rio de Janeiro: CPAD. 2007.

UNAIDS report on the global AIDS epidemic 2012. WHO Library Cataloguing-in-Publication. Disponível em: <http://www.unaids.org/en/media/unaids/contentassets/documents/epidemiology/2012/gr2012/20121120_UNAIDS_Global_Report_2012_en.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2012.

VINGREN, Ivar. *Diário do Pioneiro Gunnar Vingren*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

WARREN, Rick. *Uma Igreja com Propósitos*. São Paulo: Ed. Vida, 1997.

WIKIPEDIA. O Pentecostalismo. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pentecostalismo>>. Acesso em: 29 out 2012.

ANEXOS

Matriz Curricular Escola Dominical Assembleia de Deus

Classes	Idade	Conteúdo/Ano	
Berçário	0 - 2 a	ANO 1	ANO 2
Conteúdos por trimestre		1º Deus me criou 2º Conhecendo o Papai do céu 3º Família, um presente de Deus 4º Conhecendo a Jesus, o Salvador	1º Na Casa de Deus 2º Os amigos de Jesus 3º Minhas primeiras histórias da Bíblia 4º Posso ajudar
Maternal Conteúdos por trimestre	3 - 4 a	1º A criação de Deus 2º A proteção e o cuidado de Deus 3º Papai do céu e eu 4º Viver e Conviver	1º O livro de Deus 2º As coisas que Jesus faz 3º Podemos falar com Deus 4º Vamos louvar a Deus
Jardim de Infância Conteúdos por trimestre	5 - 6 a	1º Por que Deus é bom? 2º O que posso fazer para Deus? 3º Como ser amigo de Deus? 4º Por que Jesus é poderoso?	1º A vida de Jesus 2º A Bíblia, o Livro maravilhoso 3º Valorizando os bons princípios 4º Eu gosto da igreja
Primários Conteúdos por trimestre	7 - 8a	1º Uma família abençoada 2º Tempo de mudanças 3º Uma nação diferente 4º Conhecendo a vontade de Deus	1º Jesus é o nosso Salvador 2º Jesus e seus amigos 3º A igreja é a Casa de Deus 4º A alegria de servir a Deus
Juniores Conteúdos por trimestre	9 - 10 a	1º Deus realiza sonhos 2º Deus escolhe líderes 3º Os reis de Israel 4º Deus fala com o seu povo	1º Os ensinamentos de Jesus 2º Heróis da Bíblia 3º Em que acreditamos 4º Fé em ação
Pré-adolescentes Conteúdos por trimestre	11 - 12 a	1º A Bíblia e a ciência 2º Embaraços que prejudicam a Vida Cristã 3º O plano da salvação 4º Escolhas que agradam a Deus	1º Conhecendo melhor a si mesmo e a outros 2º Parábolas de Jesus 3º Descobrimos meus direitos e deveres 4º O pré-adolescente e a igreja
Adolescentes Conteúdos por trimestre	13 - 14 a	1º O relacionamento entre o crente e o mundo 2º A vida de Cristo na harmonia dos Evangelhos 3º A vida em sociedade 4º O atleta cristão	1º Conselhos para o dia-a-dia 2º Minha missão no mundo 3º Vivendo em família 4º Cartas que ensinam
Juvenis Conteúdos por trimestre	15 - 17 a	ANO 1 1º A atualidade da mensagem da Bíblia 2º O adolescente e seus relacionamentos 3º Fundamentos da nossa fé 4º O cuidado com as influências do meio de comunicação	ANO 2 1º A história da Igreja 2º Os perigos do relativismo moral 3º Lições práticas do Sermão do Monte 4º O perigo da falsa ciência e das filosofias
			ANO 3 1º Edificando a vida cristã através dos Salmos 2º O sentido da vocação cristã 3º O caráter cristão 4º O que a Bíblia fala sobre o futuro da Igreja

Declaração dos Direitos Fundamentais da Pessoa portadora do Vírus da AIDS

Aprovada no encontro da rede Brasileira de Solidariedade, em 1989.

CONSIDERANDO:

...que contra o medo, os preconceitos e a discriminação a prática da solidariedade é essencial, proclamamos que:

I – Todas as pessoas têm direito à informação clara, exata, sobre a AIDS. Os portadores do vírus têm direitos a informações específicas sobre sua condição;

II – Todo portador do vírus da AIDS tem direito à assistência e ao tratamento, dados sem qualquer restrição, garantindo sua melhor qualidade de vida;

III – Nenhum portador do vírus será submetido a isolamento, quarentena ou qualquer tipo de discriminação;

IV – Ninguém tem o direito de restringir a liberdade ou os direitos das pessoas pelo único motivo de serem portadoras do HIV/AIDS, qualquer que seja sua raça, nacionalidade, religião, sexo ou orientação sexual;

V – Todo portador do vírus da AIDS tem direito à participação em todos os aspectos da vida social. Toda ação que tende a recusar aos portadores do HIV/AIDS um emprego, um alojamento, uma assistência ou a privá-los disso, ou que tenda a restringi-los à participação nas atividades coletivas, escolares e militares, deve ser considerada discriminatória e ser punida por lei;

VI – Todas as pessoas têm direito de receber sangue e hemoderivados, órgãos ou tecidos que tenham sido rigorosamente testados para o HIV;

VII – Ninguém poderá fazer referência à doença de alguém, passada ou futura, ou ao resultado de seus testes para o HIV/AIDS sem o consentimento da pessoa envolvida. A privacidade do portador do vírus deverá ser assegurada por todos os serviços médicos e assistenciais;

VIII – Ninguém será submetido aos testes de HIV/AIDS compulsoriamente, em caso algum. Os testes de AIDS deverão ser usados exclusivamente para fins diagnósticos, para controle de transfusões e transplantes, e estudos epidemiológicos e nunca qualquer tipo de controle de pessoas ou populações. Em todos os casos de testes, os interessados deverão ser informados. Os resultados deverão ser informados por um profissional competente;

IX – Todo portador do vírus tem direito a comunicar apenas às pessoas que deseje seu estado de saúde e o resultado dos seus testes;

X – Toda pessoa com HIV/AIDS tem direito à continuação de sua vida civil, profissional, sexual e afetiva. Nenhuma ação poderá restringir seus direitos completos à cidadania.

CURRÍCULO SOBRE HIV/AIDS PARA ESCOLA DOMINICAL A PARTIR DA IGREJA ASSEMBLEIA DE DEUS

Preâmbulo

Epidemia de HIV/AIDS e a Igreja

Currículo teológico sobre HIV/AIDS (Baseado na abordagem de diálogo)

Orientações para uso do material

TEMA I: Diálogo, Estigma e Prevenção de HIV

TEMA II: Transmissão e Prevenção de HIV

TEMA III: Vulnerabilidade e Prevenção de HIV

TEMA IV: Sexo, Sexualidade e Prevenção de HIV

TEMA V: Teste, Aconselhamento e Prevenção de HIV

TEMA VI: Promovendo a Vida

APÊNDICE A: Transmissão e Prevenção de HIV

APÊNDICE B: Pergunta de Reflexão sobre sexo, Religião e Prevenção de HIV

Preâmbulo

A comunidade global iniciou uma jornada histórica estabelecendo as bases para o eventual fim da epidemia de AIDS. Este esforço é mais do que meramente visionário. É inteiramente possível.²¹²

Trinta anos depois de HIV/AIDS ter sido descoberto pela medicina, está evidente que o problema é mais do que mera questão médica. HIV/AIDS permeia todas as esferas - sociais, econômica, política e cultural - de nossa vida.²¹³ É também mais que um problema individual, visto que afeta famílias, comunidades, nações, continentes e o mundo inteiro. Por isso, requer a atenção de todas as disciplinas, departamentos, governos, organizações não governamentais, setores privados, organizações religiosas e organizações comunitárias. O impacto maciço do HIV/AIDS requer um método plurissetorial para sua prevenção, seu tratamento e redução de seus efeitos. Esse método pressupõe que se dê destaque ao HIV/AIDS em todas as esferas e instituições de nossa vida. No entanto, um mundo em que a AIDS esteja eliminada só pode ser alcançado através de renovado e sustentado compromisso e solidariedade, e somente se as evidências disponíveis e recursos limitados forem de forma eficiente e eficaz. A igreja de Cristo é fundamental para compreender a pandemia de HIV/AIDS a partir da perspectiva da fé cristã.²¹⁴

²¹² UNAIDS, 2012. Disponível em:<
http://www.unaids.org/en/media/unaids/contentassets/documents/epidemiology/2012/gr2012/20121120_UNAIDS_Global_Report_2012_en.pdf>. Acesso em: 15 nov 2012.

²¹³ UNAIDS, 2012. p. 26-33.

²¹⁴ BRODD, Sven-Erik. 2010. p. 82-101.

Introdução: Epidemia/s de HIV/AIDS e a Igreja

A igreja, corpo de Cristo, é uma comunidade de cura e de compaixão (CMI 1997, 77-92). Ao pregar a boa nova de Jesus Cristo, a igreja faz sua a mensagem de plenitude social, individual, nacional e internacional. Para a igreja, todas as pessoas, sem distinção de gênero, classe, etnia, raça, idade, religião, são criadas à imagem de Deus; Deus deseja a vida para toda a humanidade e para a criação inteira (Gn 1-2). Isso foi enfatizado por Jesus, o qual veio para que todas as pessoas tenham vida e a tenham plenamente (Jo 10.10).²¹⁵

Porém, a epidemia de HIV/AIDS demonstrou que nós os cristão vemos somente em parte (1 Co 13.9-10), e que a igreja, corpo de Cristo, é também infectada e afetada pela epidemia, visto que seus próprios membros também sofrem e morrem dela. A igreja também precisa de Currículo sobre HIV e SIDA para instituições teológicas. Algumas das atitudes tomadas pela igreja indicam que ela mesma necessita arrepender-se e reconsagrar-se ao evangelho de Cristo. *Primeiro*, a igreja interpretou o HIV/AIDS como um castigo do pecado e, com isso, contribuiu para reforçar o estigma e a alienação dos enfermos e dificultou o seu acesso a um atendimento apropriado. *Segundo*, por ter tradicionalmente uma visão negativa da sexualidade humana e por não ter o hábito de falar abertamente sobre ela, a igreja transmitiu mensagens contraditórias e refletiu indecisão em matéria de sexo seguro e de prevenção do HIV/AIDS; sua insistência na pureza sexual como único meio de prevenção fez com que a visão bíblica da sacralidade da vida humana não fosse suficientemente respeitada. *Terceiro*, tendo em vista que HIV/AIDS, além de ser um problema individual, tem uma dimensão social e estrutural, a excessiva concentração da mensagem da igreja na abstinência e na fidelidade era uma forma de evasão de sua responsabilidade profética; a igreja não levou suficientemente, ou profeticamente, em conta àquelas outras epidemias sociais que constituem terreno fértil de HIV-Aids/Sida como pobreza, guerra, desigualdade de gêneros, discriminação com base em etnia ou orientação sexual, injustiça internacional e violação dos direitos das crianças. *Quarto*, a igreja teve sua ação prejudicada também por insuficiência de informação, de competência em aconselhamento, de habilidade administrativa, de recursos financeiros e de conexões que lhe

²¹⁵ UNAIDS, 2012. p .26-33.

permitted superar suas divisões denominacionais e cooperar com outras ONGs e com órgãos governamentais.

Todas essas deficiências indicavam, acima de tudo, uma carência teológica e uma necessidade urgente de melhor educação da igreja e de seus líderes. Daí que HIV-Aids/Sida constitui uma oportunidade para educação renovada, intensa reflexão, reavaliação da vida, novo planejamento e nova implementação de serviços em todos os setores. A igreja não pode omitir-se dessa tarefa. O presente currículo procura ser uma contribuição nesse sentido.

Currículo teológico sobre HIV/AIDS (Baseado na abordagem de diálogo)

A prevenção pode ser um tópico controvertido e pouco confortável, especialmente dentro e entre as igrejas cristãs, que são responsáveis por uma grande porcentagem da resposta global ao HIV e a AIDS. Debates acalorados surgiram em relação aos métodos de prevenção do HIV, tais como o uso de preservativos ou abordagens violentas para a redução de usuários de drogas injetáveis. A relutância e a incapacidade de discutir sexo e sexualidade, ainda mais o nosso conhecimento sobre uma variedade ampla de opções que são conhecidas por serem prósperas na prevenção do HIV. Os líderes religiosos muitas vezes sentem-se pressionados nas suas respostas, entre o reconhecimento das complexidades de saúde emergentes, como a pandemia de HIV, e a manutenção de tradições e crenças existentes há muito tempo, as quais são difíceis de mudar ou que são vistas como essenciais para a sua fé.

A AIDS não é algo que acontece fora da igreja e de nossas famílias. Várias histórias e estatísticas sobre a expansão e o impacto da epidemia demonstram que todo mundo está afetado pelo HIV e pela AIDS. E enquanto as igrejas estiveram na vanguarda do cuidado às pessoas afetadas pelo HIV, é necessário entender o desafio para ir mais adiante. Esta sugestão de currículo pretende ajudar as pessoas nas igrejas a falarem abertamente, precisamente e compassivamente por que o HIV se espalha e o que as pessoas de forma individual ou em comunidades, pode fazer para ajudar a parar a expansão do vírus.²¹⁶

²¹⁶ SPEICHER, WILSON, Janice. Disponível em: <<http://www.viewpointlearning.com/about/rules.shtml>>. Acesso em: 16 jun 2012.

Regras de Base para o Diálogo sobre Prevenção de HIV

1. Todos os participantes do diálogo devem falar em seu próprio nome – as suas experiências, fé e conhecimento –, não como representantes de determinadas religiões, grupos ou interesses especiais;
2. Ser respeitoso às tradições religiosas, experiências, discernimentos de cada pessoa;
3. Estar aberto e escutar as opiniões dos outros mesmo quando você discorde; evite fazer juízos;
4. Buscar um ponto de entendimento comum;
5. Expressar discordância em termos de idéias, não de personalidade ou motivos;
6. Mantenha o diálogo e a tomada de decisão como atividades separadas;
7. Não interrompa quando alguém estiver falando;
8. Seja sensível ao escolher as suas palavras. A sua mensagem pode se perder se você chocar ou ofender outras pessoas desnecessariamente com uma linguagem exclusiva ou sexualmente explícita;
9. Mantenha o nível de confidencialidade combinado pelo grupo (por exemplo, toda a informação compartilhada não deve ser divulgada fora do grupo, ou comentários serem gravados sem atribuição).²¹⁷

Orientações para uso do material

- Este material foi projetado para utilização em momentos específicos;
- Preparação prévia de equipe de facilitadores/ ouvintes, (com perfil de atuar em trabalho de grupo). Possivelmente nos moldes de classe da Escola Dominical da Assembleia de Deus;
- Ter participado em Oficina de Capacitação para abordar Currículo Teológico sobre HIV/AIDS;
- Aos participantes da Oficina de Capacitação para abordar Currículo Teológico sobre HIV/AIDS espera-se: Estar atento aos membros do grupo e ser encorajador, Estar preparado, Ser paciente com períodos de silêncio, Sentir-se confortável para falar, ouvir, sem conduzir o grupo, Permanecer calmo e firme, sobretudo quando a tensão e as emoções estiverem altas, Ser sensível à necessidade e as reações do grupo;

²¹⁷ SPEICHER, WILSON.2007. p .16.

- Os temas propostos podem ser abordados em encontros semanais, ou num final de semana. (O tempo precisa ser definido com antecipação para não haver desgaste por tempo reduzido ou demasiado);
- Deve ser oportunizada a participação de quantos interessados houver para a reflexão;
- A dinâmica dos encontros deve seguir um horário, local pré estabelecido, quando serão pactuados os seguintes pontos: Sigilo, Concisão, Equilíbrio, Paciência e Bondade, Incentivo e Perdão;
- No preparo dos encontros levar-se-á em conta acomodar as necessidades propostas para execução dos Temas: Intervalos, O Tempo de Reflexão, O Estudo Bíblico, A Música, o Culto, as Refeições e as atividades físicas que estarão intercaladas entre as sessões de diálogo.

Entendendo a dinâmica das sessões (encontros)

- Reflexão Bíblica e Oração:

Uma ou várias das passagens bíblicas sugeridas poderiam ser usadas para reflexão bíblica e para compartilhar, seguida pela oração. A reflexão de temas diferentes pode ser feita por diferentes membros do grupo.

- Introdução ao tema:

O facilitador ou outra pessoa poderia lembrar aos participantes sobre o objetivo do diálogo e as diretrizes, dependendo da necessidade, e o tema da sessão. Qualquer informação necessária sobre o tema deveria ser dada. Tenha em mente que o diálogo precisa de certa base comum de conhecimento e compreensão. As pessoas podem ter concepções equivocadas que podem ser tratadas antes que o verdadeiro diálogo comece. O seu grupo pode decidir ter um palestrante convidado para esta seção que poderia ser um especialista naquele determinado tópico, ou falar da sua experiência pessoal.

- Fazendo perguntas e estimulando o diálogo:

Várias perguntas são sugeridas e que podem ser usadas para estimular a reflexão e o intercâmbio sobre o tópico. Será muito importante adaptar perguntas a participantes específicos do seu grupo, a sua cultura e o seu contexto.

- Refletindo sobre os entendimentos comuns e as diferenças remanescentes:

Quando o tema do diálogo naturalmente chega a um ponto de encerramento, ou o fim da sessão está se aproximando, o facilitador ou os ouvintes podem então devolver ao grupo as áreas de entendimento comum que foram identificadas e áreas onde as diferenças ainda persistem.

➤ Próximos passos:

O facilitador pode indicar qual será a pergunta ou o ponto de partida para o início da próxima sessão.

➤ Oração Final:

A sensibilidade e a direção dependente do Espírito Santo será o condutor neste momento.

➤ Intervalos:

Tenha em mente que é necessário haver tempo para discussão informal entre as sessões.

TEMA I: Diálogo, Estigma e Prevenção de HIV

Reflexão Bíblica:

1. *Falando a verdade em amor.* [Ef 4: 11-16]
2. Buscando Deus, a esperança, e o papel da comunidade da Igreja. [Salmo 27]
3. Perdemos-nos todos, e o Deus redime a todos nós. [Isaías 53: 3-9]
4. A mulher curada de uma hemorragia. [Marcos 5: 25-34]

Introdução ao propósito e processo de diálogo sobre prevenção de HIV

- Faça com que os participantes se apresentem uns aos outros, refletindo sobre o que eles sabem sobre HIV e AIDS e como quando eles escutaram pela primeira vez sobre o vírus. Peça a cada um para compartilhar de que maneira, se houver alguma, eles ficaram impressionados com o HIV ou AIDS.

Lembre aos participantes sobre o propósito reunião: a necessidade para pessoas de fé falar mais abertamente, precisamente e compassivamente sobre a prevenção de HIV para parar a disseminação do vírus. Como as questões implicadas na prevenção do HIV fazem menção tipicamente a questões sensíveis, e mesmo a tabus, o objetivo é criar um espaço seguro onde possamos compartilhar conhecimento, preocupações e idéias abertamente e de maneira respeitosa, buscando compreensão e entendimento comum que poderiam levar conseqüentemente à ação para ajudar a nós mesmos e a nossa comunidade.

Apresente as Regras de Base para o Diálogo e reveja cada regra com o grupo, para que se possa responder a qualquer pergunta e chegar a um acordo sobre o processo.

Nota importante: Se os participantes não estiverem familiarizados com HIV e AIDS, então é necessário dar tempo no início do processo para rever os dados sobre HIV e AIDS – uma história curta e estatística atual, sobre o que são HIV e AIDS, como o vírus é transmitido e tratado, etc. Tempo então deve ser dedicado para perguntas.

Contexto sobre estigma e discriminação relacionado ao HIV como uma barreira para prevenção do HIV

As pessoas não estão recebendo informação exatas sobre HIV e AIDS e não estão buscando a ajuda da qual elas precisam por causa da condenação, ostracismo, isolamento e até violência que foi experimentada – e continua sendo experimentada – por pessoas que vivem com HIV e AIDS. Antes de que possamos abordar a prevenção de HIV, temos de abordar primeiro as palavras, ações e estruturas que são parte deste estigma e discriminação.

Perguntas para o diálogo:

Quais foram as suas reações quando você leu sobre estigma relacionado ao HIV?

O que significa estigma e discriminação: as definições seguintes podem ajudar como ponto de partida:

Estigma: uma marca de vergonha ou desgraça.

Discriminação: tratamento injusto de uma pessoa ou um grupo baseado em classe ou condição.

Você observou – ou sentiu - os efeitos devastadores do estigma e da discriminação a níveis pessoal/familiar /comunitário?

Como você reagiu às pessoas que vivem ou estão afetadas por HIV ou AIDS?

Por que a sociedade vincula este estigma à AIDS (observe mitos e realidades)?

Como o estigma e a discriminação impedem a prevenção do HIV?

O que a sua religião ensina sobre a discriminação?

Qual seria a resposta ao HIV se o estigma e a discriminação não fossem um fator (por exemplo, considere a resposta de saúde e comunidade se alguém tivesse câncer, ou perdesse um amado por causa de um acidente)?

Refleta sobre os entendimentos comuns e as diferenças remanescentes

Próximos Passos:

Existem ações práticas que podemos fazer agora como indivíduos ou como grupo para abordar o estigma e a discriminação relacionados com HIV?

Oração de Encerramento:

TEMA II: Transmissão e Prevenção de HIV

Reflexão Bíblica:

1. “Aquele dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra”. [João 8:1-11]
2. “Assim como fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes”. [Mateus 25: 31-46]
3. Somos todos membros de um corpo. [1 Coríntios 12: 18- 26]

Introdução ao tema

- Faça com que todos escrevam sobre um pedaço de papel a primeira pergunta que eles pensarem se escutassem que alguém é HIV positivo – mesmo se eles nunca o disserem.
- Recolha os pedaços de papel e leia todos em voz alta. Veja quantas delas podem ser agrupadas – e quantas das perguntas se relacionam a “Como você o adquiriu?”

Tenha cópias do **Apêndice A** para cada membro do grupo enumerar formas pelas quais o HIV é transmitido e os métodos para prevenir a transmissão do vírus. Permita que as pessoas façam perguntas se elas não entenderem qualquer informação – mas tente não fazer avaliação de métodos diferentes neste etapa.

Perguntas para o diálogo

Que suposições temos sobre a transmissão de HIV e como isto afeta o que pensamos em termos de métodos apropriados de prevenção?

O que a nossa religião nos diz sobre como tomar cuidado daqueles que estão doentes?

Reveja cada método de prevenção. O que a sua religião diria que afetaria se você encorajasse alguém a usar este método de prevenção ou não? Há outras

preocupações que você tenha sobre a promoção de um determinado método de prevenção?

Faça com que o grupo leia o artigo “A Verdade sobre Preservativos”

Qual é a sua reação ao artigo? Como isto pode modificar o modo em que falamos sobre atividade sexual e preservativos como um método prevenção?

Como deveriam os Cristãos ou as igrejas discutirem ou compartilharem a informação sobre métodos de prevenção que pensamos que não se encaixa com o ensino de igreja?

Como poderia a forma de como as igrejas falam sobre prevenção de HIV contribuir para o estigma e a discriminação? Que tipos de mensagens da igreja sobre prevenção de HIV ajudariam a eliminar o estigma?

Suplemento ao Tema II: A verdade sobre preservativos

Extrato de um artigo publicado no “The Tablet”, 10 de Julho de 2004.

. . . . Não há nenhum ensino magistral oficial sobre preservativos, ou sobre pílulas anticoncepcionais ou diafragmas. Os preservativos não podem ser intrinsecamente maus, só os atos humanos; os preservativos não são atos humanos, mas coisas. O que a Igreja Católica claramente ensinou como sendo “intrinsecamente mau” é um tipo específico de ato humano, definido por Paulo VI na sua encíclica *Humanae Vitae*, e mais tarde incluído no Nr. 2370 do Catecismo da Igreja Católica, como “uma ação que, já seja em antecipação do ato conjugal, ou na sua realização, ou no desenvolvimento das suas conseqüências naturais, pretende, seja como um fim ou como um meio, gerar a procriação impossível”.

A contracepção, como um tipo específico de ato humano, inclui dois elementos: o desejo de manter atos sexuais e a intenção de gerar procriação impossível. Um ato contraceptivo, por tanto, exemplifica uma escolha contraceptiva.

[...] “uma escolha contraceptiva é a escolha de um ato que previne realizações livremente consentidas de intercuro sexual, que são previstas para ter conseqüências procriativas, de ter essas conseqüências, e que é uma escolha feita somente por essa razão.

A definição do ato contraceptivo, por tanto, não se aplica à utilização de contraceptivos para prevenir possíveis conseqüências procriativas de estupro previsto; nesta circunstância a pessoa violentada não decide manter um intercuro

sexual ou prevenir uma possível consequência do seu próprio comportamento sexual, mas está simplesmente defendendo-se de uma agressão sobre o seu próprio corpo e de suas consequências indesejáveis. Uma atleta feminina que participa nos Jogos Olímpicos e que toma uma pílula anticoncepcional para prevenir a menstruação também não está fazendo a “contracepção”, porque não há nenhuma intenção simultânea de estabelecer um intercuro sexual. O ensinamento da Igreja não é sobre preservativos ou semelhantes dispositivos físicos ou químicos, mas sobre o amor marital e o significado essencialmente marital da sexualidade humana. Ele afirma que, se as pessoas casadas tiverem uma razão séria para não ter filhos, elas deveriam modificar o seu comportamento sexual— ao menos periodicamente — pela abstinência de atos sexuais. Para evitar destruir tanto o significado procriativo como o unitivo de atos sexuais e, por tanto, a plenitude da auto entrega mútua, eles não deveriam impedir o ato sexual de ser fértil enquanto mantendo relações sexuais. Mas as pessoas promíscuas, homossexuais sexualmente ativos e prostitutas? O que a Igreja Católica lhes ensina é simplesmente que eles não deveriam ser promíscuos, mas fiéis a um único parceiro sexual; que a prostituição é um comportamento que viola gravemente a dignidade humana, principalmente a dignidade da mulher, e por isso não deve ser praticada; e que os homossexuais, como todas as outras pessoas, são filhos de Deus e amado por Ele como todo mundo é, mas que eles deveriam viver na castidade como qualquer outra pessoa solteira. Mas se eles ignorarem este ensinamento, e estiverem em risco de contrair HIV, eles deveriam usar preservativos para prevenir a infecção? A norma moral condenando contracepção como intrinsecamente mau não se aplica nesses casos. Nem pode haver igreja ensinando sobre isto; seria simplesmente um absurdo estabelecer normas morais para tipos intrinsecamente imorais do comportamento. A Igreja deveria ensinar que um estuprador nunca deve usar um preservativo porque senão ele estaria duplamente em pecado, pelo estupro e por não conseguir respeitar “a mútua e completa pessoal, e assim violar o Sexto Mandamento”? Naturalmente que não. . . .

Parar a epidemia de AIDS mundial não é uma questão sobre a moralidade de usar preservativos, mas sobre como impedir efetivamente as pessoas de causarem as consequências desastrosas do seu comportamento sexual imoral. O papa João Paulo II tem repetidamente insistido que a promoção do uso de preservativos não seja uma solução para este problema, porque considera que ele não resolve o problema moral da promiscuidade. . . . As campanhas para promover abstinência e

fidelidade são certamente, e no final, a única solução a longo prazo eficaz para combater a AIDS. Assim, não há nenhuma razão para a Igreja considerar as campanhas que promovem preservativos como úteis para o futuro da sociedade humana. Porém, possivelmente a Igreja também não pode ensinar que as pessoas com estilos de vida imorais devem evitá-los.

APÊNDICES

Apêndice A: Transmissão e Prevenção de HIV

Como o HIV é transmitido?

O HIV é um vírus que é transmitido através do sangue infetado ou fluidos corpóreos, tais como o esperma e fluido vaginal, que entram na circulação sanguínea de uma pessoa não infetada.

As três principais formas de transmissão do HIV são:

1. Ter relação sexual desprotegida com uma pessoa HIV positiva.
2. Injetar drogas usando uma agulha ou seringa previamente usada por uma pessoa HIV positiva.
3. Estar exposto ao HIV quando ainda bebê, antes ou durante do nascimento, ou por meio da amamentação.

As transfusões de sangue também têm sido uma fonte de infecção de HIV no passado, embora na maior parte dos países todo o sangue usado para transfusões é agora testado para HIV.

Qualquer ação que potencialmente cause que fluidos corpóreos de outra pessoa entre na circulação sanguínea implica em risco, como tatuagens que usam agulhas não esterilizadas ou sangue de feridas de uma pessoa HIV positiva que entra em contato com uma ferida de uma pessoa não infetada.

Contudo, o HIV não pode ser transmitido pela natação, beijo, abraço, espirro, tossida, empréstimo de óculos ou talheres, mordidas de insetos, etc.

Quais são os métodos à base de evidências para prevenir a transmissão do HIV?

Estudos mostraram que a abordagem mais eficaz para prevenção do HIV é abrangente, holística, e sensível à cultura e ao contexto. Os elementos da prevenção de HIV podem incluir o seguinte:

Prevenção de transmissão sexual de HIV:

Abstinência: não ter qualquer intercurso sexual (vaginal, anal, oral); é 100 % eficaz na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

A **fidelidade mútua** entre parceiros que sabem que não são HIV positivos; isto é 100% eficaz na prevenção de infecções sexualmente transmissíveis.

Uso correto e consistente do preservativo (preservativos masculinos e femininos): Ele cria a barreira de modo que o vírus não é transmitido entre parceiros sexuais; reduz o risco da transmissão em 80-90 %.

Tema III Vulnerabilidade e prevenção de HIV

Reflexão Bíblica:

1. Amor e perdão de Deus. [Salmo 103]
2. Jesus e a mulher Samaritana. [João 4: 7-30]
3. O Bom Samaritano. [Lucas 10: 30-37]

Introdução ao tema

Certos grupos de pessoas foram mencionadas por estar no mais alto risco da transmissão de HIV devido a fatores sociais, culturais e econômicos que lhes negam acesso à informação e serviços dos quais eles precisam. As pessoas que são mais vulneráveis incluem (você pode pôr esta lista numa parede para futura discussão): mulheres e meninas, jovens, idosos, homens que têm sexo com outros homens, usuários de droga injetáveis e outros tipos, trabalhadoras sexuais, travestis, pessoas vivendo em pobreza, presos, trabalhadores migrantes, órfãos, pessoas em situações de conflito e pós-conflito, e indígenas. Pobreza, desigualdade, discriminação, isolamento e violência experimentada por tantos, estão em contraste direto com a nossa fé que sustenta uma visão de justiça, paz e dignidade para todos os seres humanos.

Perguntas para o diálogo

Quando você vê a lista dos grupos de pessoas que estão em maior risco de infecção, que fatores os fazem vulnerável à infecção do HIV? Há fatores que eles têm em comum?

Como somos nós – como indivíduos, comunidade ou sociedade – responsáveis pelos fatores que aumentam à sua vulnerabilidade?

Estamos apoiando as pessoas ou estamos julgando-as?

Olhando a cada grupo na lista, quem é responsável pela prevenção do HIV?

Por exemplo, quem é responsável pela prevenção de HIV entre as/os trabalhadoras do sexo e seus clientes?

Podemos dizer que o indivíduo é 100% responsável?

Que tradições culturais, atitudes sociais, estruturas e ambientes na sua igreja e comunidade contribuem à comportamentos perigosos e à vulnerabilidade das pessoas ao HIV?

Na nossa resposta às pessoas que vivem com HIV, estamos abordando a causa raiz do problema ou estamos abordando somente um aspecto dele?

O que a nossa religião nos diz sobre nossas atitudes e ações para com aqueles que são excluídos pela sociedade?

Refleta sobre os entendimentos comuns e as diferenças remanescentes

Próximos Passos:

Existem ações práticas que podemos tomara como indivíduos ou como grupo para abordar a vulnerabilidade especial de certos grupos de pessoas?

Muitos Cristãos acham muito difícil falar abertamente sobre sexo e sexualidade porque aparenta ser um assunto muito privado, muitas vezes sobrecarregado com uma linguagem moralista e associado com o pecado. Mas a sexualidade precisa ser reconhecida como um presente precioso de Deus, o qual é também abusado e violado. Algumas pessoas têm medo de que falar sobre sexo aumentará a promiscuidade, mas ao contrário, foi demonstrado que os jovens atrasam o seu primeiro encontro sexual. Para promover vidas sexuais sãs e fiéis temos que falar abertamente sobre sexo e sexualidade, inclusive questões de abuso infantil, estupro, incesto e o uso da sexualidade para dominar, oprimir e humilhar.

Na preparação para a sessão, compartilhe algumas ou todas as perguntas do Apêndice B para os participantes refletirem em casa.

Suplemento para Sessão III Pobreza e HIV

Apesar da pobreza não causar o HIV e a AIDS, ela pode facilitar a transmissão, fazer com que o tratamento adequado não esteja disponível e acelerar a morte devido a doenças relacionadas a AIDS.

A pobreza torna as pessoas mais vulneráveis à infecção do HIV. Por exemplo, as pessoas que são subnutridas terão uma situação de saúde menos robusta, a qual pode resultar num sistema imune mais débil. Elas também têm menos acesso a facilidades de serviço de saúde e à educação em questões de saúde, como a prevenção de HIV.

Onde a pobreza existe, as necessidades de sobrevivência a curto prazo podem forçar mulheres e meninas e meninos a trocar sexo, a sua única “mercadoria” negociável, por comida, dinheiro, taxas escolares ou outros serviços básicos para eles ou suas famílias.

Enquanto a pobreza aumenta a vulnerabilidade de HIV, o HIV também cria pobreza. Ele faz isto esgotando os recursos já limitados das famílias pobres, levando os

assalariados ao desemprego e desviando rendimento e economias para pagar por medicamentos e serviço de saúde [e funerais].

A indústria e as economias sofrem em consequência do HIV e da AIDS por causa da perda de recursos humanos experimentados pelo absentismo crescente, enquanto a educação e os serviços de saúde perdem professores e pessoal médico.

A desordem causada por conflitos ou desastres pode aumentar a propagação do HIV. As mulheres sobrevivem à violência sexual usadas como uma arma da guerra, ou são forçadas a trocar favores sexuais por comida, abrigo ou outras provisões básicas, que muitas vezes podem ser situações de vida ou de morte.

Texto suplementar para Tema III

Apêndice B: Perguntas de Reflexão sobre Sexo, Religião e Prevenção de HIV

Há muitas sensibilidades culturais diferentes em torno da discussão sobre sexo e sexualidade. Ao ter pessoas refletindo sobre algumas ou todas essas perguntas, o facilitador tem que considerar a melhor abordagem que será culturalmente apropriada sem deixar de lidar com questões difíceis. Na discussão de tais questões, poderia ajudar se houvessem só mulheres, só homens, só grupos de jovens.

Por que é tão difícil para as pessoas falarem sobre sexo e sexualidade?

O que pode fazer você sentir-se desconfortável ao falar sobre sexo e sexualidade?

O que você teme ao começar uma discussão sobre sexualidade com os seus pares, com aquelas pessoas mais jovens do que você, com aquelas mais velhas do que você? O que você pode fazer para reduzir esses medos, mesmo discutindo questões importantes sobre sexo e sexualidade?

Como você acha que Deus quer que os seres humanos se comportem sexualmente? Qual foi a sua orientação para crer nisso?

Você acha que alguém mais poderia ter visões fundamentadas na Bíblia que se diferenciam da sua?

Você espera que as pessoas que acreditam em Deus e vão à igreja se comportem diferentemente daquelas que não vão?

Você acha que na verdade elas se comportam diferentemente?

Qual é a sua interpretação da visão da Bíblia sobre sexualidade, a mesma ou diferente das práticas sexuais da sua cultura?

Você acha que se você estiver falando de pessoas que possuem perspectivas ou práticas diferentes da sua em quanto a sexo e sexualidade, você pode chamá-las de “elas”, e aquelas que você acha que concordam com você de “nós”?

O que acontece se você tentar falar sobre todas as questões de sexo e sexualidade usando a primeira pessoa – eu, nós?

Na sua cultura existem papéis claros nas relações sexuais? Quem inicia o sexo?

Quem decide quando, onde, e como o sexo acontecerá? Você acha algo injusto numa situação quando um parceiro quer ter sexo e o outro não?

Como você define o desejo sexual? Em que idade o desejo sexual começa?

Os homens têm mais desejo sexual do que as mulheres?

Como os jovens aprendem a lidar com o desejo sexual?

Como você define o estupro? O estupro é possível no matrimônio? Homens e meninas podem ser estuprados?

Como você define o abuso sexual?

Se uma mulher ou uma criança forem abusadas, como a igreja deveria atuar – em relação à mulher ou à criança e em relação ao agressor?

Que práticas e comportamentos sexuais na sua cultura aumentam o risco de transmitir o HIV?

Se houver práticas sexuais que aumentam a transmissão de HIV, quanto difícil será modificar estas práticas?

Quando a abstinência é apropriada? Quais são os problemas potenciais de enfatizar a abstinência como o principal método de prevenção de HIV?

Se alguém se absteve do sexo até o matrimônio e logo é fiel ao seu parceiro, como eles ainda assim poderiam estar em risco de infecção de HIV (por favor reveja todos os meios da transmissão de HIV)?

Considere os líderes religiosos – tanto formal como informal – na sua igreja. Que papel eles deveriam ter na prevenção do HIV, envolvendo sexo e sexualidade, que poderia ser diferente do papel dos cientistas ou dos médicos? O que você ouviu que exemplifica uma mensagem ou ação eficaz e útil na prevenção de HIV de um líder religioso.

O que você viu ou ouviu que não é útil?

Tema IV Sexo, Sexualidade e prevenção de HIV

Reflexão Bíblica:

Humanos feito à imagem de Deus. [Gênesis 1:26-31]

1. Novas relações em Cristo. [Marcos 10:42-45]
2. Cuide do corpo de alguém e não explore o irmão ou a irmã de alguém. [1 Tessalonicenses 4:1-8]
3. “Todos são filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus”. [Gálatas 3:23-29]
4. Toda a lei se cumpre numa só palavra – “Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”. [Gálatas 5:13-25]
5. Mulheres e abuso. [2 Samuel 13:1-20]

Introdução ao tema:

Peça a todos para escreverem sobre um pedaço de papel cinco palavras – na ordem que vierem às suas mentes – quando eles ouvem as palavras “sexo” ou “sexualidade”. Se houver tanto homens como mulheres no grupo, peça para que eles indiquem no papel se são homens ou mulheres. O facilitador pode coletar os papéis e ler as respostas. O que foi mencionado mais vezes? Que aspectos do sexo e da sexualidade poderiam estar faltando? As respostas dos homens e das mulheres são diferentes?

Perguntas para o diálogo:

Leia em voz alta os dois parágrafos do quadro. Depois de cada parágrafo, peça reações dos participantes do grupo.

Mudando percepções sobre sexualidade em comunidades de fé

“A epidemia de HIV/AIDS tem cada vez mais chamado a atenção da sociedade sobre a realidade de que os nossos jovens e as nossas comunidades necessitam estar equipadas com um conhecimento sadio da pessoa integral, corpo e mente. A sexualidade precisa ser reconhecida como um dos muitos presentes preciosos de Deus. Ela nos permite conduzir vidas plenas e responsáveis – incluindo uma vida sexual satisfatória numa relação que se ajusta ao contexto de fé e ética de cada um...

Julgar a sexualidade da sociedade – desde a própria situação supostamente “segura, cômoda, infalível e estável” – pode levar a uma visão muito falsa e restringida da realidade. As experiências e as esperanças do marginalizado, explorado e do desprezado trazem perspectivas muito diferentes e nos mantêm firmemente arraigados às realidades existentes. A abertura para escutar as vozes

diferentes nos leva a perceber que somos todos parte do corpo de Cristo, e que as nossas situações individuais de bem-estar são interdependentes, e que somos responsáveis uns pelos outros.”

Algumas perguntas poderiam ser:

Qual é a diferença entre sexo e sexualidade?

De que maneira o sexo e a sexualidade são um presente precioso do Deus?

Por que não falamos mais aos jovens e as nossas comunidades sobre as realidades de sexo, sexualidade e saúde sexual?

Como a nossa visão da sexualidade como um presente do Deus se diferencia das realidades da nossa sociedade e da cultura de hoje?

Quando a gente fala sobre sexo, há o próprio ato sexual, mas há também todos os aspectos da relação que o rodeiam – amor, paixão, luxúria, compromisso, dominância, violência, e mais. Discuta as questões “relacionamentos” do sexo.

Quais são os aspectos de uma relação sexual sadia? O que faz uma relação sexual “não sadia”?

Para dar atenção, apoio e amor para todas as pessoas em necessidade, como deveríamos reagir com aquelas pessoas cujos estilos de vida, orientações ou condições de vida são contrários ao nosso “ideal”?

Como deveria a Igreja encontrar, dar atenção e apoiar aquelas pessoas que são marginalizadas, exploradas, abusadas e desprezadas – por exemplo, trabalhadoras do sexo, homens que têm sexo com homens, e travestis?

Que mensagens você acha que funcionaria melhor na promoção de relações sexuais sadias: mensagens positivas sobre sexo e sexualidade, regras determinadoras “sim” e “não”, ou condenação a certos comportamentos? Existem outras formas de transmitir mensagens eficazes sobre sexo e sexualidade que contribuam para a prevenção eficaz do HIV para todo mundo?

Como a Igreja deveria estar preocupada e envolvida com mensagens sobre sexo, sexualidade, relações sexuais e saúde sexual?

Refleta sobre os entendimentos comuns e as diferenças remanescentes:

Este tópico pode ter tocado em assuntos difíceis com o estupro e abuso infantil. Esteja preparado e compartilhe emocionalmente. Se necessário oportunize local para apoio emocional e aconselhamento.

Próximos passos:

Oração de Encerramento:

Tema V Teste, Aconselhamento e Prevenção de HIV

Reflexão Bíblica:

1. Atenção e orientação de Deus. [Salmo 23]
2. Ajudar as pessoas leva a cura. [João 5:2-11]
3. Lavar os pés uns aos outros. [João 13: 12-17]

Introdução ao tema:

Pode parecer um passo fundamental – as pessoas precisam ser testadas para saber se elas têm o vírus e então podem tomar as medidas adequadas para cuidar delas e assegurar que o vírus não se propagará. Ainda a maioria das pessoas que vivem com o HIV não sabem da sua condição – a Organização Mundial de Saúde estima que mais de 80% das pessoas que vivem com HIV em países de baixo e médio rendimento econômico não sabem que elas estão infectadas. Isto está relacionado ao estigma e a discriminação, a falta do acesso às facilidades para o teste, e falta de informação adequada sobre a transmissão do vírus e os tratamentos disponíveis. Faça com que o grupo reveja as diferentes formas de teste. (Saiba para onde encaminhar caso haja interesse em se submeter ao Teste Rápido)

Perguntas para o diálogo:

Como a disponibilidade do teste de HIV confidencial melhora a prevenção de HIV?

Se ser testado e saber a sua situação forem fatores importante na prevenção da propagação do vírus, por que o teste não é obrigatório é “ineficaz”?

Que barreiras (física, social, emocional, etc.) existem na sua comunidade que impedem as pessoas de solicitar ou receber o teste e o aconselhamento?

Há práticas ou tradições na sua Igreja ou comunidade que põem em perigo a confidencialidade de resultados do teste?

Você acha que casais em que um ou ambos são HIV positivos deveriam ou não deveriam estar casados? Eles deveriam mesmo assim estar casados numa Igreja?

Que mensagem ou implicações isto tem para os indivíduos, suas famílias, e para a Igreja se lhes forem negados serviços na Igreja?

Se você soubesse que era HIV positivo, você seria 100 % responsável por não propagar o vírus adiante? Se você soubesse que era HIV negativo, você seria 100 % responsável para permanecer negativo? Os papéis de gênero na sociedade fazem isto diferente dependendo de se você é um homem ou uma mulher?

Se alguém for testado positivo para HIV, quem deve saber? Quem deveria dizer lhes? Que barreiras existem para as pessoas revelem a sua posição àqueles que têm que saber para que também possam ser testados?

Que mensagem se transmitiria a uma comunidade se os líderes religiosos locais – ou uma igreja inteira – aceitassem fazer um teste de HIV (com resultados confidenciais)?

Você estaria disposto a fazer um teste de HIV (com resultados confidenciais)?

Testando para o HIV

O teste voluntário precedido pelo aconselhamento e iniciado pela pessoa a ser testada tem sido a regra até agora em todos os diagnósticos de HIV e AIDS, mesmo se o teste obrigatório tivesse sido solicitado e teste de rotina fosse praticado. O que implica essas formas diferentes de teste?

Teste Voluntário e Aconselhamento – TVA

A iniciativa de realizar o teste é tomada pela própria pessoa, e o teste de sangue só é feito depois que ela tenha sido informada sobre o teste e as suas conseqüências. Desde uma perspectiva de direitos humanos individual esta é a forma preferida, e deixa toda a responsabilidade com o indivíduo para que a infecção não se propague.

Teste iniciado por terceiros

Aqui a iniciativa de fazer o teste é tomada por alguém que sugere à pessoa para que ela faça o teste, mas a pessoa, depois do aconselhamento, tem que concordar primeiro de que o teste seja feito. Quando alguém toma a iniciativa de sugerir o teste, muito mais pessoas serão testadas e informadas sobre a sua situação de HIV, dando lhes uma melhor base para decisões sobre o comportamento sexual, em particular. Do ponto de vista da saúde pública, é importante que todos saibam sobre a sua situação e tomem as precauções necessárias para não passar a infecção adiante. O teste iniciado por uma terceira pessoa é comum em clínicas pré-natais, onde o tratamento da transmissão de mãe-para-filho é oferecido. Também, quando se suspeita de doenças relacionadas com o AIDS, Tuberculose e outras. O médico pode aconselhar o teste para descobrir que tratamento aplicar.

Refleta sobre os entendimentos comuns e as diferenças remanescentes:

Próximos Passos:

Existem ações prática que podemos tomar agora em favor de promover a execução do teste rápido para o HIV

Oração de Encerramento:

Tema VI Promovendo Vida

Reflexão Bíblica:

1. Escutando o chamado de Deus. [1 Samuel 3:1-9]
2. Jesus veio para que tenhamos vida em abundância. [João 10:10]
3. Andamos na luz. [1 João 1]

Introdução ao tema:

Neste ponto do processo, estamos fazendo um balanço das compreensões que conseguimos através deste diálogo. Antes da sessão reúna de todas as sessões prévias a lista de questões e crenças que os ouvintes disseram que são entendimentos comuns e a lista de diferenças remanescentes. Também coloque junto às listas de ações eventualmente já sugeridas das diversas sessões. Você pode querer pôr cada uma delas sobre diferentes pedaços de papel que podem ser pendurados ou colados numa parede.

Perguntas para o diálogo:

Como os esforços de prevenção de HIV na comunidade podem ser mais eficazes com o envolvimento religioso?

Reveja todos os entendimentos comuns anteriormente expressados. Eles ainda são mantidos como comuns?

Revise as diferenças remanescentes.

O grupo acredita que algo pode ser discutido ainda mais, para que entendimento comum possa ser alcançado?

Que tipo de educação sobre prevenção de HIV a sua igreja, o grupo ou a comunidade poderia aceitar e beneficiar-se dela?

Que mensagens e ações os seus líderes religiosos deveriam realizar quanto à prevenção de HIV?

Próximos Passos:

Reveja os passos de ação já sugeridos. Que ações adicionais poderiam ser realizadas como indivíduos e como grupo?

Oração de Encerramento: